



Universidade Federal de Sergipe

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
POSGRAP – PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
COPGD – COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PPGA – PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

CORPO E PODER EM ACAMPAMENTOS EDUCATIVOS DE LAZER PARA  
ADOLESCENTES

MARIA CRISTINA SIMÕES VIVIANI

SÃO CRISTÓVÃO/SE  
2018



Universidade Federal de Sergipe

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
POSGRAP – PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
COPGD – COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PPGA – PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

CORPO E PODER EM ACAMPAMENTOS EDUCATIVOS DE LAZER PARA  
ADOLESCENTES

MARIA CRISTINA SIMÕES VIVIANI

Trabalho apresentado à Banca do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Dr. Frank Nilton Marcon

SÃO CRISTÓVÃO/SE  
2018

Ficha Catalográfica Elaborada pelo  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe

V859c Viviani, Maria Cristina Simões  
Corpo e poder em acampamentos educativos de lazer para  
adolescentes / Maria Cristina Simões Viviani ; orientador Frank Nilton  
Marcon. -- São Cristóvão, 2018.  
130 f.

Dissertação (mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de  
Sergipe, 2018.

1. Antropologia. 2. Acampamentos. 3. Comportamento humano. 4.  
Adolescentes. I. Marcon, Frank Nilton, orient. II. Título.

CDU 572-053.6



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**





**MARIA CRISTINA SIMÕES VIVIANI**

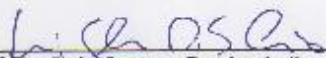
**CORPO E PODER EM ACAMPAMENTOS EDUCATIVOS DE LAZER  
PARA ADOLESCENTES.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

**Aprovada em: 27.03.2018**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Frank Nilton Marcon (Orientador/Presidente)  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFS

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Wellington de Jesus Bomfim  
Secretaria de Estado da Educação/SEED

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFS

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)**  
**2018**

À Bibi.

## AGRADECIMENTOS

*O trabalho escrito pode vir assinado por um autor, mas é sempre fruto dos encontros e das oportunidades que aquela pessoa teve ao longo da vida.*

- Andrea Moraes

Da janela do carro, da van, do ônibus, do caminhão, da caminhonete, do avião, do pau de arara, do barco, da canoa se viam tantas realidades tantas outras realidades. Tantas pessoas e lugares para serem conhecidos.

A curiosidade sempre me moveu. Desde pequena. Sempre encherida. Sempre querendo saber como que a vida acontece na vida dos outros. Passeio na rua e olho pela janela para dentro das casas. Não tenho educação. A curiosidade fala mais alto.

Pela antropologia percebi a oportunidade de tornar meu defeito em virtude. A curiosidade seria bem vista. Podia ficar olhando, analisando e buscando entender a vida dos outros sem parecer invasiva.

Fazer agradecimentos nessa dissertação é mais difícil do que parece. São tantas pessoas que fizeram e fazem parte dela que dá medo dos agradecimentos ficarem maiores do que a própria dissertação. Foram três mudanças de cidade em dois anos. Com mais tantas interiores. Impossível me lembrar de todos os nomes que me ajudaram a concluir o programa. Tantas caronas de beira de estrada que me levaram até Aracaju para assistir às aulas. Aquele policial que, quando eu parava no posto em que ele trabalhava, me oferecia Coca-Cola, banheiro, ajudava-me a parar os carros para conseguir carona mais rápido.

Ao Sapo, que na primeira vez (que depois se tornaram muitas) que parei em seu restaurante e perguntei o preço de todo o cardápio, ele nem cobrou meu café da manhã (e até hoje, se bobear não cobra).

Às pessoas de realidades completamente diferentes que me apoiaram na correria da estrada, e que nunca entenderam muito bem o que a menina de classe média fazia pegando carona até a universidade. E nunca entenderam o que era “antropologia”, porque na verdade, eu também ainda não sei ao certo.

Ao meu parceiro naquela época, Vítor, dedico toda a minha coragem, todo meu processo na escolha da cidade, da universidade, e dos programas que eu iria prestar seleção a uma vaga no mestrado. Todos os estudos que foram necessários para ingressar

na antropologia. Foi você quem repetia todos os dias, e me deu forças para acreditar no quanto que eu era capaz de concluir essa dissertação.

À família “Darrauze”, a mais “bizurada” que alguém pode pedir. Benas, Alici, Táta, Paz e Nena. Vocês, com certeza, não têm a menor ideia de como foram importantes para mim nesse processo. De como vocês me ajudaram e me deram forças para eu não cair. Muito além de dividir o rango e a faxina, vocês me ajudaram a carregar esse mundo de mudanças que eu passei no ano em que vivi com vocês. E vocês não imaginam o quanto que eu sou grata por esse encontro.

À única pessoa que eu poderia ter pedido ao fim de uma aula para dormir na casa sem ao menos conhecê-la direito: Lua. Eu realmente não sei como te agradecer por tudo o que você fez por mim. Muito além de teto e alimento (e de revisar praticamente metade desta dissertação), você me deu base, me deu um porto onde eu podia ficar em paz mesmo longe de casa. Me acolheu com um carinho e um cuidado que só você seria capaz. Te amo, nega.

Ao Guatamonzi, que eu nem sei direito se é uma pessoa ou uma entidade. É um ser de luz. Que me iluminou e me deu o privilégio das conversas mais lindas e profundas ao longo desses dois anos. Meu amigo, você vai estar para sempre dentro do meu peito. Te quero um bem que tu nem imaginas. E agradeço todas as vezes que conseguimos nos ver e dividir uma conversa.

À Joice, que me acolheu no momento mais instável. Que fez da sua morada junto com o Fino uma casa para mim. Que juntos me deram as experiências mais incríveis, os cafés da manhã mais gostosos (e longos) que este planeta já viu. Reaprendi desde a olhar a cidade até a cortar o cuscuz. Amo e admiro vocês demais.

Ao Eluar, e seu jeito doce. Que me ajudou nestas páginas muito além do que eu poderia imaginar. Que andando pela casa atoa, fazendo a comida, me chamando para a rede, fez do fim dessa dissertação, que poderia ser a mais estressante, uma das mais gostosas de se viver. Ao meu preto que topou encarar essa loucura junto, e me convencer que se jogar do precipício, às vezes, vale a pena.

Ao “Corujas” e a tantos outros que estão envolvidos nesse projeto. Que muito além de me darem a oportunidade de escrever essa dissertação me ensinaram sobre o ser humano. Sobre o cuidado e o carinho com o outro. Que pelo cargo de coordenadora me

deram o apelido de “Cruela”, mas me tornaram mais humana do que nunca. Ensinaram-me muito mais do que eu ensinei a eles. Gerentes, coordenadores, monitores, trainees e acampantes do “Corujas”. Não tenho como agradecer por todas as conversas, toda troca que tive nos três anos de trabalho no acampamento. Levo muito além de relações de trabalho, mas amigos para a vida toda.

Ao Frank, que pegou esse trabalho em andamento, e com a maior boa vontade e paciência que este mundo já viu, decidiu orientar uma professora de educação física perdida na antropologia. Com um carinho e uma atenção fora do comum nesse mundo acadêmico. Não tem como não agradecer para muito além deste documento formal, à pessoa que ele é, e ao modo como ele se permite e permite seus alunos olharem a academia. Obrigada, Frank.

À minha família, que cada vez mais sou mais grata. Por me darem todo o apoio, todo o alicerce possível para que eu possa voar como e para onde eu quiser. Que sem a criação fora do comum de mainha e painho talvez eu não fosse tão corajosa, talvez eu não pudesse ousar tanto e fazer tanto. Aos meus irmãos que mesmo compartilhando a criação tem as maneiras mais diversas de enxergar a vida e que me fazem aprender com cada uma delas. Obrigada por tudo ao longo desses 28 anos.

Às minhas amigas de infância, de adolescência, de graduação que me dão um apoio incondicional mesmo longe. Terapeutas de whatsapp que facilitaram todo esse processo e essa distância. Thayna (não sei nem o que escrever aqui para você porque é amor demais), Paulinha (agradeço sempre por você ter aparecido na minha vida), Viviane (não tem como deixar de agradecer, foi a primeira mestranda que tive contato e que me disse desde cedo que eu iria voar longe), Tuin (minha mestre Yoda). E a tantas e tantos outros que participaram desse processo. Ajudaram-me em momentos de crise acadêmica e pessoal. Escutaram minhas histórias e minhas piadas ruins. Entre eles a Isabela, a Raíssa, a Lídia e o Jonatha. Obrigada.

Sem vocês seria impossível escrever essas páginas. Agradeço a cada um que me ajudou a chegar exatamente onde eu estou, e a ser exatamente quem eu sou. Obrigada.



*Não é sobre criar raízes.  
É sobre deixar sementes.*

- Maria Bagunçada

## RESUMO

Os acampamentos educativos são empresas que oferecem serviços de lazer para adolescentes durante as férias escolares. Eles têm a particularidade de promover um serviço em que os adolescentes estão envolvidos intensamente em atividades, em um espaço destinado exclusivamente ao convívio entre indivíduos da mesma faixa etária, com a mediação da infraestrutura do acampamento e do acompanhamento dos monitores, sem a presença do seus pais. Tenho como objetivo compreender a partir do diálogo com as percepções dos adolescentes frequentadores deste espaço, como eles experimentam e constroem suas noções sobre corpo e as implicações que tais noções têm para eles. Procurei entender as negociações e disputas de poder entre os adolescentes e seus monitores analisando quais são os motivos que os levavam ao questionamento e embate. Assim, demonstrando como eles reproduzem e contrapõe os sentidos adultos e o controle do acampamento sobre o corpo e o que ele significa nas relações de poder.

**Palavras-chave:** corpo, poder, disputa, adolescente, comportamento, acampamento educativo.

## **ABSTRACT**

Educational camps are companies that offer leisure services for teenagers during school vacations. They have the particularity of promoting a service where teenagers are deeply involved in the activities, in a place focused on the social interaction of individuals from the same age group, through the mediation of the camp's facilities and counselor's supervision and without the presence of their parents. I have the goal to understand, based on the dialogue with the teenagers' perception that go to this place, how they experience and build their notions regarding the body and the implications that those notions have for them. I sought to understand the negotiations and power struggles between campers and their counselors by analyzing which reasons led to questioning and confrontation. Therefore demonstrating how they produce and compare the adult meanings and the camp's control over the body and what it means for the relations of power.

**Keywords:** body, power, dispute, teenager, behavior, educational camp.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
------------------------	-----------

### CAPÍTULO I

<b>1. O ACAMPAMENTO EDUCATIVO E O ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES, CORPO E PODER .....</b>	<b>23</b>
--	-----------

1.1 O acampamento educativo .....	24
1.2 Criança, adolescência e juventude.....	34
1.3 Corpo e Poder.....	49

### CAPÍTULO II

<b>2. O COTIDIANO DO ACAMPAMENTO.....</b>	<b>60</b>
---	-----------

2.1 As regras.....	61
2.2 A rotina.....	73
2.3 As relações .....	84

### CAPÍTULO III

<b>3. NEGOCIAÇÕES E DISPUTAS SOBRE A DISCIPLINA DO CORPO.....</b>	<b>94</b>
---	-----------

3.1 As resenhas.....	95
3.2 Os crushs .....	104
3.3 Fit Dance .....	112

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>121</b>
-----------------------------------	------------

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>125</b>
-------------------------	------------

## INTRODUÇÃO

Durante meus estudos em antropologia, trabalhei como funcionária eventual em um acampamento educativo, o Corujas. Mesmo que atuando enquanto professora de Educação Física, percebia o meu ambiente de trabalho como um campo rico para uma possível etnografia.

Os acampamentos educativos são empresas que oferecem serviços recreacionais aos pais (ou responsáveis) para seus filhos. São espaços que têm como produto um “lazer de qualidade”, e vendem um tempo de ócio produtivo durante as férias escolares. Para Dumazedier (1976) o lazer se afirmou não somente como uma possibilidade atraente, mas também como um valor social, saindo do conceito de oposição ao trabalho para um produto a ser consumido.

Existe em nossa sociedade atual um variado leque de usos do tempo livre. Com o desenvolvimento dos produtos de consumo, abriu-se uma gama de opções recreacionais que vão de modalidades simples e tradicionais a novidades da indústria de lazer<sup>1</sup>, com brilho e sofisticação (Magnani, 2002).

Com estas diferenciações de produtos, há também formas de entretenimento características de homens, por oposição às de mulheres; de crianças versus de adultos; de rapazes e moças, e assim por diante (Magnani, 2002). Com o relato desta etnografia espero demonstrar como o lazer voltado a este público específico de adolescentes, também funciona como um sistema disciplinar. O trabalho de campo foi feito durante as “temporadas de férias”, que é o produto principal vendido por este acampamento. Cada temporada tem em média uma semana de duração e os acampantes “moram” no acampamento durante sua estadia, tendo atividades programadas do período da manhã até a hora de dormir. Seus celulares são recolhidos no dia de chegada e devolvidos apenas no momento de retornarem às suas casas. Todas as atividades são conduzidas em grupos com os demais colegas, divididas por faixas etárias definidas pelo acampamento: 6 a 9 anos, 10 a 12 anos e 13 a 17 anos de idade.

---

<sup>1</sup> O “lazer” não será tratado ao longo da dissertação como categoria de análise, mas sim como uma característica do produto que o acampamento oferece no mercado.

A maioria dos exemplos citados e embasados nesta dissertação diz respeito a este acampamento onde trabalhei enquanto coordenadora de lazer nos últimos três anos: o Corujas<sup>2</sup>. Para além destes anos no Corujas, trago comigo outras experiências e acontecimentos de doze anos de trabalho enquanto monitora na área de lazer e recreação em *resorts* e outros acampamentos educativos.

Estes acampamentos são geralmente caracterizados por uma predominância de área verde e em local afastado dos grandes centros. Trazem atividades culturais, artísticas e esportivas como forma de desenvolvimento e entretenimento de crianças e adolescentes visando uma ação pedagógica crítica e criativa (Silva, 2004). A maioria destes acampamentos recebe crianças e adolescentes de 6 a 17 anos de idade e oferece uma programação com atividades lúdicas, vendendo uma proposta de lazer pedagógico que trabalhe aspectos cognitivos, motores e sociais com os denominados *acampantes*.

Ao longo desta dissertação usarei o termo “acampantes” para me referir a todas as crianças e adolescentes que estavam no acampamento naquele momento. O termo é utilizado no dia a dia do Corujas para se referir aos que estão ali enquanto clientes - que considero aqui como um termo nativo. Os *monitores*, por sua vez, são os funcionários contratados para tratar diretamente com os acampantes, realizando todas as atividades do dia (jogos, refeições e descansos) junto a eles. A coordenação, como no meu caso, trata diretamente com os monitores e com os acampantes, mas não lidamos diretamente com os acampantes com a mesma intensidade que os monitores. Apenas entramos nos dormitórios em momentos específicos e dormimos em quarto separado. Somos responsáveis pelas atividades propostas e pelos horários, ou seja, pela programação em geral.

Assim, diferente de muitas pesquisas etnográficas habituais, meu acesso ao campo ocorreu antes mesmo do início da proposta de pesquisa para esta etnografia. Entretanto, os problemas que não tive quanto ao acesso, tive quanto à dificuldade de estranhamento do campo etnográfico. Trabalhando há muito tempo com lazer, o distanciamento necessário para uma pesquisa etnográfica foi um exercício diário e custoso. Percebia que

---

2 O nome do acampamento foi alterado para preservar a identidade da empresa afim de não prejudicar seus fins comerciais.

no início da pesquisa deixava de descrever muitas situações porque me pareciam óbvias que funcionassem daquela maneira. Para os autores Beaud e Weber (2007) essa justificativa se dá pela proximidade com o campo de pesquisa:

Tomar-se pesquisador quando se é de antemão participante supõe uma tomada de distância pela qual não será possível apoiar-se sobre as próprias impressões de estranhamento. Em particular, tudo poderá parecer, de antemão, natural, evidente, automático, pois haverá explicação para tudo; ter-se-á a impressão de tudo saber. São inúmeros preconceitos dos quais será preciso livrar-se. Uma grande parte das condições objetivas da pesquisa será regulada de antemão, fora do campo de observação. Você terá estabelecido novas relações de amizade, de aliança, de inimizade, de antipatia e terá esquecido como elas aconteceram e que elas têm efeitos importantes sobre suas interpretações (p. 38 e 39).

Em contrapartida, Velho (1981) defende de que o estudo do familiar oferece vantagens em termos de possibilidades de rever e enriquecer os resultados das pesquisas. O autor acredita que seja possível transcender as limitações da origem do antropólogo, e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico, mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela apresentada e na qual fomos socializados.

Com o tempo e prática, fui percebendo a necessidade de exercitar meu distanciamento diariamente, descrevendo e relatando a rotina do acampamento, realizando uma descrição densa (Geertz, 1973). Oliveira (2000) em seu artigo “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever” fala sobre a importância da percepção do antropólogo para ver e escutar, e do pensamento para produzir um discurso etnográfico. Então, é necessário que haja uma atenção apurada para notar as nuances dos discursos e comportamentos, e refletir sobre eles para produzir uma etnografia que traduza a realidade observada para a realidade do leitor.

Todavia, apesar dos esforços para que essa tradução seja a mais próxima possível da realidade, o discurso etnográfico trata de uma interpretação e por mais que se procure reunir dados “verdadeiros” e “objetivos” sobre a vida daquele universo, a subjetividade do autor está presente em todo o trabalho (Velho, 1981). É através da minha experiência anterior com acampamentos e do meu trabalho no campo durante a pesquisa etnográfica para esta dissertação que fui estranhando e moldando minha análise.

Além da dificuldade de estranhamento, senti-me em meio a um dilema ético, pois eu estava escrevendo uma dissertação analisando diretamente o meu trabalho. Também

tive questionamentos pessoais por estar na área da recreação há muitos anos, e não perceber aspectos que me foram revelados após as reflexões feitas a partir de abordagens antropológicas. Eu fui acampante quando mais nova e foi na recreação o meu primeiro trabalho, juntamente com meu primo e com meu irmão. Estava completamente mergulhada neste universo, e conforme me afastava buscando um olhar antropológico, o percebia mais criticamente na minha atuação. Foi necessário tempo e maturidade para seguir com os trabalhos paralelamente, sem que meus questionamentos, de antropóloga, atingissem-me enquanto recreadora.

Também foi através da antropologia que me reconheci enquanto mulher, jovem, branca e de classe média. Marcadores sociais da minha trajetória e da minha prática profissional que seriam decisivos em minha interpretação das relações para esta etnografia. Outro influenciador determinante foi a minha posição dentro da empresa enquanto coordenadora do lazer. Essa posição de poder traz acesso a informações privilegiadas, ao mesmo tempo em que muito é não dito e reprimido na minha presença. Assim, posiciono-me de forma ciente de que tive acesso apenas ao que a minha função dentro do Corujas deu viabilidade.

Noto que há um afeto na relação dos acampantes comigo, mas também sei que é do interesse deles terem meu carinho e a minha admiração para barganhar com maior facilidade em situações cotidianas do acampamento, como trocar para uma equipe da qual gosta mais ou participar de um jogo que não seria permitido para a sua idade. Com essas relações se tecem dinâmicas de negociações que são mescladas, em momentos de autoridade e afetividade minha com os acampantes e monitores.

Como mencionei, não é o acampante quem contrata diretamente o serviço do acampamento, e sim seus pais ou responsáveis. Dessa maneira, o acampamento muito além de tentar garantir que o acampante volte feliz, dando um retorno positivo sobre o período que esteve longe dos pais, também deve convencer os pais de que o serviço prestado ao seu filho valeu o dinheiro investido. Assim, estas instituições de lazer se empenham para que os responsáveis tomem a decisão de enviá-la novamente para o Corujas, e não para o acampamento da concorrência, ou para acampamento nenhum no futuro.



Com isso, é importante lembrar que a relação entre os acampantes e a empresa tem diversas nuances e embates intrínsecos a ela. Mesmo que se busque um trabalho pedagógico sério, a fim de que as crianças e os adolescentes se desenvolvam em suas diversas potencialidades, ele ainda é um cliente da empresa. Essa realidade não desqualifica os esforços de empresas em oferecer um serviço pedagógico de qualidade, mas não é uma relação livre de disputas. Enquanto existe uma hierarquia institucionalizada socialmente dos adultos sobre as crianças, concomitantemente existe uma relação de contratado e contratante, na qual existe a prerrogativa de que quem tem a razão é sempre o cliente. Assim, percebo a formação de um campo de disputa de poderes nas relações formadas durante a temporada de férias e em contextos de instituições de lazer educativo.

Existe uma tendência destas empresas em posicionar-se de maneira neutra ou a partir de posicionamentos conservadores sobre questões polêmicas, a fim de evitar algum tipo de comprometimento com o contratante. Corpo e sexualidade<sup>3</sup>, por exemplo, são questões tratadas com muito cuidado pelos monitores e são evitados para não gerar possíveis conflitos. Porém quando tais questões surgem há uma reprodução da moralidade presente nos discursos de instituições que lidam com o público adolescente, assim como boa parte das instituições escolares.

No entanto, se de um lado as instituições pensadas por adultos direcionadas ao público infantil e infanto-juvenil reproduzem discursos conservadores, há uma disputa deste espaço pelos próprios adolescentes na reivindicação por sua autonomia. Da mesma forma em que eles sabem que existem comportamentos sexuais que são malvistas ou até negados para a sua idade (pela família, pela escola, e outras instituições), os acampantes entram em conflito com as autoridades da empresa, negociam e disputam espaço de acordo com os seus interesses.

Estes comportamentos específicos negados às crianças são resultado de um processo histórico. Para Elias (1990), foi com a ascensão da classe burguesa que paulatinamente, houve uma transformação através da qual se civilizaram as emoções, configurando em uma regulação e moldagem dos impulsos. Foi com este surgimento de

---

<sup>3</sup> Ao longo da pesquisa trato a sexualidade sob a perspectiva de um tipo de afeto específico que percebo sendo reprimido no cotidiano do acampamento no comportamento dos acampantes.

novas fases do processo civilizatório que emergiu uma associação mais forte de sexualidade com vergonha e embaraço, e a correspondente restrição a este comportamento (Elias, 1990).

Desta maneira, impulsos ou inclinações socialmente indesejáveis começaram a ser reprimidos com maior rigor. A restrição ao comportamento sexual se espalhou mais ou menos uniformemente em toda a sociedade, associados ao embaraço, ao medo, à vergonha ou à culpa. A modelagem dos corpos objetiva a tornar automático o comportamento socialmente desejável, condicionando a partir da infância a aceitação de determinado padrão social (Elias, 1990).

Para isso, a vida instintiva das crianças tem que ser rapidamente submetida ao controle rigoroso e modelagem específica através dos pais e da sociedade como um todo, que exercem pressão sobre a nova geração. Para seguir estes novos padrões sociais, as crianças têm no espaço de alguns anos que atingir o nível avançado de vergonha e nojo do corpo, que demorou séculos para se desenvolver, havendo uma tolerância para os comportamentos ainda não apreendidos nos primeiros anos de vida. E só através desse crescimento na distância dos comportamentos esperados entre adultos e crianças é que o “esclarecimento de questões sexuais” se tornam um problema (Elias, 1990).

A sexualidade que geralmente manifesta-se com maior vigor na adolescência, é tratada pelos adultos como um comportamento que deve ser reprimido e controlado neste momento de transição. A adolescência é uma etapa transitória marcada pelo corpo em transformação. Ela representa um período de maturidade que se apresenta como conflitiva e problemática na medida em que o adolescente é obrigado a deixar de ser criança, a crescer e a construir sua autonomia (Urresti, 2011).

Na maioria dos casos, os adolescentes percebem importantes mudanças em seu corpo e na sua sexualidade, e se encontram distantes do sistema de coordenadas que os orientava durante a infância. É uma etapa em que se abandona as certezas próprias da infância e se inaugura uma crise de identidade temporária, que se resolve com as novas certezas e obrigações da vida adulta (Urresti, 2011).

Mauss (1934) afirma que “temos um conjunto de atitudes permitidas ou não, naturais ou não” (p. 218). Essas atitudes estão diretamente relacionadas ao sexo e à idade dos corpos. Sendo um dos percussores nos estudos sobre os significados dos movimentos

dos corpos nas sociedades, o antropólogo defende que “o corpo é o mais natural instrumento do homem” (p. 217). O autor denomina como “técnicas corporais” a maneira que homens e mulheres utilizam seus corpos na sociedade através de atos tradicionais e eficazes. Ele também defende a ideia de que existe uma “imitação prestigiosa” dos corpos e atos, percebidos como bem-sucedidos em uma sociedade, caracterizando sua cultura e seus comportamentos corporais. É através desta “imitação prestigiosa” que os indivíduos imitam atos e comportamentos que tem êxito e sucesso em seu meio, havendo uma construção social deste corpo (Mauss, 1934).

O corpo na sociedade ocidental é o signo do indivíduo, o lugar de sua diferença e de sua distinção. Fazendo com que a vivência de um corpo seja ambígua, pois “se tem” um corpo, e ao mesmo tempo “se é” um corpo. Le Breton (2016) defende que viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao seu corpo, a partir do simbólico que ele encarna. Assim, entende que o corpo é uma construção simbólica social e cultural. Para Lima:

Valorizar o corpo significou ampliar o seu conceito, compreendendo-o para além de um mero espaço físico ocupado por um conjunto de órgãos, pois passa a ser nele o lugar em que se dá, se realiza e se manifesta não só as suas aptidões e contingências físicas, mas também e sobretudo o conjunto complexo de reciprocidade e inter-relações entre as emoções, a sexualidade, sentimentos, os pensamentos e os desejos humanos, tornando assim a noção ou mesmo o conceito de “corpo” em algo eminentemente rico e complexo. (2013, p. 3)

O corpo é o nosso primeiro instrumento de relação com o mundo e é através dele que se passam e se iniciam as relações sociais. O corpo ocupa muito além de apenas um espaço no tempo, tem uma linguagem própria que exprime falas e marcas implícitas. É a fronteira entre o individual e o social, local de signos culturais como a aparência, traduzida em postura, roupas, higiene pessoal, práticas corporais, expressões linguísticas, códigos de interação e afeto (Nascimento et al., 2012).

O corpo é a primeira forma de distinção social (Sayão, 2003), agindo simbolicamente sobre o mundo que o cerca. (Le Breton, 2003). Assim, não existe um comportamento natural ao corpo, nosso comportamento e nossas emoções foram construídas culturalmente também ao longo da história ocidental até nossos dias (Elias, 1990).

Elias (1990) defende que a cultura corporal embutida em nossa sociedade foi construída através do regimento dos corpos e das emoções. As pessoas forçadas a viver de uma nova maneira em sociedade, tornaram-se mais sensíveis às pressões das outras. Com as novas relações de poder o código do comportamento tornou-se mais rigoroso, e o senso do que fazer e não fazer, para não ofender ou chocar o outro, ficou mais sutil em comparação com a fase precedente.

O autor ainda defende que atualmente, o círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, a censura e pressão da vida social que modela seus hábitos são tão fortes, que as crianças têm apenas a alternativa de submeter-se ao padrão de comportamento exigido pela sociedade. O indivíduo que não atinge o nível exigido de controle das emoções é considerado como “doente”, “anormal”, “criminoso”, ou simplesmente “insuportável” (Elias, 1990).

Esses corpos além de condicionados pelo processo civilizatório também são disciplinados dentro das regras sociais. Foucault (2014) faz uma análise do corpo enquanto campo político. Para o autor as relações de poder têm alcance imediato sobre ele. Dessa forma, o corpo pode ser submetido, pode ser utilizado, pode ser transformado e aperfeiçoado. Forma-se então uma política das coerções, um trabalho de manipulação calculada dos elementos do corpo, de seus gestos e de seus comportamentos. O corpo está sempre preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Por meio de um sistema de vigilância e punição, por pequenas e grandes instâncias sociais, os corpos são disciplinarizados e docilizados (Foucault 2014).

O objetivo geral desta dissertação é identificar através da antropologia e da etnografia como se dão as negociações e disputas de poder sobre o corpo entre os acampantes e as instituições de lazer e seus representantes (monitores, coordenadores e proprietários). Mais especificamente, em um acampamento educativo que tem a particularidade de oferecer um serviço em que adolescentes estão envolvidos intensamente em atividades, em um espaço destinado exclusivamente ao convívio entre indivíduos da mesma faixa etária, com a mediação da infraestrutura do acampamento e do acompanhamento dos monitores, sem a presença do seus pais, busca-se compreender

quais são os motivos que levam a este questionamento e embate, e por fim como é feita a negociação desta disputa de significados sobre o corpo.

Como objetivos específicos desta dissertação, a proposta é: 1) Identificar quais as disputas de poder sobre o corpo entre os acampantes e os monitores da instituição; 2) apontar como são as dinâmicas desta disputa; 3) destacar como os acampantes entendem, questionam e praticam suas noções de corpo.

Cohn (2005) aponta a necessidade de trabalhos que forneçam visibilidade à outras faixas etárias além da adulta, reconhecendo tanto crianças quanto adolescentes como seres sociais plenos. Trabalhos que avancem na legitimidade destas crianças e adolescentes enquanto sujeitos, fugindo de uma relação adultocêntrica com o público estudado.

Neste estudo irei tratar os adolescentes enquanto atores sociais. Isso porque entendo que eles não estejam completamente submersos e passivos à realidade. Compreendo que os adolescentes são sujeitos sociais que também formulam sentidos ao mundo que os rodeiam, não são apenas produtos de culturas, mas também produtores de cultura (Cohn, 2005). Percebo que crianças, adolescentes ou jovens não são adultos em formação, mas sim sujeitos capazes de tomar suas próprias decisões e com as quais constituem relativa autonomia cultural.

Amparo esta dissertação na longa discussão sociológica que já se realizou a respeito das fases da vida, especificamente sobre a fase de transição entre ser criança e ser jovem, a adolescência. Segundo Feixa (2006), a noção de adolescência foi inventada em consequência das diversas reformas sociais da era industrial, permitindo que surgisse uma nova geração consciente de criar uma cultura própria distinta da dos adultos.

O reconhecimento científico e social desta nova categoria de idade, se iniciou nos Estados Unidos e Grã-Bretanha para depois se espalhar para os demais países ocidentais. A consequência desta classificação se deu através de diversas reformas na escola, no mercado de trabalho, na família, no serviço militar, nas associações juvenis e no mundo do ócio que sinalizavam considerar que esta parcela da população não era mais criança, porém ainda não era adulta (Feixa, 2006).

O livro de Stanley Hall *“Adolescence: its Psychology and its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education”* foi

reconhecido como o primeiro tratado teórico sobre adolescência, em 1904. O psicólogo e educador norte-americano defendia uma teoria psicológica de recapitulação, em que cada indivíduo, em seu desenvolvimento, reproduzia etapas da evolução da espécie, da selvajaria à civilização. A adolescência corresponderia a uma etapa pré-histórica de turbulência e transição, dominada por forças instintivas. Seria uma etapa da vida vista como um período livre de responsabilidades, caracterizado pelo conformismo social (Feixa, 2006). Segundo Feixa (2006), Hall difundiu uma imagem positiva da adolescência como um paradigma de progresso da civilização industrial. Suas teorias tiveram uma enorme repercussão entre educadores, pais, mães, políticos e dirigentes de associações juvenis. A influência de sua obra foi responsável por consagrar o conceito de adolescência definido a partir da relação entre idade biológica e neurológica em um período de amadurecimento, de transição e de formação para a preparação da vida adulta (Feixa, 2006).

A utilização da categoria nas esferas do mundo pedagógico, legal e da saúde (inclusive pela educação física), institucionalizou o termo adolescência de tal forma que esta denominação passou também a ser utilizada no cotidiano como marcador de uma etapa do ciclo vital. Durante meu trabalho de campo, percebi que a categoria adolescente também é a forma mais recorrente utilizada por monitores, por coordenadores e pelos pais para se referirem aos acampantes, assim como é a forma mais recorrente que os acampantes utilizam para se referirem a eles próprios. É sobre esta noção de adolescência como definidora dos acampantes, como sujeitos que vivem uma fase da vida na transição da infância para a vida adulta, que o meu objeto de estudo se encontra, eles e elas também se auto determinam e se reconhecem enquanto “adolescentes” e agenciam suas vidas a partir deste entendimento.

Antes de me concentrar sobre o tema, realizei uma revisão bibliográfica e notei a falta de estudos antropológicos e sociológicos que analisem a concepção destas propostas institucionais de lazer. Se faz necessário entender como funcionam estas instituições, como que elas definem crianças, adolescentes e jovens, e para quem e o que seus serviços são destinados. Além disto, estes espaços de recreação se caracterizam como um campo rico para possíveis estudos e observações com crianças e adolescentes, no que diz

respeito às particularidades produzidas pela socialização neste tipo de ambiente e instituição.

Para esta etnografia, realizei observação com participação direta, tomando notas e refletindo sobre o que se entendia como relevante à compreensão do objeto de estudo. Baseando-me em Geertz (1973), compreendo que a etnografia é uma ciência interpretativa onde o etnógrafo busca construir uma explicação para os fenômenos que observa. O antropólogo anota o significado que as ações particulares têm para os atores, elaborando um conhecimento sobre a sociedade na qual ele está. Para além captar o sentido, o antropólogo explora as possibilidades de sentido. Geertz explica que:

Fazer etnografia é como tentar construir uma leitura de um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não só com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios do comportamento modelado (1973, p. 20).

Busco compreender os adolescentes observando suas interações. Acredito que são através delas que se constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação (Pais, 1990). Desta forma, procuro colaborar com o entendimento da visão dos adolescentes desta geração atual sobre ela mesma, amparando outros estudos e compreensões sobre sua relação com o corpo e os significados que exercem poder através de seus usos.

Durante a realização da pesquisa de campo não havia um horário ou atividade específicos no qual eu dedicasse minha observação com maior rigor, as questões foram sendo vivenciadas e observadas pelo relevo dado pelos entendimentos sobre corpo entre os acampantes e os monitores. Alguns colegas de trabalho mais próximos, tanto da equipe de lazer quanto da equipe de saúde, sabiam de minha pesquisa e me ajudavam comentando alguns casos que acreditavam que seriam úteis à minha pesquisa. No acampamento as atividades se iniciavam com a alvorada por volta das nove horas da manhã e terminavam com o momento de voltar para os quartos para irem dormir, por volta da meia noite.

Ao final do dia quando as crianças já haviam se recolhido para dentro dos quartos para irem dormir, eu sentava e ia escrever meu diário de campo. Tive dificuldade em

manter os dois trabalhos paralelos, embora este procedimento de escrever notas regularmente tenha sido extremamente importante para a análise posterior. O trabalho no acampamento é uma jornada de trabalho intensa e extensa. Apesar da exaustão, escrever diariamente me ajudou a compreender melhor meu objeto de estudo e possibilitou que eu me envolvesse com a pesquisa.

Outro aspecto decisivo e complicado na pesquisa foi o vínculo empregatício com a empresa privada na qual eu faria a etnografia. Apesar de perceber que era uma grande oportunidade pela dificuldade de realizar estudos etnográficos em empresas privadas, tive receio de expor problemáticas que para mim seriam relevantes, porém desinteressantes para a empresa. Ou seja, para os seus proprietários e aqueles que eram meus colegas de trabalho.

Foram etnografadas sete temporadas de férias (uma temporada em junho de 2016, três temporadas em janeiro de 2017, uma temporada em junho de 2017 e duas temporadas em janeiro de 2018). As temporadas de férias são “pacotes de lazer” vendidos aos pais ou responsáveis com a proposta de trabalhar aspectos físicos, cognitivos e sociais durante as férias escolares. Os responsáveis pela criança ou adolescente podiam optar por temporadas de 5, 6 ou 7 dias em janeiro, ou de 6 dias em junho, caracterizando o tempo de permanência do acampante no Corujas. As temporadas variaram de 35 a 96 acampantes em uma só temporada.

Para responder as questões desta pesquisa, esta dissertação foi organizada em três capítulos. No primeiro capítulo busco caracterizar o campo etnográfico, o público estudado e os conceitos que serão abordados e darão suporte à pesquisa etnográfica. Com isso, espero que o leitor compreenda como é o campo de pesquisa, quem é o objeto de estudo, e quais os conceitos que trago para contribuir com a discussão e compreensão antropológica sobre o tema.

No segundo capítulo irei contextualizar o imaterial que caracteriza este campo etnográfico. O capítulo analisa o cotidiano vivido no acampamento e será dividido entre “as regras”, “a rotina” e “as relações”. Situando o leitor tanto no contexto da pesquisa, quanto no de sua problemática, busco analisar e compreender a relação entre o que propõe o acampamento e modo como a experiência é vivenciada.



No terceiro capítulo serão abordados momentos da etnografia que embasam os argumentos e o debate sobre as disputas de poder sobre o corpo nos acampamentos educativos. Destaco três recortes da etnografia para a dissertação: as “resenhas”, os “*crushs*” e o *Fit Dance*, buscando a perspectiva dos acampantes. Com estes três enfoques espero compreender a partir do diálogo com as suas percepções, como eles experimentam e constroem suas noções sobre corpo e as implicações que tais noções têm para eles no contexto das relações que vivenciam no acampamento. Também me interessa entender como eles reproduzem e contrapõe os sentidos adultos, como se dá o controle do acampamento sobre o corpo e o que ele significa socialmente.

## CAPÍTULO I

### O ACAMPAMENTO EDUCATIVO E O ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES, CORPO E PODER

Os acampamentos educativos no Brasil têm uma forte influência americana, trazendo consigo a ideia de um consumo de lazer de qualidade, que seja produtivo na perspectiva dos pais que estão contratando o serviço para os seus filhos. Estas instituições geralmente recebem crianças da faixa etária de 6 a 16 anos de idade. Os acampantes frequentadores destes espaços, se percebem longe da vigilância de seus pais, e veem sua estadia no acampamento como uma possibilidade de transgressão de regras impostas pelos seus responsáveis no dia a dia. Entretanto, o acampamento enquanto empresa contratada segue as perspectivas do cliente que a contrata, tendo assim funcionários responsáveis pelo monitoramento destes adolescentes.

Os monitores são os funcionários contratados destas instituições de lazer que tem como responsabilidade o acompanhamento e monitoramento dos acampantes em seu período de estadia no acampamento. Todavia, os monitores não tendo a mesma autoridade dos pais, sendo apenas representantes da vontade destes, entram em um campo de disputa sobre os comportamentos esperados e os comportamentos reais destes adolescentes.

Na primeira parte deste capítulo trago a história e as propostas gerais dos acampamentos educativos. Com poucas instituições de lazer que trabalham enquanto acampamentos educativos, não são muitas pessoas que tiveram contato com este tipo de proposta. Quando se fala em um acampamento que recebe crianças e adolescentes, se abre espaço para uma má interpretação partindo do imaginário da palavra “acampamento”. Entretanto, os acampamentos educativos raramente trabalham com barracas e *camping*. As instalações em que se recebem os acampantes, têm muito mais a ver com um conceito de *resorts*<sup>4</sup> do que acampamentos em si. Em suma, um acampamento educativo como veremos a seguir, tem como proposta um lazer

---

<sup>4</sup> Resorts são hotéis de luxo com grande quantidade de área verde destinados para o lazer e entretenimento dos hóspedes.

institucionalizado para crianças e adolescentes que busca sanar os anseios dos pais, mães e responsáveis de um “lazer de qualidade” para os seus filhos, durante as férias escolares.

Na segunda parte deste mesmo capítulo debato entre os conceitos utilizados academicamente e socialmente para se referir ao público referenciado nesta etnografia. Caracterizo a discussão das ciências sociais sobre os conceitos de adolescência e juventude, procurando me situar no debate sobre os conceitos e justificar as escolhas conceituais utilizadas nesta pesquisa.

Enfim, a terceira parte do capítulo “Corpo e Poder” apresento uma discussão sobre conceitos que serão reiteradamente abordados nesta dissertação, objetivando entender o corpo como significante disputado socialmente e as implicações destas disputas na produção de sentidos e poder, que envolvem adolescentes e adultos.

## 1.1 O ACAMPAMENTO EDUCATIVO

Os acampamentos educativos são espaços de lazer voltados à crianças e adolescentes que têm uma proposta pedagógica de desenvolvimento cognitivo, motor e social através da ludicidade. Estes acampamentos são geralmente caracterizados por uma predominância de área verde em local afastado dos grandes centros. Eles trazem atividades culturais, artísticas e esportivas como forma de desenvolvimento e entretenimento (Silva, 2004).

Vivolo-Filho (2003), define o acampamento educativo como:

Um local com estrutura física organizada e segura, onde a criança ou o jovem encontra novas possibilidades de atividades que proporcionam as mais variadas experiências, com supervisão completa de uma equipe de profissionais qualificados e preocupados com o desenvolvimento da autonomia da criança e do jovem, através do convívio social e contato com a natureza (p. 4).

Vivolo-Filho afirma no trecho acima de que os profissionais são “preocupados com o desenvolvimento da autonomia da criança e do jovem”. Porém, podemos questionar a quantidade ou a qualidade desta autonomia relendo os termos da mesma frase: “estrutura física organizada e segura” e “supervisão completa”. São termos que demonstram um sistema de vigilância constante a que estes acampantes estão submetidos,

com seus comportamentos observados a todo o tempo, dando pouco espaço para autonomia.

Em um sistema de vigilância hierárquica como acontece em acampamentos educativos, o exercício da disciplina se utiliza de técnicas que induzem os efeitos do poder. Isso para que o comportamento de cada acampante seja vigiado, apreciado, sancionado, e as qualidades ou os méritos sejam medidos, lembra as reflexões que Foucault (2014) realiza sobre vigilância e as instituições de controle o corpo na modernidade.

Silva (2004) argumenta em sua pesquisa que os acampamentos têm uma infraestrutura montada para receber crianças e adolescentes, e que estes espaços se tornaram uma opção para as famílias que buscavam uma alternativa de lazer para as férias escolares de seus filhos. Ela ainda complementa com a informação de que existem diversas propostas de acampamentos pelo Brasil: religiosos, ecológicos e culturais. Mas que uma proposta em comum à maioria dos acampamentos é a de uma formação humana, de viver em harmonia com as diferenças e respeitá-las (Silva, 2004).

A autora coloca que uma proposta comum dos acampamentos educativos é a de respeitar as diferenças. Porém o acampamento, enquanto instituição disciplinar, também reproduz uma lógica normalizadora, em que compara, diferencia, hierarquiza e homogeniza (Foucault, 2014).

Já para Chamliam (2005) os acampamentos educativos traçam um desenvolvimento pessoal e social através do lúdico, com atividades com objetivos pedagógicos e com foco maior na cooperatividade do que na competitividade. Sobre as diferentes identidades e propostas de acampamentos educacionais o autor destaca:

Muitos acampamentos passam por essa fase de criação de uma identidade própria e, em muitos casos, acabam mesclando várias filosofias e formas de trabalho. Alguns tornam-se um parque temático para crianças devido à grande quantidade de equipamentos lúdicos e atrações oferecidas; outros enfatizam campeonatos esportivos, entrega de prêmios, medalhas; outros se voltam para atividades de aventura, escaladas, trilhas, fogueira, estudos do meio ambiente, projetos pedagógicos e atividades ecológicas e, ainda, outros para o estudo de línguas estrangeiras, alguns para grupos especiais, como pessoas com deficiências, grupos de diabéticos, acampamentos para a terceira idade e para grupos religiosos, promovendo encontros e retiros espirituais (saudação ao sol, orações, etc.). (Chamliam, 2005, p. 31)

Percebe-se neste arsenal de propostas dos acampamentos educativos, que além de se mostrarem como alternativas de lazer para crianças e adolescentes, também se trata de um produto a ser consumido, tendo uma variedade de possibilidades de escolha.

Para Dumazedier (1976) o lazer se afirmou não somente como uma possibilidade atraente, mas também como um valor social. Em 1958 o lazer foi definido por Ripert como uma “atividade livre, não paga que oferece uma satisfação imediata” (Dumazedier apud Ripert, 1976). Dumazedier critica esta definição a chamando de reducionista, e coloca o lazer como:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (1976, p. 34)

Da mesma forma que o conceito de lazer se desenvolveu e se complexificou, as propostas de lazer também se arrojaram e dispõem de maneiras cada vez mais atraentes a fim de atrair possíveis clientes. O lazer deixou de ser tratado conceitualmente como oposição ao trabalho para ser entendido também como um produto a ser consumido.

Os objetos de consumo são usados ativamente para afirmar prestígio, status e pertença a grupos sociais específicos. Isto é, os indivíduos utilizam expressivamente o consumo para demarcar e materializar estratégias de distinção e identidade social (Rosales apud Bourdieu, 2009) e o lazer entra nesta lógica.

Os anúncios de empresas que oferecem serviços de lazer são sempre com pessoas alegres e sorrindo, ou seja, vendem satisfação e felicidade. O lazer enquanto produto traz uma obrigação intrínseca a ele em nossa sociedade atual: quem o consome deve estar feliz. Essa pressão pela felicidade compulsória já existente em nossa sociedade contemporânea ocidental e é potencializada através dos produtos de lazer. Com isso subentendido, a frustração, a tristeza, e outros sentimentos vistos como negativos, são reprimidos durante a temporada de férias os acampantes, por exemplo. Paralelamente, as emoções vistas como “positivas” ganham destaque nos materiais de divulgação, assim como na própria prática do acampamento.

Como a ideia de acampamento pedagógico se torna um produto a disposição no mercado do lazer, a publicidade sobre tais atividades se torna parte da construção de sentido que se elaboram sobre o significado desta relação entre satisfação adquirida pela participação nestas atividades. O antropólogo Everardo Rocha (1990) percebe os anúncios da sociedade capitalista como uma costura de outra realidade, que com base nas relações concretas de vida dos atores sociais, produz um mundo idealizado. O acampamento Corujas não foge à regra. Com um discurso sobre “o brilho do Corujas”, e “a magia do Corujas”, o produto vendido pela empresa é colocado como algo que dispõe de um efeito mágico sobre os participantes.

Todos os dias são colocadas fotos e um vídeo para que os familiares dos acampantes acompanhem a temporada de férias. Este mesmo material é também utilizado como divulgação do acampamento. É feito um recorte intencional da mídia produzida durante a temporada para se vender emoções positivas, como narrativas vivenciadas pelos acampantes. O material produzido se torna um produto fabricado a fim de transmitir a sensação de que comprando aquele serviço também é possível vivenciar aquelas mesmas emoções mostradas no produto anunciado, como já demonstrou Rocha (1990) em seus estudos sobre publicidade e os efeitos simbólicos na reprodução e na construção de valores.

Dumazedier (1976) caracteriza o lazer em três funções: descanso; divertimento e recreação; entretenimento e desenvolvimento. Contemporaneamente parece que há uma hierarquia entre os tipos de lazer, caracterizando-os como o lazer “mais produtivo” e o “menos produtivo”. Em uma sociedade em que não é permitido o ócio, até o lazer deve render algum tipo de produção.

Acredito que este lazer produtivo, visto de maneira positiva pelos responsáveis que contratam os serviços do Corujas, esteja relacionado a três focos principais: ganho de autonomia, de habilidades criativas e sociabilidade do acampante. São aspectos vendidos pela empresa aos compradores em busca de credibilizar seu serviço em uma sociedade em que o ócio é malvisto, e em que a produção e o consumo são valorizados.

Pode-se questionar qual a autonomia, a criatividade ou a sociabilidade estimulada, porém, provavelmente, elas são mais presentes no cotidiano do acampamento do que em um cotidiano escolar. Com isto, é um produto procurado pelo seu apelo à uma ideia de

liberdade comportamental, se comparado com as instituições escolares. Não existindo a obrigatoriedade de uniformes, de silêncio durante toda a atividade, e realizando atividades consideradas mais atraentes por serem realizadas em espaços abertos e serem majoritariamente interativas. Porém a rigidez de horários, regras e respeito à uma hierarquia é uma característica marcante.

Geralmente as atividades dos acampamentos educativos são organizadas por faixa etária. Enquanto que nas crianças mais novas há um maior foco na criação e na ludicidade, nos mais velhos o foco está na aventura e na adrenalina. É uma programação pensada por adultos para as diversas faixas etárias que frequentam o acampamento que muitas vezes estereotipam as crianças e os adolescentes. Também os colocam divididos segundo aspectos motores e cognitivos, porém não consideram os aspectos sociais e suas particularidades. Assim, a instituição cria um imaginário de um modelo único de ser criança e ser adolescente, que também é definido obedecendo a ideia de que grupos de idade devem se relacionar entre seus próprios grupos de idade. Uma visão etapista da infância, da adolescência e da juventude.

O Corujas recebia poucos acampantes até a temporada de junho de 2017. Eram 54 leitos apenas, e depois de uma ampliação no fim de 2017 começou a receber até 100 acampantes. Ainda assim é um número pequeno comparado a outros acampamentos no Brasil. Essa quantidade reflete consequentemente em uma equipe reduzida. Com poucos monitores no acampamento, praticamente todos se conhecem, a não ser no caso de algum integrante novo.

O acampamento tem 30 hectares de área com lago, campo de futebol, piscina, quadra de vôlei de praia, refeitório, recepção e os quartos onde os acampantes dormem. É uma área construída e pensada para este propósito: receber crianças e adolescentes para momentos de lazer e interação. São diversos funcionários contratados formalmente e informalmente além da equipe de lazer para o funcionamento do acampamento: equipe de vendas, cozinha, faxina, manutenção, segurança e Departamento de Saúde e Bem-Estar (DSBE). Os trabalhadores da cozinha, da manutenção, da faxina e da segurança são da própria região onde o Corujas está instalado. Enquanto os profissionais do DSBE e da área de lazer são moradores da região metropolitana, que fica a 70km do acampamento. A maioria de todos os envolvidos no funcionamento do acampamento são trabalhadores *free*

*lancers*, ou seja, os monitores e coordenadores empregados só vão ao acampamento em dias que acontecem eventos. Caso não haja evento apenas alguns trabalhadores que têm vínculo empregatício vão cuidar da manutenção e segurança do espaço.

Segundo os gerentes, a filosofia do Corujas baseia-se principalmente no respeito à criança e ao adolescente e a sua individualidade, dando atenção às suas demandas e necessidades. Motivar a interação, e por consequência a criação de laços sociais, como também a participação das atividades. Porém, há uma dificuldade em seguir a teoria na prática. Evidente que trabalhar com crianças e adolescentes é complexo e que envolve pequenos jogos de poder.

Mesmo que essas instituições de lazer clamem por respeitar a individualidade das crianças e dos adolescentes que recebem, é incompatível que se mantenha o controle e a vigilância sobre os acampantes, respeitando todas as suas singularidades. A programação de um acampamento educativo obedece a horários e normas de disciplina que recordam a rigidez de instituições militares. Existem formas sutis de submissão e hierarquia que estão presentes dentro da rotina de qualquer acampamento, e sofrem punições caso não sejam respeitadas. São horários fixos das atividades diárias como refeições, banho e descanso, sem que o acampante tenha a escolha de cumpri-las separadamente ou de não as cumprir. Foucault (2014) percebe os horários rígidos, a distribuição de tempo e as atividades regulares, como técnicas de coerção de um indivíduo obediente, sujeito a hábitos, regras e ordens. Uma autoridade que se exerce continuamente sobre ele e em torno dele, e que ele deixa funcionar automaticamente nele.

A equipe de monitores é formada majoritariamente por estudantes universitários entre a faixa etária dos 18 aos 24 anos, e para a maioria deles este é o primeiro emprego. Os monitores passam por treinamentos e procedimentos para fazer parte da equipe de monitoria e existe um plano de carreira oferecido pela empresa que conforme mais tempo na empresa o pagamento das diárias tende a aumentar.

Palhares (2011) percebeu em seu trabalho que os principais valores estimulados pelos monitores às crianças eram de justiça, ética, responsabilidade, tolerância e paciência. Por meio destes valores, os monitores enfatizam aos acampantes que eles terão que lidar com muitos tipos de pessoas e personalidades durante a vida, pedindo paciência



e tolerância para conviver com as diferentes criações que se chocam durante uma colônia de férias.

Em contrapartida, são também estes monitores, que como o termo já diz, monitoram, vigiam e controlam diretamente os acampantes. Eles são responsáveis para que nenhuma conduta saia do esperado e do planejado pela instituição. Caso ocorra algum desvio, também são eles que irão encaminhar o acampante a instâncias maiores para serem advertidos ou punidos.

Chamlam (apud Ball, 2005) faz uma análise sobre a história dos acampamentos e conclui, que os acampamentos educativos assim como conhecemos hoje, tiveram sua origem nos EUA. O diretor Frederick William Gunn da escola *Gunnery School for Boys*, de Washington, levou as crianças para passarem duas semanas em barracas no final do ano letivo, em agosto de 1861. Com inspirações patrióticas românticas do início da Guerra Civil, os alunos sonhavam com uma chance de marchar e acampar em barracas ou dormir no chão como faziam os soldados. Gunn foi receptivo à ideia e organizou o passeio. Os meninos que o acompanharam nadavam na arrebentação, pescavam, jogavam, cantavam músicas e contavam histórias ao pé da fogueira.

Na pesquisa de Vivolo-Filho (2003) ele aponta que a primeira informação de um acampamento organizado, ou seja, com infraestrutura, programação e hierarquia bem definidos seria do “Acampamento do Tio Jim”. O acampamento teria acontecido nos Estados Unidos da América nos anos 80 do século XIX. Foi através de um documento informal com o relato de uma criança que passara suas férias no acampamento que se teve notícia do “Tio Jim”.

Segundo Feixa (2006), em 1908, Baden Powell fundou uma organização juvenil, os “Boy Scouts”, ou em português, escoteiros. No ano seguinte sua esposa fundou o “Girls Guides”. Powell utilizava das virtudes militares para adaptá-las à formação dos jovens. A ideologia do escotismo original era uma combinação de patriotismo, darwinismo social e culto à adolescência. Powell produzia rituais, canções e festivais adaptados e voltados aos jovens burgueses que o acompanhavam. Muito do escotismo foi transportado para a cultura dos acampamentos educativos (Feixa, 2006).

Porém, ainda que nestes moldes o acampamento educativo pareça ter uma proposta muito próxima ao escotismo, existem diferenças básicas entre as duas práticas e

formas instituídas de desenvolvê-las. Primeiramente, o escotismo não é entendido como um prestador de serviço no mercado educacional ou de lazer. Ou seja, não se vende a vivência do escotismo assim como se vende a vivência em acampamentos educativos. Outra diferença elementar é sobre a proposta das atividades. Enquanto o escotismo propõe atividades de sobrevivência com manipulação da natureza, os acampamentos educativos propõem atividades lúdicas com foco no desenvolvimento da criança e do adolescente. Também há uma organização hierárquica entre as crianças no escotismo que não ocorre no acampamento educativo, sendo a hierarquia presente apenas dos adultos para com as crianças.

Já na América do Sul o primeiro registro de um acampamento organizado provém da Associação Cristã de Moços (ACM), no Uruguai, no ano de 1903, apenas com cinco acampantes (Vivolo-Filho, 2003). Apesar do início tímido, o Uruguai foi o país pioneiro em propostas de lazer deste tipo na América do Sul com um acampamento estável, o Pirábolis, em 1911. Aos poucos as atividades de acampamento foram crescendo, chegando à Argentina e Brasil entre as décadas de 20 e 30 (Vivolo-Filho, 2003).

Segundo dados da Associação Cristã de Moços, o primeiro acampamento no Brasil surgiu em 1927, situado na serra das Araras, no Estado do Rio de Janeiro, chamado de Miron Clark (Vivolo-Filho, 2003). Em São Paulo, suas atividades começaram em 1945, no Acampamento Billings. Silva (2004) afirma que sem fins lucrativos, essa associação guiava-se pelo modelo americano, onde se trabalhavam valores advindos do cristianismo, juntamente à educação integral e à recreação.

Vivolo-Filho (2003) afirma, que ainda seguindo padrões estrangeiros, em 1948 nasceu o “Acampamento Paiol Grande”, com objetivo de ser um acampamento técnico educacional, com alicerces religiosos e sendo estritamente para meninos. A primeira temporada feminina se realizou em julho de 1949, atraindo cerca de 70 rapazes e 17 moças, entre 10 e 16 anos. Somente no início da década de 60 foi criado o “Acampamento dos Pumas”. Foi quando Izidoro Luiz e Henrique Wolf resolveram criar seu próprio acampamento por acreditarem que a atividade deveria ser mista, fundando o primeiro acampamento misto do Brasil.

Passou-se mais de uma década sem o registro do surgimento de novos acampamentos, embora relatos de entidades voltadas a atividades evangélicas apontem

essa década como o início do crescimento das atividades de acampamentos evangélicos no Brasil, impulsionados por iniciativas estrangeiras (Vivolo-Filho, 2003).

Em 1967, no acampamento Nosso Recanto, foi realizada a primeira temporada de férias organizada apenas por profissionais brasileiros, coordenada por um professor da área da educação. Eram propostas atividades educativas e esportivas que visavam dar continuidade ao trabalho desenvolvido nas escolas (Vivolo-Filho, 2003).

A década de 70 marcou um período de grande crescimento na quantidade de acampamentos no Brasil, com a popularização da atividade principalmente na região sudeste. O primeiro acampamento a surgir nesse novo ciclo foi o “Sítio do Carroção”, criado em 1971, pelo Sr. Luiz Gonzaga Rocha Leite juntamente com sua esposa Cleide Souza Lima Leite e o Sr. Domingos Barone, com o principal objetivo de proporcionar entretenimento a filhos de empresários nos períodos de férias escolares (Vivolo-Filho, 2003).

Já no Nordeste, o primeiro acampamento educativo surgiu na Bahia, em 1983, na região metropolitana de Salvador. O acampamento “Mundo da Lua” foi idealizado por educadores e teve uma grande influência dos acampamentos paulistas. Anos depois, em 1989, o “Cia do Lazer” foi aberto em Pernambuco (site da ABAE, 2017).

Nos anos 90 os acampamentos brasileiros estabeleceram seus próprios valores e propostas de maneira independente das dos EUA. A iniciativa brasileira se concentra atualmente na área da educação informal, focando no desenvolvimento social, no cognitivo, no físico e no emocional dos acampantes (Palhares e Carnicelli-Filho, 2015).

Gradativamente estes espaços que se dedicavam à essas atividades apenas em períodos de férias escolares começaram a abrir também durante o ano letivo para passeios escolares em forma de excursões didáticas. Com isso, foram ganhando conhecimento e legitimidade no mercado (Palhares e Carnicelli-Filho, 2015).

Em 1999 foi criada a ABAE (Associação Brasileira de Acampamentos Educacionais). Esta associação foi formada a fim de institucionalizar e regularizar os acampamentos educativos que estavam surgindo no Brasil. Foi a forma encontrada de abrir um diálogo entre os donos dos diversos acampamentos que já existiam, e com os que vinham surgindo (Vivolo-Filho, 2003). A ABAE também estabeleceu regras básicas para o espaço ser reconhecido enquanto acampamento educativo. Uma das propostas da

associação é a de divulgar os acampamentos e os trabalhos realizados, ajudando a sanar dúvidas de possíveis clientes e empreendedores no setor (Vivolo-Filho, 2003).

Um acampamento para se tornar membro da ABAE deve ter um local apropriado para receber público infantil, ter uma equipe treinada e normas de segurança bem definidas. O acampamento também deve estar operando por pelo menos três anos consecutivos com atividades de cunho pedagógico em sua programação (Palhares e Carnicelli-Filho, 2015).

O mercado se expandiu e atualmente existem 19 acampamentos associados à ABAE: 15 do estado de São Paulo, e apenas um no Rio de Janeiro, um na Bahia e um em Pernambuco (site da ABAE, 2017). Não são todos os acampamentos com propostas pedagógicas que são vinculadas à ABAE, ainda assim, percebe-se que há um grande desequilíbrio regional nesta distribuição.

Apesar de se apresentarem como um rico campo para estudos nas mais diversas áreas, há ainda uma escassez de estudos que abordem os acampamentos educativos e as colônias de férias. Mesmo com todas essas mudanças contemporâneas nos acampamentos eles ainda são pouco conhecidos e são uma modalidade de oferta de serviços direcionados a apenas uma parte da sociedade com condições econômicas e interesses nestes serviços. Existem duas barreiras principais que impedem um maior acesso a este tipo de lazer: o acesso monetário e o acesso geográfico. O primeiro pelo alto custo e o segundo por sua grande concentração apenas na região sudeste do país (Palhares e Carnicelli-Filho, 2015).

Marcellino (2002) destaca que há algumas outras barreiras relacionadas ao acesso ao lazer. São elas: gênero, idade, nível de educação e situação econômica. São aspectos que influenciam no tempo e no acesso a espaços de lazer destas pessoas. O direito ao lazer não deveria ser limitado a quem pode pagar por ele, e isso também se aplica aos acampamentos educacionais (Palhares e Carnicelli-Filho, 2015).

No ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), o lazer é definido como um dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público, como dever de assegurar a sua efetivação. Os municípios, com apoio dos estados e da União, devem estimular a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de

lazer voltadas para a infância e a juventude. Porém sabemos que este acesso ainda é limitado para a população em geral.

Nos acampamentos educativos, no geral, todas as atividades são pensadas por adultos, com raras exceções. Ou seja, são empresas que mesmo oferecendo serviços a crianças e adolescentes não deixam de ter uma perspectiva adultocêntrica<sup>5</sup>. O protagonismo real das crianças e adolescentes em sua escolha de lazer é muito limitada, contrariando até mesmo a definição de lazer. Marcelino (2002) define lazer como toda e qualquer ação humana na qual e pela qual consegue-se manter os objetivos e os valores idealizados e restritos ao próprio indivíduo que as vivencia ludicamente. É uma vivência com caráter desinteressado e que não se busca outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. Ou seja, é uma escolha livre de atividade durante o tempo ócio. Porém, os momentos de ociosidade raramente acontecem no dia a dia de um acampamento, e as escolhas (quando há) são limitadas e pensadas por outrem. Isso não quer dizer que elas não estejam se divertindo, mas sim que elas não estão tendo um tempo de lazer autônomo. Atividades dirigidas por um adulto implica numa perda da liberdade da criança ou do adolescente.

Ainda assim, em uma pesquisa publicada por Silva (2004), a autora relata que muitos adolescentes reportaram que a sua vivência em um acampamento educativo havia sido uma experiência única que iria ficar para sempre em suas memórias. Segundo a autora, esses momentos ficaram marcado nestes adolescentes por conta das experiências significativas que ocorreram durante o período que estiveram no acampamento.

## 1.2 CRIANÇA, ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

Infância, adolescência e juventude são palavras que definem a fase da vida em que certos grupos de pessoas se encontram e têm significados que se entrelaçam em nosso dia a dia. As definições sobre estas fases da vida estão baseadas em consensos sociais, porém, existem dificuldades sobre as definições sobre em que momento termina um ciclo

---

<sup>5</sup> Duarte define o termo “adultocêntrico” para se referir às relações que são tensionadas entre as classes de idade, havendo uma opressão de adultos sobre crianças e jovens. O autor defende que estas relações hierarquizadas se instalaram nos imaginários sociais resultando em sua reprodução material e simbólica.

e se inicia o outro. Tais definições são fruto da construção e de significações sociais que também foram estabelecidas em dados contextos históricos. Portanto, estas categorias estão em processo de mudança e permanentes ressignificações, fazendo com que as delimitações entre elas não sejam exatamente claras (Leon, 2004).

De qualquer modo, as fronteiras entre as definições etárias de quem é criança, adolescente ou jovem são ainda mais complexas, pela sobreposição de condições que se estabelece pelo aparato legal e institucional, pelas representações e pelas práticas sociais. Muitas vezes, as utilizamos coloquialmente como sinônimas e quando isto ocorre também há motivações implicadas pelos sentidos sociais de cada palavra em cada contexto. Entretanto, o que busco neste momento é debater estes conceitos e justificar o porquê da escolha nesta dissertação pelo uso do termo *adolescente*.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 datada do dia 13 de julho de 1990, define a criança e o adolescente como “pessoas em desenvolvimento”. O estatuto categoriza a diferença entre criança e adolescente baseando-se na faixa etária. Assim, perante a lei, a criança seria o indivíduo até os doze anos de idade completos, e o adolescente como aquele entre os doze e dezoito anos de idade. O ECA busca com suas diretrizes:

[...] dar as condições para (as crianças e os adolescentes) se tornarem cidadãos responsáveis, construtores de um país mais justo e fraterno [...] através de um desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade” (ECA, 2014, p. 9).

O Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013), por sua vez, considera pessoas jovens entre quinze e vinte e nove anos. O Estatuto dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas da juventude.

Tanto o Estatuto da Criança e do Adolescente, quanto o Estatuto da Juventude, representam a visão do Estado sobre o que é ser criança, adolescente ou jovem. Lendo os documentos percebe-se que o Estado tem uma visão de criança, adolescente e jovem baseada em critérios biológicos marcados pelo tempo de vida, que os enquadra como grupo social a partir de uma faixa etária. Esta visão compactua com outras áreas do conhecimento como o da saúde, do direito e da educação que através de estudos e consensos sobre o assunto definem a condição de desenvolvimento biológico, neurológico, cognitivo e emocional a médias etárias. É curioso observar que perante a lei,

e de um dia para o outro, o tratamento do Estado é alterado em relação ao indivíduo. Ele pode ser encarado como adolescente antes de completar uma certa idade, enquanto até o dia anterior era uma criança. Desta forma, entendo que as instituições definem quem é criança, adolescente e jovem, a partir de um determinismo legalista e biológico, em que prevalece a definição externa de grupo sobre o indivíduo.

Pensando os estatutos da criança e do adolescente e o estatuto da juventude de maneira crítica, percebe-se a normatização de um modelo único e hegemônico de adolescência no Brasil, que também é fruto de discussões internacionais sobre assunto. Os Estatutos tratam da infância, da adolescência e da juventude como uma só realidade para todo o país, sendo que existem a diversas formas de ser e se considerar criança, adolescente ou jovem no Brasil.

Ao longo dos estudos sobre juventude na antropologia e na sociologia, ficou evidente a necessidade de tratar os conceitos em sua pluralidade. A juventude é caracterizada por ser compreendida por grupos heterogêneos, sendo uma construção social, histórica, cultural e relacional das sociedades contemporâneas (Leon, 2004). Ou seja, não é coerente aplicar os termos como se houvesse apenas uma infância, uma adolescência ou uma juventude possível que generaliza condições de vida e experiências tão complexas.

Tais categorias posicionam os sujeitos dentro da estrutura social, sendo o seu significado necessariamente relacional, de tal modo que sempre somos crianças, jovens ou velhos em relação a alguém. Nesse sentido, devemos pensar os sentidos da adolescência como algo que é produzido em determinados contextos de relações sociais (Weisheimer, 2009).

O reconhecimento científico e social desta nova categoria de idade, a adolescência, situada entre a infância e a idade adulta se iniciou nos Estados Unidos e Grã-Bretanha para depois se espalhar para os demais países ocidentais. A consequência desta classificação se deu através de diversas reformas na escola, no mercado de trabalho, na família, no serviço militar, nas associações juvenis e no mundo do ócio que sinalizavam considerar que esta parcela da população não era mais criança, porém ainda não eram adultos (Feixa, 2006). Havia uma reivindicação social da existência das

crianças e dos jovens, como sujeitos de direito, e, especialmente, no caso dos jovens, como sujeitos de consumo (Leon, 2004).

O livro de Stanley Hall “*Adolescence: its Psychology and its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education*” foi reconhecido como o primeiro tratado teórico sobre adolescência, em 1904. O psicólogo e educador norte americano defendia uma teoria psicológica de recapitulação, na qual cada indivíduo em seu desenvolvimento reproduzia etapas da evolução da espécie, da selvajaria à civilização. A adolescência corresponderia a uma etapa pré-histórica de turbulência e transição, dominada por forças instintivas. Seria uma etapa da vida vista como um período livre de responsabilidades, caracterizado pelo conformismo social (Feixa, 2006).

Hall com o seu livro difundiu uma imagem positiva da adolescência como um paradigma de progresso da civilização industrial e teve grande repercussão na comunidade científica ocidental. Suas teorias tiveram uma enorme repercussão entre educadores, pais, mães, políticos e dirigentes de associações juvenis. A influência de sua obra foi responsável por consagrar o conceito de adolescência articulado à idade biológica e neurológica a um período de amadurecimento, de transição e de formação para a preparação da vida adulta (Feixa, 2006).

Outro marco importante para a conceptualização da adolescência foi o livro de Margareth Mead “*Adolescência, Sexo e Cultura em Samoa*”, em 1928. Aluna de Franz Boas, através de seu estudo em uma aldeia da ilha de Tau, Mead deu luz a grandes questões sociais acerca das transições entre a infância e a idade adulta. Através de uma etnografia comparativa entre as adolescentes de Samoa e as americanas, a antropóloga argumentava de que a adolescência era um conceito ocidental socialmente construído.

Foi um estudo pioneiro priorizando outra faixa etária se não a adulta na antropologia, além de abordar o estudo da mulher. Ela destaca não só a necessidade de estudar outras faixas etárias além das laboriosas que normalmente são objeto de estudo em outras sociedades, como também percebê-las e dá-las importância em seu dia-a-dia em seu próprio meio de convivência. Dessa forma, a autora se coloca a favor de uma antropologia voltada à crianças e adolescentes. Argumenta no sentido de que estes públicos existem em todo lugar, é exatamente por isso que podemos estudá-los



comparando suas experiências e vivências, entendendo-as em seu contexto cultural (Mead, 2001).

Mead (2001) foca seu estudo especificamente nas meninas adolescentes de Samoa. Seu objetivo é comparar seus comportamentos e conflitos psicológicos e sociais com as adolescentes americanas. Suas reflexões sobre a adolescência visando temas como a sexualidade e a educação das garotas americanas são discutidas até os dias de hoje.

A antropóloga afirma que escreveu o livro como contribuição para conhecimento do quanto que as características, capacidades e o bem-estar dos adolescentes depende do que eles aprendem e dos arranjos sociais do meio em que nascem e são criados. Demonstrando que não existe uma infância ou uma adolescência enquanto fenômeno mundial, e que estas são diretamente relacionadas ao seu contexto cultural e social (Mead, 2001).

O historiador francês Philippe Ariès em seu livro “*História Social da Criança e da Família*”, de 1953, argumenta nesse mesmo sentido sobre a criação social da juventude. Uma criação burguesa que até hoje se reflete socialmente, em que viver mais ou menos tempo “sendo jovem” está correlacionado à privilégios específicos relacionados à apenas uma parcela da sociedade.

Na América Latina, o começo da atenção teórica para os jovens se inicia nas primeiras décadas do século XX. Uma fase especulativa e criativa com ensaios emancipadores, com base para a construção de um novo projeto civilizatório na refundação da identidade latino-americana (Feixa, 2006).

Foi apenas a partir dos anos 50 e 60 que algumas ciências sociais fizeram da realidade juvenil um fenômeno a ser estudado. As perspectivas e enfoques se prendiam a um estruturalismo-funcional norte americano estigmatizador preocupado em normalizar os “jovens disfuncionais” ou “desviados”, derivados do processo de industrialização ou da migração rural. Ou ainda, de um marxismo europeu instrumental mais interessado pela conscientização de classes e na erupção dos movimentos estudantis juvenis (Feixa, 2006).

Com isso, juntamente com os movimentos sociais nas décadas seguintes, os estudos sobre a juventude começaram a ampliar-se e a institucionalizar-se. Assim, se pôde constatar que os estudos sobre processos políticos desde a perspectiva da juventude

universitária, monopolizaram a maior parte da investigação social sobre estes atores (Feixa, 2006).

Na segunda metade da década dos anos 80, com a emergência das juventudes urbano-populares e o auge dos estudos provocados pelo Ano Internacional da Juventude da UNESCO, a reflexão sobre os jovens saiu da marginalidade de vários países latino americanos e começou a ocupar um lugar central nos debates das ciências sociais. Os frutos deixados pelo argentino Canclini, pelo colombiano Martín-Barbero e pelo mexicano Monsiváis, entre outros estudiosos situados na América latina, começaram a se fortalecer e a render novos estudos centrados nas culturas juvenis e nos jovens da periferia social e territorial (Feixa, 2006). Com este fortalecimento na juventude enquanto categoria, se viu a necessidade da criação de um Estatuto específico para este público, surgindo o Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990.

As áreas da saúde que debruçam seus estudos para as especificidades da criança e do adolescente geralmente utilizam o termo “adolescência”. O termo se refere a um conceito com características mais objetivas e se orienta principalmente pela faixa etária do indivíduo. Não se discute com tanta profundidade “o que é ser adolescente”, mas sim “o que fazer sobre este adolescente”.

Entretanto nas áreas das humanidades o termo “juventude” é utilizado com maior frequência. O conceito tem suas características mais subjetivas associado a um período de vida mais longo e atrelado os sentidos sociais do que significa a palavra em determinados contextos. Para a sociologia, e a antropologia mais recente, as discussões estão acerca do entendimento da juventude enquanto construção social. Evidente que ambos conceitos têm relações objetivas e subjetivas, mas existem nuances que caracteriza mais um conceito em relação ao outro.

A adolescência geralmente é delimitada dos 12 aos 18 anos. Enquanto a juventude pode atingir um espectro muito maior, dos 15 aos 29 anos de idade. Ela ainda pode ser separada em outras 3 partes: 15 a 19 anos; 20 a 24 anos; e 25 a 29 anos de idade. A categoria etária é necessária para marcar delimitações iniciais básicas, mas não é suficiente para uma análise antropológica (Leon, 2004), embora tais delimitações etapistas sejam cada vez mais recorrentes a partir de definições médicas e legais.

Tanto a adolescência, quanto a juventude são construídas socialmente e culturalmente e, portanto, dependentes das diversas circunstâncias da vida social. Por serem dependentes culturalmente, estes períodos podem variar na idade de entrada, permanência e saída, podendo registrar ritmos de maturidade diferentes e ter experiências formativas com diversos significados (Urresti, 2011). As fronteiras que demarcam o início e o término do período do ciclo de vida caracterizado como juventude, envolvem um conjunto de fenômenos objetivos e subjetivos, sociais e individuais, que tendem a variar de sociedade para sociedade (Weisheimer, 2009).

A transição da adolescência para a juventude se produz entre as instituições próprias do mundo adulto, como a família, a escola e os meios de comunicação. Como ela também se constrói em instituições do mundo jovem, em seus grupos de pares com o intercâmbio virtual e as culturas juvenis (Urresti, 2011). Por meio dessa socialização há uma contínua incorporação de novos papéis sociais na transição da infância à idade adulta.

Podemos perceber esta socialização de duas formas distintas: um movimento de trajetória para a vida adulta, ou como um processo de reprodução social. Entendendo tal socialização enquanto processo, abre-se a possibilidade de se observar a juventude como uma etapa da vida que tem suas próprias oportunidades e limitações. Entende-se assim que a socialização não é só um período de preparação para a vida adulta para desempenhar papéis predeterminados (Leon, 2004).

A adolescência é a primeira fase desta transição e aparece nas sociedades como um período crítico. Esta etapa conta com um início mais ou menos evidente fixado pela maturação sexual do corpo, e um final mais incerto e discutível que se estabelece a partir da configuração definitiva da personalidade adulta (Urresti, 2011). Assim, a adolescência representa um período de maturidade em que se abandona as certezas próprias da infância e se inaugura uma crise de identidade temporária, que se resolve com as novas certezas e obrigações da vida adulta. Se trata de uma instituição social porque se inicia com um processo biológico – a puberdade – mas não se esgota nela e depende da influência dos fatores sociais que mudam com a cultura e com a época (Urresti, 2011).

Por este conflito, conseqüente deste momento de transição, a categoria “adolescência” abrange conceitos que podem ser contraditórios. A “adolescência”

enquanto categoria acaba por ser uma definição marcada pela ideia de transição orientada por uma condição etária do corpo. Uma ideia de transição visível do que se define como período de mudanças biológicas e fisiológicas de transformação do adolescente, principalmente do corpo sexualizado. Ou seja, a noção de puberdade aparece como definidora do corpo adolescente, que está entre o ser legalmente considerado criança ou jovem, a depender da idade, mas determinado por uma média temporal vivida no que é considerado período de transformação do corpo.

Isto acontece de tal maneira imposta pelo momento etário, que esta etapa se apresenta como conflitiva e problemática na medida em que o adolescente é obrigado a deixar de ser criança, a crescer e a construir sua autonomia. Na maioria dos casos, os adolescentes percebem importantes mudanças em seu corpo e na sua sexualidade, e se encontram distantes do sistema de coordenadas que os orientava durante a infância (Urresti, 2011).

Este sistema de coordenadas se transformou ao longo do processo de civilização, tornando o comportamento de adultos e crianças completamente discrepantes e a adolescência como sendo uma etapa transitória. Elias (1990) observa que as inclinações e tendências individuais que os escritos medievais sobre etiqueta buscavam controlar eram, com frequência, as mesmas que podem ser hoje facilmente observadas nas crianças. Não obstante, elas são tratadas hoje tão cedo que certos tipos de “mau procedimento” que eram muito comuns no mundo medieval raramente se manifestam na vida social de nossos dias. O grau de comedimento e controle esperado pelos adultos entre si não era maior do que o imposto às crianças.

Apenas com o distanciamento entre o comportamento esperado de adultos e crianças, é que se constrói uma associação mais forte da sexualidade com vergonha e embaraço, e por consequência uma restrição deste comportamento. Isso faz com que a sexualidade na juventude seja vista como um problema (Elias, 1990) e a adolescência o período em que ela deve ser controlada.

A maneira de lidar com as inquietudes que ocasionam a nova sexualidade, a resolução do conflito que gera o novo corpo e a necessidade de se reposicionar na família e em seu meio social, serão a base da rearticulação da personalidade adulta. Neste processo os adolescentes criam novas visões e valores não necessariamente de acordo

com os da tradição herdada, abrindo espaço de conflitos entre gerações no interior das famílias (Urresti, 2011).

A pressão exercida através do controle rigoroso dos pais e da sociedade sobre a nova geração constrói um modelo específico de ser jovem. A família nuclear torna-se, de uma forma quase que exclusiva, o único enclave legítimo da sexualidade e de todas as funções íntimas de homens e mulheres. Assim se transformando no órgão principal do controle socialmente exigido dos impulsos, e do comportamento dos jovens (Elias, 1990).

Porém, as famílias e as escolas começam a compartilhar os espaços da vida dos adolescentes com outras dimensões da vida social. Os adolescentes expandem suas redes de relações participando e atuando em novos espaços com seus grupos de pares. Estes grupos, por sua vez, funcionam como agentes de socialização e como mecanismos de controle próprios por meio de suas preferências e seus intercâmbios, tendendo à uma homogeneização de símbolos e comportamentos (Urresti, 2011).

Ao longo da história surge uma tendência cada vez maior das pessoas de se observarem e observarem aos seus pares, moldando seu comportamento embasando-se no comportamento de outrem (Elias, 1990). Ou na perspectiva de Mauss (1934), os indivíduos fazem uma imitação prestigiosa de seu meio de convívio. Com isso, aumenta a pressão que as pessoas exercem reciprocamente umas sobre as outras. Essa pressão torna-se um controle social eficaz para inculcar hábitos duradouros e um mecanismo de controle de emoções.

Existem, então, durante a fase chamada de adolescência, forças socializadoras e subjetivadoras em que os adolescentes seus pares entram em confrontação com o mundo adulto. Estes grupos de pares têm características singulares e podem orientar os seus membros em direções diferentes da família e da escola. (Urresti, 2011). Estes grupos constituem a primeira ampliação da rede de relações em que os adolescentes ingressam. São grupos de amigos e amigas mais próximos, que se reúnem para passar o tempo livre juntos, se trata de redes afetivas e representam espaços de autonomia, busca da independência e circulação de informação da vida cotidiana (Urresti, 2011).

Junto com seus pares se tomam as primeiras conversas sobre sexo, amor e amizade, os problemas com os estudos e os conflitos com seus pais, o que os interessa, tanto quanto a forma de se apresentar diante dos demais. Isso possibilita uma tomada de consciência sobre o lugar que se ocupa na escala

social [...]. Deste modo, os adolescentes vão passando da dependência familiar, em termos de valores, gostos e preferências, a uma autonomia pessoal mais ampla. As consequências deste processo são as crises pessoais e familiares, e os conflitos com as instituições escolares. A adolescência é a idade do descobrimento da arbitrariedade do mundo social – o mundo dos adultos. (Urresti, 2011, p. 47, tradução minha)

A medida em que se avança em este processo de autonomização, se vai deixando atrás as crises tipicamente adolescentes e se vai iniciando uma nova fase que se identifica como juventude, e se supõem um conjunto de mudanças pelas quais se completa a transição até a idade adulta (Urresti, 2011). Entendo que estas são formas de autoafirmação e inclusão decorrentes do reconhecimento entre os grupos de pares, dos adultos e das instituições normativas mais gerais de que tratamos anteriormente.

Nos estudos sociais sobre juventude, Margulis e Urresti (1996) argumentam no sentido de que o estado deste momento da vida está relacionado a modalidades sociais tais como idade, geração, classe social e gênero. Destacam que a juventude tem chances de ser mais duradoura para indivíduos de duas categorias principais: privilegiados economicamente, e do sexo masculino.

O aspecto econômico é ressaltado por conta de que em uma situação deste privilégio não há urgência para entrar no mercado de trabalho, alongando este sentimento de pertencimento à juventude. O que dá a noção de juventude um significado mais social e mais aberto a significações do que aquele que se dá a noção de adolescência, já que este está muito mais aprisionado ao determinismo etário e biológico. Assim, a adolescência está mais relacionada ao período de transformação do corpo de criança em corpo de adulto e a juventude está mais relacionada aos condicionantes sociais e aos estilos de vida em um dado contexto etário. Leon exemplifica:

Um jovem de uma zona rural não tem a mesma significação etária que um jovem da cidade, como também o jovem de setores marginalizados não tem dos jovens de classe econômica alta. Por essa razão, não se pode estabelecer um critério de idade universal que seja válido para todos os setores de todas as épocas: a idade se transforma apenas como uma referência demográfica (2004, on-line).

Para Margulis e Urresti (1996) a juventude tem uma dimensão simbólica e deve ser analisada também a partir de outras percepções, sendo dependente de fatos materiais,

históricos e políticos. Estas dimensões tratadas na juventude trazem uma distinção quando relacionadas à adolescência, em que os aspectos físicos são os maiores vetores de diferenciação com as outras fases da vida. Os signos relacionados a juventude, por sua vez, possuem um conjunto de características vinculadas ao corpo, no que diz respeito à sua vestimenta e o modo de portar-se, que são vistos pela sociedade como o paradigma de tudo que é desejável. Desta maneira, o conceito de juventude adquiriu uma grande quantidade de significados: serve tanto para designar um estado de ânimo, como para qualificar algo como novidade ou atual, sendo considerada como um valor em si mesma (Leon, 2004).

Neste sentido os consumos culturais dos jovens oferecem um repertório de símbolos que permitem a apropriação pessoal e a identificação grupal, pois funcionam como interpeladoras ativas de um processo de construção das identidades. Esta construção está correlacionada à uma identificação com o grupo que se convive, trazendo em paralelo um reconhecimento de si mesmo enquanto ser social. É a partir desta identificação enquanto ser único e também estar inserido em um coletivo, que se constrói a sua identidade. O jovem então vive em um dilema entre a necessidade de diferenciar-se dos demais e de ser aceito pelos seus pares (Leon, 2004).

Essa dualidade fica perceptível nas dinâmicas de relação dos adolescentes dentro do acampamento. Enquanto os acampantes se esforçam para se sentirem parte do grupo, ao mesmo tempo querem se destacar como sujeitos únicos. Noto que existem símbolos de identidade e personalidade que são valorizados entre os acampantes: um corpo dentro dos padrões estéticos impostos, roupas da moda, extroversão e bom humor, participação nas atividades e habilidades corporais, principalmente na dança.

Trazendo tanto o conceito de adolescência quanto o de juventude, o que pretendo é deixar mais clara a minha escolha para esta dissertação pela categoria “adolescência”. O conceito de juventude é tratado com a intenção de contrapor e deixar mais consistente o conceito de adolescência. Busco através desta diferenciação construir um maior entendimento sobre o quanto esta categoria é particular e estará sendo tomada como central em minha análise.

É importante ressaltar de que não estou reforçando o termo em suas perspectivas legais ou da saúde, mas sim, que eu estou o entendendo como uma categoria construída

socialmente por ambas áreas e pela sociedade. Sendo um termo construído para se referir à fase da vida referente à puberdade e a ser analisado enquanto categoria social. Também é importante destacar que dentro da lógica etapista de definição as fases da vida, no acampamento onde realizei esta pesquisa também há acampantes que são considerados crianças dentre os acampantes, porém as disputas de poder que observei e adotei enquanto objeto de pesquisa são características deste público em particular: os adolescentes.

Os adolescentes que frequentam o Corujas são, no geral, brancos, classe média, estudantes de escolas particulares e moradores de condomínios fechados. Os poucos negros presentes no acampamento são em sua maioria os monitores. Monitores que não foram acampantes e que após determinada idade entraram para a equipe de monitoria, mas sim os monitores que enviaram currículos para a empresa como forma de primeiro contato.

Normalmente, os acampantes têm o primeiro contato com o Corujas através de amigos que frequentam a mesma escola ou moram no mesmo condomínio. Por vezes, foram ao Corujas com a sua escola, durante o ano letivo, em um passeio para passar o dia, ou a um aniversário de um colega que alugou o espaço para realizar sua festa de comemoração.

Raramente um adolescente chega a uma temporada pela primeira vez sem nenhum amigo já feito anteriormente. As vezes se reúnem em grupos da mesma escola ou do condomínio para irem juntos e conseguirem preços promocionais. Isso faz com que, às vezes, já estejam demarcados alguns grupos entre eles, mesmo na chegada. No total, eles são bem distribuídos em relação à idade e ao sexo. Os grupos de meninos e meninas são equilibrados como também os grupos de idade. Tendo três quartos para os meninos e três para as meninas, os dividindo entre acampantes “pequenos”, “médios” e “grandes”.

Nas atividades do acampamento, eles são divididos por faixas etárias. Existem duas divisões possíveis: crianças de 6 a 11 anos (referidos pela equipe e pelos acampantes como os “mais novos”), e adolescentes de 12 a 17 anos (referidos pela equipe e pelos acampantes como os “mais velhos”). São divisões usadas muito frequentemente nas instituições de lazer e que condizem com as distinções utilizadas no ECA. O Corujas abre exceções para crianças de 11 anos que podem transitar entre os dois grupos, podendo



escolher em qual atividade se sentem mais confortáveis: com o grupo dos mais velhos ou dos mais novos.

Uma outra divisão possível é por três faixas etárias: 6 a 9 anos, 10 a 12 anos, e 13 a 17 anos de idade. Sem possibilidade de trânsito de crianças de um grupo para outro. Isto reforça a ideia de que depois que os acampantes deixam de ser considerados crianças (aos 11 ou aos 12 anos, e dos 13 em diante até o fim da menor idade legal), institucionalmente todos são considerados adolescentes. Dessa maneira, tanto um indivíduo de 13 quanto um de 17 anos de idade são considerados estando na puberdade, embora que provavelmente estejam vivenciando momentos de vida muito distintos.

Estas divisões por faixa etária são aplicadas continuamente nos espaços de lazer destinados à crianças e adolescentes. Existe uma convenção entre as instituições que trabalham com este público que se deve dividi-los por faixa etária por conta de seu desenvolvimento cognitivo e motor, classificados pelas áreas da saúde. Como os acampamentos educativos também trabalham em parceria com escolas, pode se dizer que esta separação também dá continuidade às divisões etárias escolares.

Outra questão interessante é que jovens acima de 18 anos estão presentes no acampamento, mas estão enquanto funcionários da monitoria. Estando assim muitas vezes em idade muito próxima dos acampantes, mas separados pelo marco da maior idade, institucionalizado legalmente, e pelo papel social que ocupam como monitores e funcionários do acampamento.

A faixa etária é utilizada como balizadora por ser uma categorização já institucionalizada entre eles e na sociedade em geral. A divisão baseada no tempo de vida é praticada e instituída constantemente desde as idades mais tenras em nossa sociedade. Portanto, as próprias crianças e adolescentes estão acostumados a serem divididos por sua faixa etária desde muito novos, já ao entrar na escola. É uma prática já inserida em seu cotidiano e continuada no acampamento, evitando questionamentos dos acampantes quanto a forma que são separados.

Alguns acampantes não se sentem contemplados por essa classificação. Não se sentem pertencentes ao grupo que lhes é destinado, e argumentam que são mais maduros ou mais corajosos do que os demais de sua idade. Relacionam a maturidade com comportamentos e sentimentos visto como próprios da idade adulta. A ausência do medo

e a presença da sexualidade são frequentemente citados e demonstrados em suas atitudes como maneira de se colocarem enquanto mais maduros. Também existem acampantes que querem jogar com a faixa etária acima por acreditarem que o jogo será mais legal e emocionante. Raramente uma criança pede para jogar com as crianças mais novas do que ela.

Ainda, os acampantes que estão próximas das idades de transição de um grupo para o outro, não podem realizar as atividades da faixa etária acima da sua, mas são livres para fazer as atividades da faixa etária mais nova, caso queiram. Mas é uma prática com pouca adesão e demonstração de interesse. Esta liberação restrita para a faixa etária abaixo existe por conta de que muitos acampantes iriam para a faixa etária acima caso pudessem, complicando a logística do acampamento e a proposta do jogo. Assim, constroem-se regras para mantê-los enquadrados onde o acampamento (e a sociedade em geral) julga melhor para o acampante, tirando o direito de sua autonomia de escolha.

Deixar um acampante trocar de grupo é uma situação delicada que envolve não só a criança e a empresa, mas também seus responsáveis caso aconteça algum problema. Se a criança voltar para casa e contar para seus pais que sentiu muito medo, ou que ficou com algum tipo de trauma durante a atividade, seja físico ou psicológico, a empresa será cobrada por sua atitude.

Contudo em uma das temporadas houve o oposto. Por conta de não deixarmos Pedro fazer a atividade com os mais velhos, seus pais ligaram questionando nossa atitude, dizendo que Pedro estava muito triste pois não tinha se adaptado aos jogos com os acampantes de sua faixa etária.

Realmente Pedro estava muito chateado e se dava melhor com os acampantes mais velhos, que também foram receptivos e gostavam dele. Pedro chegou a se recusar a jogar o jogo da noite. Para Pedro só havia uma percepção: que as atividades do grupo dos mais velhos era mais interessante do que as de seu próprio grupo.

Por conta de episódios como esse, existe uma manipulação e uma pressão por parte da monitoria para que os acampantes façam as atividades que foram desenvolvidas e pensadas para a sua faixa etária. Se percebemos que os mais velhos estão com medo do jogo noturno e precisamos de um número mínimo de participantes para que o jogo

aconteça, dizemos coisas como: “se quiserem jogar o jogo das fadas com os mais novos não tem problema!” - ridicularizando o jogo e fazendo parecer pouco interessante.

Em contrapartida, quando a equipe quer que os mais novos não fiquem desmotivados com o seu jogo, colocam muito medo no jogo dos mais velhos: “Olha, esse jogo é muito pesado, tem correria sem lanterna, tem monstro... O jogo da sua faixa etária vai ser de aventura e vai ser muito *massa!*”.

Acredito que essa vontade recorrente expressada pelos acampantes em fazer as atividades com o grupo de faixa etária acima, tenha a ver com a construção de que os “mais velhos são mais legais”, em que se tem a percepção da maior permissividade que a faixa etária tem no acampamento. “Os mais velhos” tem autorizações e regalias voltadas apenas para eles, podendo ficar acordados até mais tarde e tendo jogos noturnos mais aterrorizantes do que os dos mais novos.

Junta-se isto com uma construção histórica e cultural que se vende de que a juventude é a melhor fase da vida, existindo uma vontade de pertencimento desta parcela populacional motivada socialmente. Não é raro perceber indivíduos contrariando a percepção de seus pares sobre a fase de vida em que se encontram por não se sentirem contemplados por ela. Enquanto existem crianças que se auto denominam adolescentes precocemente, adultos ainda se auto denominam enquanto jovens tardiamente. Posterga-se o “ser adulto” e a tomada de um número maior de responsabilidades. Em contrapartida, a auto declaração de “ser um adolescente”, é usado por indivíduos cada vez mais novos, em uma tentativa de adiantar este momento em que percebem um maior privilégio de tratamento social.

Em uma sociedade em que existem as mais diversas trajetórias individuais, aparecem múltiplas possibilidades e ritmos de transição até a vida adulta. Haverá distintos tipos de maturação social, mais ou menos acelerados de acordo com as pressões e variações da transição para a idade adulta. Isto nos leva a perceber que não são todos os indivíduos que tem a idade de ser jovens que se encontram, socialmente falando, na mesma situação (Urresti, 2011).

Com isso, acontece uma negociação constante entre o acampamento e os acampantes que lá frequentam, fazendo que ao mesmo tempo que existam pressões institucionais da empresa contratada pelos pais, também existe uma pressão das

preferências de atividades e jogos pelos acampantes. Enquanto existe uma hierarquia social do adulto sobre o adolescente, existe uma hierarquia comercial do cliente sobre o contratado. Além disto, entre os adolescentes em questão, gênero, etnicidade, grupo social e sexualidade também se tornam questões de aproximação e distanciamento. É um jogo de poder que tem nuances sutis que serão descritas e analisadas ao longo desta dissertação.

### 1.3 CORPO E PODER

Olhar para o corpo enquanto objeto de estudo significa ampliar o seu conceito, compreendendo-o para além de um mero espaço físico ocupado por um conjunto de órgãos, pois passa a ser nele o lugar em que se dá, se realiza e se manifesta não só as aptidões e contingências físicas de alguém, mas também e sobretudo o conjunto complexo de reciprocidade e inter-relações entre as emoções, a sexualidade, sentimentos, os pensamentos e os desejos humanos, tornando assim a noção ou mesmo o conceito de “corpo” algo eminentemente rico e complexo (Lima, 2013)

O corpo na sociedade ocidental é o signo do indivíduo, o lugar de sua diferença e de sua distinção. A vivência de um corpo é ambígua, ao passo que ao mesmo tempo que ‘se tem’ um corpo, também ‘se é’ um corpo (Le Breton, 2016). Para Le Breton (2016) viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao seu corpo, a partir do simbólico que ele encarna. Assim, o corpo não é um dado por si só, indiscutível, mas sim uma construção simbólica social e cultural (Le Breton, 2016).

Mauss, em 1934, fez a primeira abordagem antropológica a respeito do uso do corpo. Definiu o corpo como o primeiro e mais natural instrumento do homem. Denominou como “técnicas corporais” como modos de domínio, sobre o individual e o coletivo, utilizam do corpo como instrumento em determinadas formas de fazer. Evidenciou que cada sociedade tem hábitos, tradições e crenças que lhe são próprios no modo de se comportar, se de representar e de fazer através do corpo.

Portanto o corpo é o nosso primeiro instrumento de relação com o mundo e é através dele que se iniciam, se passam e se apreendem as relações sociais. O corpo ocupa muito além de apenas um espaço no tempo, tem uma linguagem própria que exprime

falas e marcas implícitas. É a fronteira entre o individual e o social, local de signos culturais como a aparência, traduzida em postura, roupas, higiene pessoal, práticas corporais, expressões linguísticas, códigos de interação e afeto (Nascimento et al., 2012).

O corpo é o suporte material, o operador de todas as práticas sociais e de todas as trocas entre os atores. Cada ator, em seu universo pessoal e segundo sua posição social *bricola*<sup>6</sup> uma a constelação de signos que o mercado de bens de consumo, as mídias, a publicidade e as atitudes de atores de sua categoria social lhe oferecem. (Le Breton, 2016). Ele busca sua unidade de sujeito agenciando signos dos quais procura produzir sua identidade e se fazer reconhecer pessoalmente. Deste modo, o corpo funciona como uma superfície de projeção onde o indivíduo age simbolicamente sobre o mundo que o cerca. (Le Breton, 2016).

É por meio do corpo que o sujeito simboliza (seus gestuais, suas mímicas etc.) a tonalidade de sua relação com o mundo. Esta relação é determinada por construções de representações sociais que atribuem ao corpo uma posição determinada no seio do simbolismo geral da sociedade. Dessa forma, o corpo só adquire sentido com o olhar cultural do outro (Le Breton, 2016).

Para Beauvoir (1970) não há consciência sem corpo, a simples presença no mundo implica rigorosamente a posição de um corpo. Ele fala mais de nós do que falamos sobre nós, se contamina e sobre determina com mensagens conscientes e inconscientes. Assim, a representação social do próprio corpo é dada desde sua origem pela aplicação de um sistema de classificação social (Almeida, 2014).

Na contemporaneidade o corpo acaba por se tornar um sujeito para si próprio, transbordando a corporeidade para fora do ser concreto. Para Nascimento e colaboradores (2012), na contemporaneidade homens e mulheres deixam de ser um corpo, e passam a ter um corpo. Ser sujeito não se trata mais de ser um ato criativo, ou produtivo, mas sim um ato de consumo.

O corpo assim ocupa um novo espaço de importância na sociedade ocidental contemporânea. Há no imaginário cultural, gestos, posturas, hábitos, vícios e expressões,

---

<sup>6</sup> Oriundo do francês, o termo *bricolage* significa um trabalho manual feito de improviso e que aproveita materiais diferentes. Na apropriação realizada por Lévi-Strauss (1976), o conceito de bricolagem foi definido como um método de expressão através da seleção e síntese de componentes selecionados de uma cultura.

que reconhecem o sujeito como membro de um grupo social. Para Novaes (2006) o corpo da moda surge como um dos maiores símbolos deste tipo de inserção. Com isso, cada vez mais a imagem do nosso corpo desempenha um papel importante na consciência que temos de nós mesmos (Lima, 2013).

Lima (apud Bourdieu, 2013) defende que há um capital corporal e que este funciona como um capital para a obtenção de lucros sociais, e que concede para a representação dominante do corpo um reconhecimento incondicional. Desta maneira, o valor do corpo está intimamente ligado a trajetória pessoal e à posição ocupada no espaço social. Para o autor, a sociedade e o indivíduo, o corpo e as atividades sociais estão dispostos como capitais simbólicos que possibilitam reconhecimento e distinção entre os pares. Lima (2013) constata, então, que existe uma percepção de que o corpo é capaz de proporcionar vantagens e desvantagens, deixando as relações sociais mais ou menos facilitadas.

Desta forma, o corpo é a primeira forma de distinção social, derivando e marcando todas as outras construções. A formação do sujeito toma lugar dentro de uma rede de indicadores que estão associados a uma série de categorias biológicas, sociais e culturais, como idade, gênero, etnicidade e classe (Vieira, 2005).

As construções relacionadas ao sexo biológico do indivíduo causam pressões e expectativas sociais distintas conforme seu gênero. O gênero segundo Scott (1989), é uma categoria social num corpo sexuado, uma noção relacional indicativa das construções sociais.

Beauvoir (1970) fala sobre essa diferenciação social entre homens e mulheres, com a ideia de que “não se nasce mulher, torna-se”. Ou seja, a filósofa critica a construção social de gênero que nos é imposta antes mesmo de nascermos, vinculando afinidades e gostos baseados em seu sexo biológico. Atribui ao ser mulher ou homem uma condição socialmente construída e uma imposição social atrelada ao sexo biológico. Portanto, o gênero é socialmente constitutivo das nossas relações e acarretam uma série de pressões sociais em diferentes aspectos para meninos e meninas.

Sayão (2003) expõe em sua pesquisa sobre observação de brincadeiras de crianças, que meninos e meninas demonstram que os papéis de gênero vão sendo delineados muito cedo, embora que ainda na infância seja bastante possível transgredi-

los. A autora conclui que essa característica de transgressão parece ser uma manifestação típica de um momento da vida, mas logo é abrandada em face das convenções sociais. Isso acontece por conta de determinações sociais e uma visão de ciência que normatizam lugares, comportamentos e formas de ser específicas para meninos e meninas, homens e mulheres.

Porém estas maneiras específicas normatizadoras foram sendo construídas ao longo da história. Elias (1990), defende de que não existe um comportamento natural, sendo nosso comportamento e nossas emoções condicionadas ao longo do processo civilizatório. Deste modo, a postura, os gestos, o vestuário, as expressões faciais, comportamentos que achamos inteiramente naturais, foram lentamente e laboriosamente adquiridos e desenvolvidos. Por termos sido adaptados e condicionados a esse padrão social desde a mais tenra infância, não nos damos conta das construções culturais que abarcam cada gesto (Elias, 1990).

Uma cultura corporal específica foi embutida através do regimento das emoções e dos corpos, construindo uma distinção social entre as classes através dela. Os sentimentos e emoções foram transformados primeiramente na classe alta, sendo essa o centro do processo civilizatório em fases do desenvolvimento social. A compulsão das outras classes para penetrar na classe alta ou, pelo menos imitá-la, aumenta sem cessar com a crescente interdependência e prosperidade de estratos mais ponderáveis. Desta forma, as mudanças de emoção que ocorriam na classe alta foram difundidas para outras classes e se espalhando lentamente pela sociedade (Elias, 1990).

Assim, houve uma mudança gradual nas formas de que as pessoas se comportavam. Em geral, falava-se com mais franqueza sobre os vários aspectos da vida instintiva e cediam mais livremente aos seus próprios impulsos em atos e palavras. A vergonha associada à sexualidade era menor, e com a passagem dos séculos o condicionamento de crianças a fim de forçá-las a reprimir um prazer de acordo com o padrão de conduta social foi sendo instaurado (Elias, 1990).

Muito deste padrão prevalece até os dias de hoje, com uma formação em que a moralidade e o respeito pelos tabus devem ser presentes nas crianças desde os primeiros anos. A preocupação principal é a necessidade de inculcar “recato” (isto é, sentimento de

vergonha, medo, embaraço e culpa) ou, mais exatamente, um comportamento que se conforme ao padrão social (Elias, 1990).

Ao longo da história as estratégias para essa repressão foram se transformando. O que antigamente se tinha como uma “onipresença de anjos” para justificar o controle de impulsos se torna uma restrição auto imposta pelo medo e vergonha de outras pessoas. Isso diminui quando “razões higiênicas” e de saúde recebem mais ênfase e se pretende obter um certo grau de controle dos impulsos das emoções. Apenas aos poucos foram formulados métodos mais eficazes para adaptar a criança ao grau mais alto de domínio, comedimento sexual, ao controle, à transformação e à inibição de impulsos que foram indispensáveis à vida nessa sociedade (Elias, 1990).

A sexualidade nos acampantes é controlada de modo que é reprimida qualquer intenção de ação quanto a um envolvimento afetivo amoroso ou sexual entre eles. Anastácia<sup>7</sup> é uma acampante veterana e sabe disso. Ela vai a muitos anos para o Corujas e normalmente faz todas as temporadas de janeiro. Ela se afirma constantemente através do corpo. Sempre com roupas bem decotadas, geralmente age como liderança e tem um linguajar considerado fora do padrão, falando palavrões e fazendo o perfil da pessoa que “fala o que pensa” e de que “não leva desaforo pra casa”.

Anastácia dança funk e é consumidora assídua do ritmo musical. Sabe todas as músicas que estão tocando no momento e suas coreografias, assim como muitos de seus pares. Porém, o que chama a atenção em Anastácia é o fato de, como comentam entre os monitores, ela ser “muito pra frente”. Quando a monitoria comenta que um acampante é “muito pra frente” significa que ele ou ela já incorporou muito do que é o universo adulto, principalmente sexualizado, comparativamente com os outros acampantes de sua idade. O comentário usado para se referir à Anastácia (e também a outros adolescentes), demonstra um desconforto dos monitores quanto à uma percepção de que determinadas atitudes da acampante não condizem com a expectativa de um determinado padrão de comportamento previsto para a sua idade.

Conheci Anastácia com 13 anos, em 2016, e a vi novamente com 14 e 15 anos nas temporadas de janeiro que se seguiram. Lembro dela me ensinando como fazer o

---

<sup>7</sup> Os nomes dos acampantes e monitores citados na dissertação são todos fictícios a fim de preservar suas identidades.



“quadrado”, um passo de funk com os quadris que estava muito na moda na época. Anastácia é uma das adolescentes que expressa ansiedade quanto ao acontecimento da “Festa Jovem”. Em todas as temporadas acontece a “Festa Jovem”, uma festa apenas para quem tem a partir dos 12 anos de idade.

Na Festa Jovem desta temporada de janeiro de 2018, havia um casal conversando de maneira mais íntima, o que fez com que Eloá ficasse atenta a eles. Eloá trabalha como monitora no Corujas, porém naquela temporada especificamente havia sido contratada como fotógrafa.

Eloá se aproximou do casal e os interrompeu chamando para participarem da festa junto aos demais. A intenção era de separar o casal para que eles ficassem junto com os outros acampantes. A monitora alertou o casal dizendo: “*tô de olho, hein?*”, demonstrando estar vigilante sobre os dois.

Eloá expunha, mesmo que subliminarmente, que caso a regra de não haver contato físico com intenção amorosa ou sexual dentro do acampamento fosse quebrada, o casal sofreria sanções. Anastácia ao ver a atitude de Eloá foi até ela questioná-la:

- Você não pode fazer isso! Eles se gostam! – disse em tom imperativo.

Eloá não conhecia Anastácia e se acanhou diante da imposição da acampante. Respondeu tentando se justificar:

- É, mas eles não podem “ficar” aqui.

O “ficar” nesse caso faz alusão à expressão utilizada pelos adolescentes, que significa beijar na boca. Anastácia, que também não conhecia Eloá, respondeu com tom de superioridade:

- Você nem é monitora! Esse não é o seu trabalho. Quando você enviou currículo aqui para o acampamento era para ser fotógrafa!

Anastácia estava enganada. Porém, por ser acampante há muitos anos, se sentiu na autoridade de questionar a atitude de uma novata no Corujas. Mesmo que essa novata fosse uma funcionária e vista como superior na hierarquia dentro das relações do acampamento.

As relações de poder neste exemplo se entrecruzam de várias formas. Poder da monitora Eloá ao demonstrar uma autoridade vigilante sobre o casal e não permitir que eles se expressassem sexualmente; poder do casal sobre Eloá, por serem clientes do

acampamento e a monitora ser funcionária; autoridade da acampante Anastácia para com Eloá por frequentar o acampamento a mais tempo e acreditar ter mais conhecimento sobre o espaço e as dinâmicas do que a monitora; autoridade de Eloá com Anastácia por ela ser mais velha e funcionário do Corujas. São disputas diversas de poder sobre o corpo que acontecem concomitantemente nas relações dentro do acampamento. Estas disputas podem se configurar com menor ou maior visibilidade dentro das relações do Corujas, podendo ser, inclusive, veladas.

Foucault (2014) coloca a disputa por poder no centro da análise sobre a dinâmica social. Esta disputa de poder se dá na ordem discursiva, do que pode e o que não pode ser dito ou feito, questionando como as verdades são construídas e como se tornam hegemônicas. Assim, a microfísica do poder se dá por meio de ordens discursivas das disputas de poder. Com isso, não existe apenas um opressor e um oprimido, mas sim uma dinâmica de relações em que todos se envolvem e podem construir suas resistências.

Segundo o filósofo, o poder não é algo que se detém como uma propriedade. O poder funciona e se exerce em rede. Portanto o poder em si não existe, mas sim práticas ou relações de poder. Deste modo, ele deve ser analisado como algo que circula entre os indivíduos que exercem o poder e também sofrem a sua ação.

Para o autor (1979), da mesma forma que não existe propriamente o lugar do poder, também não existe o lugar próprio da resistência. Sempre que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência, sendo pontos móveis e transitórios que se distribuem por toda a estrutura social.

O interessante é que mesmo os monitores reprimindo atitudes com intenções afetivas e sexuais nos acampantes, eles mesmos também burlam as regras do acampamento se envolvendo amorosamente durante a temporada. Maurício e Beatriz no último dia de temporada “deram um perdido” e “ficaram”. Ou seja, saíram da vista dos olhos de todos e se beijaram, o que também é proibido pelo regulamento do acampamento. Diante disso, há uma discrepância entre as regras e as práticas, quando o assunto é corpo, controle e sexualidade. Mesmo que publicamente prevaleçam os princípios de controle.

A sexualidade neste exemplo vai de encontro com Elias (1990) quando diz que a divergência do comportamento adulto para o comportamento infantil é menor entre o que

é abertamente permitido e o que ocorre por trás da cena. E neste caso a principal tarefa do educador, e para qual a expectativa dos pais convergem, consiste em guiar o adolescente na direção correta, ou melhor dizendo, na direção desejada pelo monitor.

Contudo, essa direção apontada pelo monitor nem sempre é seguida, havendo suas subversões dentro deste sistema disciplinar. A “trollagem” é uma expressão que os acampantes utilizam como referência para fazer algo do qual o colega não goste. Pode ser uma piada, uma “pegadinha”, uma ação mal-intencionada. Também pode ser usado no caso de uma brincadeira que os demais entendam com exceção de algum colega, o “trollado”. Ou seja, “trollar” alguém é “zoar” ou sacanear uma pessoa.

Gian chegou ao acampamento com o que ele e seus amigos apelidaram como “maleta da trollagem”. Uma caixa com esmaltes, purpurinas, cola, e outras coisas para “trollar” os colegas do quarto. Gian não estava indo ao acampamento pela primeira vez. Era a sua segunda temporada e eles e seus colegas já tinham sido apelidados de “Capitães de Areia da classe média” por mim, fazendo alusão ao livro de Jorge Amado. Gian era o líder. Não respeitava as regras, era indisciplinado e manipulador com a equipe. Não era questionador, mas não se deixava comandar pela monitoria.

Todos do quarto foram chamados pela coordenação já no primeiro dia de temporada. Quando o coordenador Fernando ficou sabendo da caixa, que havia sido mostrada a ele com grande orgulho pelos acampantes, a coordenação reuniu os responsáveis por ela. Os acampantes foram repreendidos e coagidos à entrega-la. Foi dito que a caixa teria que ser confiscada pois a intenção que havia ao trazer materiais como aqueles, infringia as normas do acampamento. Normas como a de respeitar os outros colegas e de que a “brincadeira só é permitida quando a brincadeira é legal para todos”. Um chavão repetido pela equipe do Corujas em situações que afirmam posição de poder para quem a pratica, e causa desconforto e humilhação para quem a sofre.

Gian e Leopoldo, um dos colegas, se acusaram dizendo serem os donos da caixa e entraram no quarto para pegá-la. Começaram a demorar e Fernando pediu para o monitor responsável do quarto para acompanhar para certificar-se de que nada seria tirado da caixa antes de entregá-la. A percepção de Fernando tinha sido demorada. Eles retiraram o esmalte sem que os monitores vissem. Todas as noites durante a temporada um dos colegas do quarto acordava com uma unha pintada de esmalte rosa. Frida, a psicóloga que

se lembrou de levar acetona e algodão para retirar o esmalte dos meninos no ônibus de partida antes do encontro com os pais.

Pintar as unhas dos colegas durante a noite pode ser descrito como uma “trollagem” que envolve disputas de corpo e poder por dois motivos: a primeira pelo acesso ao corpo do outro sem a permissão deste, já que este estava dormindo. A segunda pelo uso de um símbolo dito feminino, o esmalte rosa, em um garoto. Tudo o que é identificado como oriundo do universo feminino é desprezado pelos meninos. Acessórios, comportamentos ou afinidades que façam relação ao gênero feminino, são motivo de chacota uns com os outros.

Nestes casos o que se busca com os acampantes é um enquadramento de postura reafirmado durante a temporada através da estrutura disciplinar do acampamento. É através da repetição de valores culturais da sociedade civilizada que se tenta submeter esses corpos e suas emoções a uma norma social. Valendo-se de uma rotina bem definida, de um sistema de regras e punições, e das relações de poder, para que sutilmente os corpos sejam docilizados e controlados por uma estrutura hierárquica advinda do mundo adulto idealizado como modelo, no qual a divisão clara entre os sexos e determinadas responsabilidades são definidas como corretas.

Nos primeiros dias de acampamento as crianças e adolescentes muitas vezes não compreendem o cronograma de atividades que acontece no Corujas. Não entendem que existe um horário pré-determinado para se fazer cada atividade, e que eles devem andar sempre em grupo. Toda essa logística feita pela coordenação e pela gerência do acampamento é pensada para que se assuma uma “eterna vigilância”. Foucault (2014) define essa técnica enquanto “arte das distribuições”, na qual a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Busca-se tirar o máximo de vantagens e neutralizando os inconvenientes, como um acampante questionando a programação ou que o monitor não saiba onde um acampante está. Sobre isso Foucault escreve:

É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado de indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa. – Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos (2014, p. 140).

Com o passar dos dias da temporada os acampantes “automatizam” os horários e as condutas que são esperadas deles pela monitoria. Param de questionar as atividades que ocorrem em horários fixos do dia, como as refeições e o horário do banho. Esta “inculcação” da disciplina de horários, Foucault (2014) chama de “mecânica do poder”. Uma mecânica que define como o domínio sobre os corpos não apenas os torna disciplinados para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. Dessa forma, a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis, embora não sem a resistência de outros menos docilizados e contestadores.

É através de técnicas como essa, que mesmo inconscientemente, muitos dos acampantes deixam de pedir (e até de querer) fazer atividades que não são propostas naquele horário. Por exemplo, uma das regras do acampamento é que todos permaneçam dentro do refeitório até todos acabarem de comer. Com cem acampantes e apenas com um balcão para se servirem, alguns acampantes terminam sua refeição muito mais cedo do que outros. Nos primeiros dias dois monitores ficam encarregados de ficarem nas portas do refeitório para não deixar ninguém sair. Pode ser através de conversa ou entretendo-os de alguma forma com jogos ou músicas, o importante é mantê-los naquele espaço para que se mantenha o controle sobre todo o grupo.

A proposta de entretê-los ao invés de proibi-los de sair, é porque parece que o controle dos acampantes é mais eficaz quando eles não se dão conta dele. Após alguns dias passados de temporada, os acampantes deixam cada vez mais de tentar sair do refeitório antes de serem liberados para a próxima atividade. Isso com o passar da temporada acontece também com as demais atividades, e comentamos entre a monitoria que “eles entram no ritmo”. “Entrar no ritmo” nada mais é do que dizer que foram disciplinados conforme as regras impostas pelo acampamento. Com isso, percebemos como os procedimentos disciplinares revelam um tempo linear cujos momentos se integram uns nos outros, e que se orienta para um ponto terminal e estável (Foucault, 2014).

Tanto a obediência aos comandos da monitoria, quanto a “trollagem” e a proibição dos envolvimento afetivos e sexuais, são demonstrativos das disputas de poder

pelos sentidos de corpo e das práticas dos acampantes durante a temporada de férias no Corujas. Da mesma forma, eles também demonstram outros aspectos que refletem esta realidade que serão abordados no próximo capítulo da dissertação sobre o cotidiano do acampamento. No segundo capítulo descrevo as regras, as rotinas e as relações que ocorrem durante as temporadas.

## CAPÍTULO II

### O COTIDIANO DO ACAMPAMENTO

No primeiro capítulo demonstrei aspectos do campo quanto ao local, aos seus atores e a perspectiva antropológica que propus para esta dissertação. No segundo capítulo busco situar o leitor nas dinâmicas do dia a dia partindo das a) regras, b) da rotina e c) das relações formadas no Corujas. Escolhi estes três pontos para expor como acontece transcorre uma temporada de férias e como se dá a relação de disputa sobre o corpo no acampamento educativo Corujas.

Considerando a problemática principal de como esta instituição disputa discursos e comportamentos com os adolescentes que a frequentam, busco compreender como é travado este embate sobre o corpo dentro do acampamento educativo. Pois enquanto existem comportamentos que são oprimidos ou até negados para os acampantes, existe uma demanda por autonomia dos adolescentes dentro de uma instituição que diz prezar pela liberdade destes.

Muitas das regras dentro do acampamento são defendidas pelos gestores como regras de boa convivência e de segurança dos acampantes. Porém também existem regras que ditam a maneira de se portar durante sua estadia. Há normas a serem seguidas para cada momento do dia: regras sobre os horários de dormir e acordar, regras para os horários das refeições, regras que vão além da dinâmica dos jogos, mas também sobre o comportamento moral dos acampantes. Comportamento este regado pelo acampamento sobre relacionamentos afetivos e até mesmo para os momentos de ócio e descanso.

Expondo estas normas construídas e produzidas no acampamento educativo, espero que o leitor compreenda em que tipo de sistema os acampantes estão inseridos durante a temporada de férias. Qual a estrutura e os princípios que regem seus comportamentos durante aqueles dias dentro do Corujas.

Descrevendo a rotina e demonstrando o cronograma, discuto as atividades propostas e a rigidez desta programação. Como a separação dos acampantes nos dormitórios, a necessidade de andarem em grupos e a classificação feita para estes grupos serem formados.

Assim, destacado três momentos do dia no Corujas: o horário das refeições, os horários dos jogos e os momentos dentro do quarto. Através destes exemplos busco demonstrar as relações que são construídas e vivenciadas em meio a esta rotina intensa no acampamento.

E por fim, o terceiro subcapítulo tratarei das relações que acontecem no acampamento. Trago exemplos da relação de acampante com acampante, acampante com monitor e de monitor com monitor. Desejo com isto ter o aporte necessário para se pensar nos momentos de reivindicação e negociação dos acampantes com a estrutura hierárquica posta para eles pelo acampamento no terceiro capítulo desta dissertação.

Ao final deste capítulo espero que o leitor esteja situado tanto no contexto da pesquisa quanto no de sua problemática, compreendendo com clareza as perguntas e os objetivos da dissertação, a fim de serem respondidos e alcançados no próximo e último capítulo.

## 2.1 AS REGRAS

O Corujas tem regras explícitas e regras implícitas. Regras que ditam a maneira que os acampantes devem se portar durante a sua estadia no acampamento. Há normas a serem seguidas para cada momento do dia: regras sobre os horários de dormir e acordar, regras para os horários das refeições, regras para as dinâmicas dos jogos, regras sobre o comportamento moral dos acampantes. Regras que deixam clara a existência de um sistema disciplinar dentro de um produto voltado ao lazer.

Logo na chegada dos acampantes no Corujas, após a apresentação dos monitores, a coordenação ensina aos adolescentes o “grito de silêncio”. Os “gritos de silêncio” são comumente usados em práticas recreativas. Servem para chamar a atenção dos acampantes de uma maneira lúdica, para que todos saibam que ao final do grito devem fazer silêncio pois o monitor tem algo a dizer.

O grito de silêncio mais utilizado no Corujas é o “olha a bomba!”. Quando o monitor grita “olha a bomba!”, todos os acampantes devem responder com: “ooo bum! Tcha tcha tcha!”. Imitando o barulho de uma explosão e depois permanecendo em silêncio.



Além do “olha a bomba!”, a monitoria também usa outro “grito de silêncio” que tem como comando de voz os sons: “pam param ram pam”, e os acampantes devem responder “pam pam” e se calarem. Além do mais se utiliza “quem está me ouvindo bate uma palma”, seguido de diversos outros comandos: “quem está me ouvindo bate duas palmas. Quem está me ouvindo aponta para o céu. Quem está me ouvindo coloca o dedo na frente da boca. Quem está me ouvindo faz ‘shhhh’.”, até que todos estejam calados e prestando atenção a quem está fazendo os comandos.

É uma estratégia para conseguir a atenção dos acampantes sem ficar exaustivamente gritando, pedindo silêncio, práticas que remetem a ideia de autoridade de professores em sala de aula. Inclusive se mostra mais eficaz do que apenas pedir (ou berrar) por silêncio, que muitas vezes é em vão. Em meio a brincadeira, disfarçamos a ordem de comando que estamos dando e conseguimos o comportamento desejado dos acampantes, sem que eles se sintam coagidos.

Foucault (2014) argumenta que os espaços disciplinares são constituídos por sistemas de comando: a ordem não tem que ser explicada, nem formulada: é necessário e suficiente que provoque o comportamento desejado. Colocar os corpos num pequeno mundo de sinais a cada um dos quais está ligada uma resposta obrigatória. Estes comandos fazem com que os acampantes se tornem subordinados por apenas uma instrução geral: releva-se a vontade individual por uma obediência coletiva.

Este comportamento também é mais usualmente percebido com o uso do apito, por exemplo. Muitos professores da área de educação física se utilizam do instrumento provocando um som agudo que chama a atenção de todos os alunos. É um sinal já reconhecido mesmo fora das instituições escolares por conta dos esportes.

As regras do acampamento estão sempre presentes explicitamente ou implicitamente. As regras de convívio são colocadas e combinadas logo quando entram pela primeira vez no quarto onde vão dormir durante a temporada. Procedimentos para demonstrar a autoridade de forma sutil são ensinados aos monitores durante treinamento. Arthur, outro coordenador do Corujas, deu a dica: “Quando vocês forem entrar no quarto com os acampantes é importante que você seja o primeiro a destrancar, abrir a porta, e a entrar no quarto. Porque isso deixa implícito que você é responsável por aquele quarto”.

No treinamento da monitoria antes das temporadas de janeiro de 2018, foi discutida qual seria a melhor forma de estabelecer as regras do quarto. Os monitores chegaram à conclusão que, a melhor forma das regras poderem ser cobradas mais tarde em caso de desrespeito a alguma delas, seria a de construí-las “em conjunto”. Coloquei “em conjunto” entre aspas, porque é orientado aos monitores manipularem a discussão de tal forma que se chegue a algumas regras básicas de convivência dentro do quarto: a de respeito ao espaço, à privacidade e ao descanso do outro. Contudo, outras combinações podem surgir: como não fazer graça quando o outro vai no banheiro, se é permitido sentar ou subir em uma cama que não é sua, quanto tempo eles terão de conversa antes das luzes apagarem para dormir.

Há uma forte relação entre estas regras a serem respeitadas dentro do quarto e o processo histórico de civilização dos corpos. Os hábitos de higiene, fisiológicos e sexuais são paulatinamente transferidos para trás da cena da vida social e isoladas em um enclave particular. Uma aura de embaraço cerca estas esferas da vida, fazendo prevalecer uma atitude cada vez mais severa por meio da moralidade e do respeito pelos tabus. Este respeito a um padrão de comportamento deve estar presente nas crianças desde os primeiros anos, tendo como preocupação principal a necessidade de inculcar recato. Ou seja, um sentimento de vergonha, medo, embaraço e culpa caso esse padrão seja transgredido (Elias, 1990).

Conforme a ideia de individualidade e de privacidade se impõem enquanto valores em nossa sociedade, as divisões baseadas em grupos por idades e por sexo vão se incutindo enquanto prática. Na esfera dos comportamentos particulares na infância é possível abrir exceções para tais comportamentos fora do privado, desde que com pares de uma faixa etária aproximada e do mesmo sexo biológico. Sendo possível e socialmente aceita a nudez e práticas fisiológicas e de higiene perante a familiares e pares específicos até determinada idade (Elias, 1990).

Nesta perspectiva de formar e condicionar os corpos e comportamentos, as regras já são colocadas logo de início pelos monitores assim que os acampantes entram no quarto para deixarem as malas. Os quartos não são divididos por eles, e segue-se esta mesma lógica convencional de sexo e faixa etária.

A distribuição espacial e topográfica dos quartos foi pensada de modo que se assuma o controle dos acampantes através de uma vigia facilitada por sua disposição. Os quartos dos acampantes ficam um ao lado do outro, enquanto os quartos da gerência e da coordenação ficam atrás, em um desnível do terreno acima dos demais. Dessa forma, a varanda dos quartos da gerência e da coordenação tem uma visão privilegiada dos quartos abaixo, facilitando a vigia dos acampantes.

Foucault (2014) descreve em sua obra o sistema “panóptico”: um sistema disciplinar aplicável a todos os estabelecimentos onde, nos limites de um espaço que não é muito extenso, é preciso manter sob vigilância um certo número de pessoas. Trata-se de um aparelho arquitetural como dispositivo disciplinar. Esta arquitetura disciplinar organiza unidades espaciais que permitem a observação e o reconhecimento daqueles que devem ser vigiados. Consiste em um espaço determinado, recortado e vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos em um lugar fixo em que seus movimentos são controlados e os acontecimentos são registrados (Foucault, 2014).

É por meio deste sistema que possibilita a visão dos dormitórios dos acampantes que se busca manter um controle sobre suas disposições e ações. Sobre este sistema panóptico que distribui os indivíduos no espaço com intenção disciplinar, Foucault (2014) escreve:

É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado de indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa. – Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos (p. 140).

A distribuição dos acampantes nos quartos é feita de forma determinista e sistemática por sexo e faixa etária. Por meio dela, busca-se concentrar o máximo de vantagens (reunindo os acampantes por categoria sendo fácil saber onde deixá-los e onde encontrá-los) e neutralizar os inconvenientes (evitando possíveis questionamentos da distribuição dos acampantes), mas também constituindo valores normativos e regras de convívio para dentro e para fora da instituição (Foucault, 2014).

Em alguns casos, quando há a demonstração de uma insatisfação de um acampante sobre o quarto em que foi colocado, é possível que a coordenação autorize a

mudança de dormitório. Essa decisão depende se, o quarto onde este acampante tem a intenção de ficar, tem camas disponíveis, se a faixa etária é aproximada com a sua, e do temperamento do acampante. Mas ao fim, quem faz este julgamento é a instituição.

Percebe-se que essa “autonomia” que se vende para os pais é uma “autonomia” bem limitada. Os pais sabem disto, já que entre outras coisas eles também não podem se auto dividirem nas atividades. Podem sim escolher a cama em que vão dormir, desde que não haja limitações na ficha preenchida por seus responsáveis, pedindo para que durmam numa cama debaixo e não no beliche. Com isso, há um conjunto de orientações e imposições vindas quando não da instituição, diretamente dos pais que a contrataram. Nota-se que os acampantes estão sempre negociando suas emoções e vontades com este modelo de regras.

Existem outras normas impostas e não colocadas explicitamente a não ser que a situação esteja saindo do “controle” dos monitores. Os relacionamentos amorosos e a demonstração de afetos íntimos são proibidos não só no Corujas, mas em muitos outros acampamentos educativos. É verdade que também existem acampamentos onde se é permitido “ficar” (beijar na boca), como dizem os acampantes. Porém o limite dado por essas instituições é de que os acampantes podem fazer ali o “que seria aceito em público”, e isto cria uma limitação subjetiva do que é permitido ou não. Com isso, muitos acampamentos optam por banir por completo estes comportamentos de sua instituição.

De toda forma, as equipes de monitoria frequentemente são instruídas a separar os (possíveis) casais de forma discreta, evitando causar exposições ou frustrações dos acampantes envolvidos. Essa discricção também é necessária para que eles não sintam que estão sendo proibidos de fazer algo que desejam. A frustração dos acampantes é sempre evitada pelas empresas a fim de fazer com que a criança e o adolescente queiram voltar ao acampamento, seguindo a lógica de satisfação do cliente.

Em meio a esse quadro, fica evidente as disputas sobre o corpo e o agir dos acampantes. Há uma negociação constante dos monitores com os acampantes para que estes não burlam as regras e ao mesmo tempo não se sintam reprimidos. Ao mesmo tempo há a negociação dos acampantes com os monitores para que sejam liberados, mesmo que de forma discreta, a satisfazerem as suas vontades.

Os monitores *monitoram* as atitudes dos acampantes, e caso escutem ou vejam algo que indique algum impulso de contato físico amoroso, logo sinalizam aos demais da monitoria para que todos vigiem para que nada aconteça. Caso seja necessário é reforçado aos acampantes envolvidos que no acampamento não é permitido este tipo de comportamento, para trocarem números de *WhatsApp*<sup>8</sup> e marcarem um encontro fora do Corujas. Contudo, os acampantes se articulam para fugir da vigia dos monitores (e ocasionalmente com um consentimento velado do monitor), para que aconteça, por exemplo, um beijo escondido.

Muito geralmente a regra de proibição de envolvimento amoroso nestes acampamentos educativos se estende para os funcionários também, e no Corujas não é diferente. Mas da mesma forma que ocorrem as subversões por parte dos acampantes, elas também acontecem entre os monitores. Existem casais já formados na equipe de monitores, como também existem casais que acabam por se envolver durante o trabalho, mesmo que estas práticas não sejam permitidas.

Durante as refeições também existem regras. Quem serve os alimentos são os monitores. É uma forma de controle de desperdício, e também da qualidade da refeição dos pratos, assumindo um controle inclusive da alimentação dos acampantes. Essa logística é aplicada não importa a idade. Por vezes os acampantes questionam porque não podem montar os próprios pratos, eles apenas podem indicar o que querem que seja colocado.

É permitida apenas uma porção de sobremesa para cada acampante, o que causa revolta nas primeiras refeições até que a maioria se submete à regra sem questionamentos. Percebi que todas as práticas que causam algum tipo de crítica é só uma questão de repetição até serem aceitas pelos acampantes. Sobre isso Foucault (2014) defende que formas de coerção, esquemas de limitação aplicados e repetidos constroem o sujeito obediente. Este indivíduo constantemente sujeito a hábitos, regras e ordens, deixa exercer continuamente uma autoridade sobre ele e em torno dele, deixando a funcionar automaticamente nele. Com efeito, a disciplina “fabrica” os indivíduos, tomando os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumento de seu exercício.

---

<sup>8</sup> *WhatsApp Messenger* é um aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para celulares.

Entretanto, a disciplina pode vir a encontrar problemas a resolver, para os quais a economia do poder não estava suficientemente aparelhada. Por vezes, o sistema disciplinar não consegue dominar todos os possíveis efeitos de contrapoder que dela nascem e que formam resistências (Foucault, 2014). Foucault (2014) identifica as agitações e as revoltas como organizações espontâneas que se originam das conjunções horizontais como resposta ao poder de dominação destes corpos. Estas respostas também podem ser de ordem minoritária, com transgressões de ordem pessoal a regras institucionais.

Neste caso, a sobremesa que é sempre um pequeno copinho com sorvete para cada um (a não ser que o acampante tenha ganho alguma competição ou prova durante o dia em que o prêmio prometido seja uma sobremesa extra), causa a transgressão de regras de comportamento moral de alguns acampantes para conseguirem repetir o doce. Diversas vezes os acampantes mentem para o monitor(a) que está servindo o sorvete dizendo que ainda não o receberam, e acabam comendo duas ou três sobremesas. São estes pequenos gestos que possibilitam perceber os desafios de autoridade na rotina do acampamento. Eles querem mais sorvete, os monitores não dão por ordem da cozinha, que por sua vez recebe uma ordem da gerência, então os acampantes transgridem as regras para obter aquilo que foi negado.

Todavia, caso descobertos, os acampantes que infringem com frequência as regras do acampamento começam a sofrer sanções. Começam a ser excluídos das atividades, passam mais tempo conversando com a psicóloga, até serem proibidos de participar do jogo noturno, a atividade mais esperada do dia.

As punições fazem parte dos sistemas disciplinares. Foucault (2014) afirma que os sistemas disciplinares dentro de nossa sociedade se regulam através de mecanismos de penalização com leis próprias. Demarcam um espaço deixado vazio pelas leis, qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapam aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença. Dessa forma, cada sistema cria e gerencia a especificação dos delitos, as formas particulares de sanção e as instâncias de julgamento: estabelece-se uma “infrapenalidade” (Foucault, 2014).

Na oficina, na escola, no exército, funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da

atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseiro, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes ‘incorretas’, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações (Foucault, 2014, p. 175).

A punição implica no treinamento do comportamento pelo emprego do tempo e na aquisição de hábitos. Foucault (2014) defende que a penalidade que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza até por fim exclui o indivíduo. Isto posto, caso nenhuma punição resolva, a psicóloga entra em contato com os responsáveis pedindo para irem buscar o acampante, a excluindo do ambiente.

Em onze temporadas apenas presenciei um caso de acampante sendo excluído por tal expediente. É comum acampantes saírem em meio a temporada por pedirem para voltar para casa, por não se adaptarem bem ao acampamento, ao grupo, ou por saudades dos pais. Porém, pela primeira vez vi um acampante indo embora a pedido da empresa e não a pedido do acampante. Os pais de Fábio foram acionados para buscá-lo após diversos episódios em que o acampante havia agredido fisicamente aos colegas. Retirado das atividades para conversar com a psicóloga, ele chegou a agredir a própria psicóloga. Neste momento, em que ele agrediu uma figura de poder dentro do acampamento, a gerência chegou à conclusão que era o momento de pedir para os pais irem buscá-lo. Os pais já sabiam da situação e já tinham sido avisados previamente que se o comportamento de Fábio não melhorasse ele iria embora. Os pais inclusive se ofereceram para irem antes do último episódio acontecer, porém a psicóloga disse que faria o possível para que Fábio permanecesse até o último dia da temporada. Mas ao fim, um dia antes de todos irem embora, ela mesma foi agredida e ligou para os pais.

Fábio brigava pelos mais diversos motivos. Sempre que era contrariado por algum colega iniciava uma discussão. Caso o colega replicasse ele partia para a agressão física. A agressividade historicamente foi confinada e domada por inumeráveis regras e proibições, que se transformaram em autolimitações. Foi então transformada, “refinada” e “civilizada”, de forma que sua violência imediata e descontrolada aparece apenas em sonhos ou em explosões isoladas que explicamos como patológicas (Elias, 1990). Elias (1990), entende que anteriormente os instintos e as emoções, eram liberados de forma

mais livre, mais direta, mais aberta, do que atualmente. Na contemporaneidade ocidental, tudo é mais controlado, moderado, calculado, onde tabus sociais mergulham muito mais fundamente no tecido da vida instintiva como forma de “autocontrole”.

O fenômeno do “autocontrole”, segundo Elias (1990), foi construído historicamente com o aumento da pressão que as pessoas começaram a exercer reciprocamente umas sobre as outras. Esta pressão tornou-se um forte controle social eficaz para inculcar hábitos duradouros e um mecanismo de controle de emoções. O controle dos instintos era inicialmente imposto apenas quando na companhia de outras pessoas, isto é, mais conscientemente por razões sociais. Até então, os hábitos eram quase sempre julgados em sua relação com outros indivíduos, eram retraídos porque podiam ser incômodos ou embaraçosos para terceiros ou porque revelasse “falta de respeito”. Mas com o passar do tempo, os hábitos foram sendo condenados cada vez mais como tais, em si, e não pelo que possam acarretar a outrem.

Como consequência a isto, a compulsão de policiar o próprio comportamento aumentou, transformando-se em um hábito internalizado, um “autocontrole”. Um comportamento automático, um hábito que, dentro de certos limites, funciona também quando o indivíduo está sozinho. Desta maneira, impulsos ou inclinações socialmente indesejáveis são reprimidos com maior rigor. São associados ao embaraço, ao medo, à vergonha ou à culpa, mesmo quando o indivíduo está desvigiado (Elias, 1990).

A modelagem por esses meios objetiva a tornar instantâneo o comportamento socialmente desejável, fazendo com que o mesmo pareça à mente do indivíduo resultar de seu livre arbítrio e ser de interesse de sua própria saúde ou dignidade humana. As emoções que foram sendo reprimidas neste processo, são expressas de uma maneira que hoje em dia é geralmente observada em crianças, sendo relacionadas a manifestações “infantis” estas formas de comportamento (Elias, 1990). Sendo assim, Fábio demonstrou uma conduta não aceita dentro do nosso padrão social vigente, sendo expulso do acampamento e voltando para casa antes do fim da temporada.

Outro caso de indisciplina foi com Leandro. Leandro era muito participativo, porém muito ansioso e questionador. Não tinha paciência para o desenrolar dos jogos e para colegas que fossem mais lentos do que ele. Ao final de um jogo, em que uma das acampantes deveria escolher qual cordão puxar de uma caixa para saber se eles



“sobreviveriam” ou “morreriam”, Leandro se irritou com a indecisão da colega. Ele se levantou e puxou os dois cordões de vez, mostrando que puxando qualquer um dos dois eles ganhariam, e que o jogo estava sendo manipulado para eles vencerem.

A atitude de Leandro causou imensa frustração tanto na monitoria por ver o jogo sendo boicotado, quanto dos acampantes por perceberem que o jogo estava sendo manipulado. Isso mostra que tanto as regras gerais do acampamento quanto as regras específicas dos jogos, seguem a mesma lógica de hierarquia de decisões. Até mesmo quando parece que os acampantes tem escolha de decisão, as alternativas são ilusórias e montadas por uma relação adultocêntrica.

A relação adultocêntrica remete a um controle social das relações de domínio entre as classes de idade, em que a capacidade e a possibilidade de decisão são definidas como inerentes à adultez. Posiciona o adulto como ponto de referência na sociedade, o naturalizando como potente e valioso e com controle sobre os demais (Duarte, 2012).

É através desta noção de domínio dos adultos sobre os adolescentes, que a instituição de lazer, por meio de sua monitoria, regula a autonomia dos acampantes. No Corujas, e na sociedade contemporânea ocidental em geral, esta relação desigual permeia os modos de relação, as decisões tomadas e o controle de poder e autonomia. Enfim, esta relação adultocêntrica perpassa os critérios que sustentam as suas práticas, discursos e imaginários cotidianamente (Duarte, 2012).

É também através dos jogos que as relações são vivenciadas pelos adolescentes no Corujas. Todo o jogo tem suas regras, são elas que o definem em conjunto com o seu objetivo. Bracht (1986) em seu texto “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista”, discorre como a socialização através do esporte pode ser considerada como uma forma de controle social. Critica diretamente o esporte visto como emancipador e libertador, expondo a adaptação que o praticante necessita internalizar dos valores e normas dominantes para jogá-lo.

Aprender e participar de um esporte ou de um jogo, significa reconhecer e aceitar regras pré-fixadas. O respeito incondicional à estas regras dão a elas um caráter estático que não leva ao questionamento ou à reflexão, mas sim, ao acomodamento. Estas regras imprimem no comportamento normas desejadas da competição. Dessa maneira, as

condições do esporte organizado são concomitantes às condições de uma sociedade de estruturação autoritária (Bracht, 1986). Bracht (1986), destaca:

se indagarmos por que ou o que tem de educativo no esporte, obteremos quase que invariavelmente a seguinte resposta: o esporte educa porque ensina a criança a conviver com a vitória e a derrota, ensina a respeitar as regras do jogo (já que todos são iguais perante a lei que devemos respeitá-la; sem discuti-la), ensina a vencer (no jogo e na vida) através do seu esforço pessoal (às vezes tem que momentaneamente aliar-se a outro ou outros para atingir este objetivo, processo que os pedagogos esportivos chamam de cooperação ou companheirismo), ensina a competir (já que a sociedade é extremamente competitiva e isto a prepara para a vida), desenvolve o respeito pela autoridade que é o árbitro ou o professor (chama-se a isso de disciplina) (p. 64).

Por conseguinte, um comportamento não conformado no esporte não leva a modificações deste, mas sim, à exclusão dele. Portanto, o autor coloca o jogo sob outra perspectiva: como instrumento utilizado para uma prática higienista e disciplinadora de crianças e adolescentes (Bracht, 1986).

O acampamento é repleto de jogos durante toda a sua programação, de manhã, de tarde e de noite. Muitas vezes os jogos dão “brechas” que podem ser aproveitadas pelos acampantes para roubar ou tirar vantagem naquela atividade. O grande número de acampantes combinados com a dimensão geográfica do acampamento torna difícil a vigilância para garantir que todos estejam cumprindo as regras do jogo. O acampante se aproveita da falta de controle, para agir quebrando as regras impostas naquele espaço de tempo.

Existem acampantes conhecidos pela monitoria por serem muito competitivos, como também outros por roubarem muito nos jogos, alguns pelas duas coisas. Cláudio, por exemplo, tem essa fama. Cláudio por frequentar o acampamento a muito tempo já tem os “macetes” dos jogos do Corujas. Dizemos que quem tem o “macete” são aqueles que já sabem como fazer a tarefa, por a terem feito diversas vezes. Por exemplo, Cláudio tem o macete dos jogos porque já jogou tantos que sabe onde os monitores tradicionalmente se escondem, ou colocam os objetos que devem ser encontrados para concluir o jogo. Exatamente por esse motivo, Cláudio também consegue trapacear no jogo com mais facilidade, por conhecer as “brechas” que os jogos dão. Apesar de ser um acampante que tem o carinho da monitoria (principalmente os monitores mais antigos que acompanharam seu crescimento), sabemos que ele trapaceia nos jogos.

Por outro lado, existem jogos nos quais os acampantes não quebram as regras diretamente, mas transformam seus códigos mudando o seu significado. O jogo “Viuvinha” (ou “Rouba Amigo”, como também é chamado), é um jogo feito em roda dentro do refeitório após o horário das refeições, normalmente após o jantar. Nele, os acampantes se dividem em duplas ficando um acampante obrigatoriamente sozinho (caso eles estejam em número par um monitor entra no jogo para sempre sobrar um). As cadeiras são colocadas em círculo, e cada dupla se posiciona de forma que um fique de pé atrás da cadeira, e o outro adolescente sentado nesta mesma cadeira de costas para a sua dupla. O acampante que ficou sem dupla será a “viúva”, e se posiciona atrás da cadeira sem ninguém sentado nela. Seu objetivo é piscar para os acampantes que estão sentados a fim de “roubá-los” para a sua cadeira. O adolescente que está de pé atrás da cadeira do acampante que a “viúva” piscar deve ser rápido, e encostar no ombro do colega antes deste se levantar e correr para a cadeira da “viúva”. Caso a sua dupla que estava sentada na cadeira posicionada à sua frente for mais rápido do que ele, e conseguir levantar da cadeira antes do toque no ombro, ele ficará sem dupla e se tornará automaticamente a “viúva”. É um jogo cíclico, onde a cada momento há um novo acampante sem dupla e que deve piscar para roubar o par do outro.

Este jogo que é utilizado pela monitoria para entreter os acampantes é visto por eles como uma oportunidade de flerte. Enquanto existem acampantes que não param na cadeira porque a todo momento recebem piscadelas, outros não saem porque ninguém pisca para eles. Assim, os adolescentes utilizam de um jogo proposto pela própria instituição para usá-lo em proveito de um comportamento que teoricamente é proibido dentro do acampamento. Mais uma vez clarificando outra situação de disputa de poderes, em uma negociação do que caracteriza o jogo e qual o seu objetivo.

Mediante o exposto, as regras existem no acampamento. Todo o momento é permeado por elas. Existem regras que são frequentemente questionadas, transgredidas ou quebradas. Ao mesmo tempo em que outras regras são internalizadas e assumidas. Também há diferentes formas de absorvê-las e de vivenciá-las entre os participantes. As dinâmicas possíveis na negociação destas regras giram em torno de poderes específicos ligados a posição daqueles corpos mediados por questões sociais, etárias, de gênero, entre outras, naquele contexto.

## 2.2 A ROTINA

No acampamento existe uma rotina nos horários e nas atividades do dia a dia. Todos os horários da programação são estabelecidos pela coordenação. Ela é o órgão responsável do acampamento por estabelecer os horários em que os acampantes acordam, comem, brincam, descansam e dormem. Muitos dos termos utilizados no cronograma remetem ao militarismo, como “alvorada”, “inspeção” e “grito de guerra”. O horário de descanso também já é pré-estabelecido, lembrando da disciplina programada e exigida dos acampamentos militares.

O Corujas pensa em um cronograma com as atividades a serem desenvolvidas na temporada focado principalmente na logística do deslocamento dos acampantes no espaço de tempo em que estarão hospedados. Em resumo, o cronograma é pensado para maximizar a utilização dos corpos e minimizar o desperdício de tempo. Para Foucault o planejamento do tempo é feito de modo a extrair “sempre mais instantes disponíveis e de cada instante sempre mais forças úteis” (2014, p. 151). Ou seja, para que aqueles corpos tenham o maior rendimento possível.

Para iniciar o dia é tocada a “alvorada”. Um sistema de som externo, com caixas de som próximas aos chalés, refeitório e piscina tocam música e passam coordenadas durante o dia. A primeira música a tocar é um tema que foi composto pelo gerente, ela faz menção ao nome do acampamento e as tarefas que devem ser realizadas pelos acampantes pela manhã. Tarefas como escovar os dentes, arrumar o quarto e sair para tomar café “que o sol já está brilhando no céu”.

Logo no início do dia o nome da empresa e o comportamento esperado dos acampantes naquele momento já é reforçado de maneira lúdica. A música tocando na alvorada com o nome do acampamento é uma referência à “identidade do acampamento”. Essa identidade é reforçada ao longo do dia com músicas, brincadeiras e jogos já conhecidos pelos acampantes de temporadas anteriores. Através desta identidade busca-se que os acampantes tenham gravado na lembrança os dias que estiveram no Corujas.

Aos poucos os acampantes vão sendo acordados pelos monitores responsáveis de seus quartos. Existe um relatório que deve ser preenchido pelos monitores relatando

como foi a noite, se houve algum problema (acampante doente, brigas, diurese noturna, etc...) e de como estão os integrantes do quarto. Conforme os adolescentes vão ficando prontos eles vão se dirigindo para o refeitório para tomar o café da manhã. Após comerem, retornam aos quartos para arrumá-los para a inspeção de quarto.

A inspeção de quartos é prática diária no Corujas e muito comum nos acampamentos educativos. A inspeção envolve competição entre os quartos, sendo o vencedor anunciado na última noite da temporada. O objetivo de se ter um horário reservado à inspeção dos dormitórios no cronograma, é para garantir que os acampantes se mantenham disciplinados com os seus quartos organizados durante toda a sua estadia.

Esse é o momento que mais se aproxima da postura de instituições militares na rotina do acampamento. Inclusive os coordenadores que fazem a inspeção se utilizam de simbologias militares para dar e retirar pontos conforme a arrumação do quarto. Todavia, tudo é feito de maneira descontraída, dando ponto para os bichos de pelúcia em cima das camas, para piadas contadas durante a inspeção, ou para os bebedouros vestidos com camisas dos acampantes (que foram batizados de “Watterson”, após a primeira “intervenção artística” no galão de água de um dos quartos). A criatividade é estimulada, porém apenas dentro das atividades propostas, não necessariamente fora delas.

O Corujas utiliza da competição entre os quartos como método para que os acampantes fiquem motivados tanto para realizar suas tarefas diárias (como fazer a cama, arrumar sua estante, recolher suas roupas do varal), quanto para outras atividades propostas pela monitoria envolvendo pontuação.

Nesta competição o quarto mais limpo e mais participativo ganha uma caixa de chocolates para dividirem no último dia. Mas a competição trata mais sobre a “moral” que os acampantes ganham com a vitória, do que do chocolate em si. É uma rivalidade travada entre os acampantes e também entre os monitores, em que existem provocações que são feitas durante toda a temporada dos integrantes de um quarto para outro.

Cada dormitório é responsável por pensar em um “grito de guerra” que represente o seu quarto. Muito normalmente o grito é uma paródia de uma música que está fazendo sucesso no momento. Atualmente, em geral uma música funk. Os acampantes se reúnem no primeiro dia de temporada para pensar na música que será utilizada e na letra da

paródia que será cantada. Cada quarto tem o seu nome que é afirmado enquanto vencedor durante a letra.

Nos gritos de guerra dos quartos é muito comum que se traga acontecimentos específicos daquele dormitório: se é muito bagunçado, se é apertado, se faz calor, se há algum acampante que já é conhecido por roncar, etc. O grito do quarto é apresentado durante a inspeção, porém também é cantado em outros momentos que envolvem competitividade entre os quartos ou de forma espontânea pelos acampantes, se tornando como que parte do sentimento coletivo de pertença dos integrantes ao grupo do seu quarto.

Após a inspeção, as atividades da manhã começam. As atividades são planejadas desde o momento em que acordam até o momento em que os acampantes vão dormir. Eles pouco opinam sobre a programação, apesar de ela ser feita com a intenção de agradá-los. A coordenação coleta um “feed back” ao longo do dia sobre o que eles estão gostando e do que eles gostariam, mas a decisão final do que acontece ou não acontece durante o dia sempre é da instituição. Abaixo um exemplo do cronograma da última temporada utilizado como referência para análise da rotina do acampamento nesta etnografia. A da temporada de janeiro de 2018.

TEMPORADAS JANEIRO 2018								
	DIA 1	DIA 2	DIA 3	DIA 4	DIA 5	DIA 6	DIA 7	DIA 8
8H30	ALVORADA							
9H	CAFÉ DA MANHÃ							
9H30	INSPEÇÃO							
10H		Corujinhas: Mundágua Corujas: Gincana Molhada Corujões: Handnete Futlama	Corujinhas: Arvorismo Corujas: Bandeirinha Xtreme(Futlama) Corujões: Oficina de Carrinho (RF)	Gincana	Corujinhas: H.L.E. – Lago Corujas: Arvorismo Corujões: Jogos de Mesa e Oficina de Arte (RF)	Corujinhas: Corujas: Tie Dye Corujões: Arvorismo	Monitrouxa	Arrumação
11H	Reconhecimento / Arrumação Quartos / Contato Monitoria	Corujinhas: Piscina / Campo Corujas: Piscina / Campo / Tiroleza Corujões: H.L.E. - Lago	Corujinhas: Futlama + H.L.E. – Lago Corujas: H.L.E. – Lago Corujões: Corrida de Carrinho no Morro (SJ)	Gincana Lago	Corujinhas: Piscina / Campo Corujas: Ladrãozinho Corujões: Bandeirinha Futlama	Corujinhas: Corujas: Escorrega / Banho de Mangueira Corujões: Piscina	Projetos + H.L.E. – Lago	Saída
12H30	ALMOÇO / DESCANSO							
14H00	Corujinhas: H.L.E. – Lago Corujas: H.L.E. – Lago Corujões: Piscina	Projetos	Corujinhas: Oficina Mecânica (SJ) Corujas: Jogo Guerrilha Corujões: Piscina / Campo / Tiroleza	Gincana	Projetos	Corujinhas: Piscina / Campo / Tiroleza Corujas: Jogo da Velha G. Corujões: Garrafoball (RF)	Projetos + H.L.E. – Lago	
16H	LANCHE							
16H30	Corujinhas: Jokempô Gigante Corujas: Ataque à Bandeira Corujões: Super Smash (RF)	Corujinhas: Caos Corujas: Torta na cara Corujões: Leilão de Artes	Corujinhas: Bola Venenosa Corujas: Bola Venenosa Corujões: Cabadi\Q. Russa	Corrida Maluca	Corujinhas: Corujas: Canibal Corujões: Piscina Lounge	Corujinhas: Polícia e Cascão Corujas: Piscina / Campo Corujões: Jogo Lago	Super baba – Monitores x acampantes Piscina / Cama Elástica	
18H	BANHO / ENSAIO APRESENTAÇÃO DE QUARTOS							
19H30	JANTAR							
	Tema: Digital Influencer	Tema: Nacionalidades	Tema: Netflix	Jantar do Boi	Tema: Desenho Animado	Tema: 7 Pecados Capitais	Tema: Aconteceu no Corujas	

20H30	Corujinhas: Caça ao Stroomp Corujas: A Jornada Corujões: WAR	Corujinhas: Zumbilândia Corujas: Enigma do Rei Corujões: Cálice da Juventude	Corujinhas: A Fuga Corujas: Ira de Tupã Corujões: Arvorismo – survivor	Festa do Boi	Jogo Noturno – Gaiola das Loucas	Jogo Noturno – Projeto	Encerramento	
22H	Show de Talentos \ Show Monitoria	Corujinhas: Festa Candy Crush Corujas: Campismo Corujões: Over Time (Piscina)	Corujinhas: Corujas: Corujões: Rave		Corujinhas: Noite do Cinema Corujas: Corujões: Campismo +14	Corujinhas: Campismo Júnior Corujas: Festa Segue o Baile Corujões: Exorcista	Boate	

Fig. 1<sup>9</sup>: Cronograma temporada de férias de janeiro de 2018 (fonte: elaborado pela coordenação de lazer e afixado em mural de recados disposto no staff <sup>10</sup>).

Na programação há um horário chamado de “Horário de Livre Escolha” (H.L.E.), no qual o acampante pode escolher entre algumas atividades propostas, o que por consequência faz da “livre escolha” uma escolha limitada. Caso ele não queira participar de nenhuma das atividades daquele momento os monitores oferecem outras atividades como pintar, brincar com massa de modelar ou apenas assistir às atividades. Porém, a coordenação sempre reforça para a equipe de monitoria a necessidade de um controle sobre o que todos os acampantes estão fazendo em todos os momentos.

Geralmente tanto o horário da manhã quanto o horário da tarde são divididos em dois momentos: um jogo e um H.L.E.. Os jogos se resumem basicamente em dois tipos: jogos de campo, como jogos de estratégia, de um time contra o outro; ou jogos temáticos, com personagens e contextos fantasiosos, fora da realidade do acampamento. Após o jogo o H.L.E. é liberado. Com atividades no lago (caiaque, toboágua ou aquajump – uma cama elástica que fica no meio do lago), ou piscina e futebol.

O almoço geralmente é liberado a partir dos mais novos para os mais velhos. Após o almoço existe um horário de descanso. Este horário acontece mais por conta de uma convenção cultural e o cansaço dos monitores, do que uma solicitação de repouso dos acampantes. Dificilmente os acampantes descansam neste horário. Se ocupam fazendo jogos, dançando, “resenhando” (como eles mesmos dizem quando estão conversando, ou fazendo graça com alguém ou alguma situação. O termo será tratado no capítulo 3.1.), mas raramente param ou se deitam em suas camas.

Na programação da tarde geralmente se iniciam os projetos. São diversos projetos em que os acampantes podem se inscrever por interesse e afinidade. Alguns exemplos são

<sup>9</sup> O nome dos grupos formados por idade “Corujinhas” (6 a 9 anos), “Corujas” (10 a 12 anos) e “Corujões” (13 a 17 anos), foi inventado para esta dissertação com a intenção de não ser possível de identificar o acampamento onde foi feita a etnografia por ter relação direta ao nome da empresa.

<sup>10</sup> Estabelecimento onde se encontravam os materiais, figurinos e artigos esportivos usados pela equipe de monitoria para a realização das atividades.

dança, culinária, teatro, jornal, jogos, etc. Eles se dividem em grupos e trabalham em seus projetos durante toda a temporada, ou seja, sua permanência no acampamento. Cada grupo apresenta o projeto desenvolvido na noite de encerramento, um dia antes de partirem de volta para as suas casas.

Encerrados os projetos eles retornam ao refeitório para lancharem e em seguida saem para os jogos da tarde. Como apresentado no cronograma acima, são três jogos acontecendo simultaneamente, um para cada faixa etária: de 6 a 9 anos, de 10 a 12 anos e de 13 a 17 anos de idade. Ao fim do jogo, os acampantes todos se dirigem aos seus quartos onde deverão tomar banho, se arrumar para o jantar e pensar em uma apresentação que será feita antes da comida ser servida.

Todos os dias às seis horas da tarde, todos os acampantes se recolhem para os seus dormitórios e se organizam para tomarem seus banhos. Normalmente é a média de seis acampantes por chuveiro, exigindo organização deles e dos monitores para que todos tomem banho até o horário do jantar. O horário do banho é um momento que preocupa a coordenação por ser uma prática íntima, em que muitos estão acostumados a terem privacidade em suas casas. Aqui lembro das considerações de Elias (1990) sobre o processo civilizador em que a vida dos seres humanos foi se tornando cada vez mais dividida entre uma esfera íntima e uma pública, entre o comportamento secreto e o público. As funções corporais ao longo do processo civilizatório são aos poucos carregadas de vergonha e embaraço. De modo que as pessoas gradativamente mantenham as próprias funções ocultas uma das outras, fazendo com que a simples menção delas em sociedade passe a estar sujeita a grande número de controles e proibições (Elias, 1990). Porém, no acampamento a esfera pública e a privada se confundem nos momentos em que os acampantes estão em seus dormitórios, compartilhando entre eles momentos e comportamentos que deveriam ser “secrets”, mesmo que ainda aí se encontrem limites.

A exposição do corpo nu tornou-se uma infração ao longo da história, sendo a vergonha atrelada a ela construída culturalmente (Elias, 1990). Por conta dessas regras sociais convencionais, os banheiros dos dormitórios são divididos em cabines: cabines com chuveiros e cabines com latrinas. Os monitores pedem que quando os acampantes terminem seu banho, se enrolem na toalha e se troquem fora da cabine do chuveiro para liberar o banho para o próximo acampante da fila. É interessante observar as escolhas que



os acampantes fazem neste momento. Enquanto alguns vão se trocar no quarto, andam apenas de roupa íntima procurando o que vestir, outros saem da cabine do chuveiro, correm para a cabine da latrina e só saem completamente vestidos. Nota-se que a vergonha do corpo é elemento presente, e que eles se comparam e são comparados aos corpos de seus pares.

Em geral, há diferenças nestes comportamentos relatados pelos monitores responsáveis de cada quarto a depender da faixa etária e do sexo. O inculcamento do recato e do sentimento de vergonha parece estar mais presente nas meninas do que nos meninos. Provavelmente por uma maior pressão estética social feita às mulheres do que aos homens, apesar de terem exemplos de comportamentos e estudos explanando o crescimento da pressão também pelo corpo ideal masculino (Goldenberg, 2005b).

Em adição a isto, parece haver um pico neste recato e na demonstração da vergonha e do embaraço na presença de seus pares, quando o (a) acampante se apresenta com menos ou nenhuma roupa, na faixa etária dos 9 aos 12 anos de idade. Tenho a impressão de que, a grosso modo, anteriormente a esta faixa etária não há uma presença tão marcada do sentimento de vergonha relacionado ao corpo nu. É entre a faixa etária dos 9 aos 12 anos de idade, que há um processo de descoberta do próprio corpo e da vergonha atrelada a este, vinculado ao processo civilizatório e de socialização da transição da infância para a adolescência. Enquanto que para os adolescentes a partir dos 13 anos de idade a vergonha é parcialmente superada ou mascarada. Como se houvesse um sentimento de “vergonha da vergonha”, em que eles a negam para seus pares para não parecerem envergonhados pelos seus próprios corpos.

Ao longo da história, aumenta a sensibilidade com tudo aquilo que entrava em contato com o corpo, e a vergonha passa a acompanhar formas de comportamento que antes haviam estado livres desse sentimento. O sentimento de vergonha é evidentemente uma função social modelada segundo a estrutura social. É como uma parede invisível de emoções que se ergue entre um corpo humano e outro, repelindo e separando. Esta parede se manifesta como embaraço à mera vista de muitas funções corporais de outrem, ou como um sentimento de vergonha quando nossas próprias funções são expostas à vista de outras pessoas (Elias, 1990).

Em contrapartida, há pessoas diante das quais nos sentimos envergonhados e outras com quem isso não acontece. É um sentimento regulado pelas pessoas que estão a nossa volta. Para muitos dos acampantes provavelmente não deve existir o sentimento de vergonha quando ficam nus em frente à sua mãe ou ao seu pai, por exemplo. Mas em frente aos seus pares causa um embaraço pela comparação que é criada entre os indivíduos, como acampantes que dentro de seu dormitório evitam a exposição de seus corpos para não se sentirem comparados aos corpos de seus colegas de quarto.

No decorrer do processo civilizatório, aumenta a pressão que as pessoas exercem reciprocamente umas sobre as outras. Essa pressão torna-se um forte controle social eficaz para inculcar hábitos duradouros e um mecanismo de controle de emoções. Há uma tendência cada vez maior das pessoas de se observarem e observarem às demais, moldando seu comportamento embasando-se no comportamento de outrem (Elias, 1990).

Forçadas a viver de uma nova maneira em sociedade, as pessoas tornam-se mais sensíveis às pressões das outras. Não bruscamente, mas devagar, o código do comportamento torna-se mais rigoroso e aumenta o grau de consideração esperado dos demais. O senso do que fazer e não fazer para não ofender ou chocar os outros torna-se mais sutil e, em conjunto com as novas relações de poder, o imperativo social de não ofender os semelhantes torna-se mais estrito, em comparação com a fase precedente (Elias, 1990, p. 87).

Finalizado o banho, todos os dias antes do jantar acontece o “desfile de quartos”. O desfile foi proposto pela coordenadora de lazer com a intenção de que haja um tempo ocioso dentro do dormitório. Os monitores muitas vezes ficavam sem saber o que fazer com os acampantes quando eles terminavam o seu banho e pediam para ir ao refeitório antes do jantar ser liberado. Para resolver o problema a coordenadora passou a indicar temas para os jantares, estimulando que eles deveriam ir para cada jantar de acordo com o tema do dia. “Jantar do acidentado”, “jantar do trocado”, “jantar dos filmes”, “jantar dos cantores”, etc. O controle do tempo se torna imprescindível para os coordenadores e monitores durante toda a estada dos acampantes. Este controle se caracteriza como mais um elemento das estratégias de disciplinarização dos acampamentos: cria rotinas e ocupa o tempo dos acampantes com certa norma, mesmo que caracterizada pela ludicidade.

Com a nova tarefa dada, os acampantes se mantinham ocupados e não perturbavam mais os monitores pedindo para saírem do quarto enquanto todos não

tivessem tomado banho. Para o acampamento é mais vantajoso que eles não sintam uma vontade, do que terem uma vontade e serem reprimidos por conta das regras do Corujas. Com isso, são pensadas formas de manipular suas emoções e comportamentos de acordo com a necessidade logística da instituição.

Como é comum acontecer à imposição de novas práticas no acampamento, a proposta do “desfile de quartos” não foi bem recebida pelos acampantes nas primeiras vezes. Houve a necessidade de tornar atividade uma “tradição” para a proposta ter efeito. Criar a impressão do “sempre acontece” faz com que os acampantes façam a atividade sem questioná-la. Na primeira vez que a atividade é sugerida é como se houvesse uma “quebra” da rotina, do esperado, do já conhecido, e causa estranhamento. Porém, quando a prática já faz parte das expectativas dos acampantes veteranos eles já se lembram da atividade e perguntam por ela antes mesmo de ser anunciada. Essas rotinas reforçam a prática de disciplinarização e controle sobre os corpos no cotidiano do acampamento.

A aceitação destas rotinas faz parte de um jogo de status social entre eles. Aqueles que já conhecem a rotina utilizam deste saber para demonstrar aos demais certa familiaridade com o acampamento e com as atividades, tornando-se uma disputa de poder entre eles. Entretanto, os monitores e a coordenação também “jogam” com esse conhecimento prévio dos acampantes usando a favor quando é de seu interesse. Quando convém para a rotina e a proposta do acampamento que uma atividade seja lembrada e resgatada, os monitores demonstram empolgação e os motivam para pedir que ela seja realizada. Caso os acampantes veteranos perguntem sobre uma atividade que não está no cronograma, o monitor demonstra pouco caso com a atividade, dizendo que ela foi legal, mas que as demais que estão programadas serão muito melhores. Assim, existe um jogo de negociação e de manipulação com o acampante para que ele entenda e se comporte da maneira desejada durante a rotina do acampamento.

Com o “desfile de quartos” não foi diferente. Foi com o passar das temporadas que a atividade foi se desenvolvendo e passou a ter maior adesão dos acampantes. Antes do jantar ser servido, a coordenação anuncia o desfile e chama um quarto de cada vez para desfilarem para os demais. Ao final dos desfiles, a “alta cúpula” decide qual quarto estava mais criativo e que será o vencedor. “Alta cúpula” é como é chamada a equipe de monitoria e coordenação quando estão reunidos, afirmando-se no papel de hierarquia

enquanto detentores de poder e das decisões sobre o comando no acampamento. Neste momento, os acampantes novamente estão sendo avaliados pelo seu comportamento e desempenho por uma hierarquia superior à delas. São os monitores que decidem qual quarto venceu o desfile daquela noite e que será o primeiro a se servir no jantar, seguindo a ordem de colocação.

No momento do “desfile dos quartos” as demonstrações das diferenciações por sexo e faixa etária ficam nítidas. As meninas mais novas frequentemente optam por apresentações em que dançam, cantam e demonstram acrobacias com o corpo. Os meninos mais novos geralmente optam por cenas e esquete<sup>11</sup> violentas que fazem referências à guerras e batalhas. Enquanto os mais velhos se valem do cômico, de um humor mais elaborado e sutil. Muitas vezes utilizam de “piadas internas” em que apenas alguns acampantes e monitores entendem a referência e compreendem a brincadeira. Por exemplo, em um dos jantares da temporada de janeiro de 2017 o tema do desfile era “televisão”. Os meninos mais velhos optaram pelo *Master Chef*<sup>12</sup>, apresentando a receita “Sopa do Negão”. O “Negão” se refere à Nathan, um menino de pele muito clara, que recebeu esse apelido no acampamento como chacota à sua cor da pele. E a “sopa” é por conta de que Nathan frequentemente passa mal no acampamento, chegando a vomitar. Os companheiros de quarto, neste caso, apelidaram o vômito do Nathan de “sopa do Negão”. Inclusive parodiando a música “o que é que tem na sopa do neném<sup>13</sup>” para “o que é que tem na sopa do Negão”.

As meninas variam em temporadas em que se empenham muito, e temporadas em que quase não participam. Quando a predominância do quarto é na faixa etária dos 15 aos 17 anos, elas se empenham bastante. Porém, quando a predominância do quarto é na faixa etária dos 12 aos 14 anos, elas dizem achar a atividade boba e não se interessam por ela. Neste caso, parece, em geral, que as meninas entre 12 e 14 anos, procuram se afastar

---

11 É um termo utilizado para se referir a pequenas peças ou cenas dramáticas, geralmente cômicas e com menos de dez minutos de duração.

12 Se trata de um reality show americano importado para o Brasil no qual os participantes competem em provas relacionadas à gastronomia.

13 Refrão da música “O que que tem na sopa” do grupo infantil “Palavra Cantada”. Do álbum “Canções de brincar” de 1996.

do comportamento das meninas mais novas, procurando dar a impressão de serem mais maduras que as demais.

Mas há uma unanimidade nos desfiles. Todas as apresentações partem de referências de suas realidades e fazem valer estas referências de forma cômica. Muitas apresentações são inspiradas em séries de TV fechada, youtubers e vídeos que viralizaram na internet. Mesmo sem acesso a televisão e a internet durante a temporada, os acampantes trazem seu repertório de referências culturais para o acampamento e compartilham essas referências com os seus pares.

Após a janta começam os jogos noturnos. Provavelmente o momento mais esperado pela maioria dos acampantes. É um momento de adrenalina, em que os acampantes são divididos em equipes e têm missões para concluir. São jogos de aventura, estratégia, investigação ou de terror, dependendo do jogo e da faixa etária. É o momento do “perigo controlado”, quando os acampantes precisam ficar unidos, encontrar pistas no escuro, conversar com alguns personagens e fugir de outros.

Algumas atividades são realizadas na área aberta do acampamento. Em uma realidade em que muitos tem uma vida supercontrolada por seus pais, estudando em escolas particulares, sempre se locomovendo de carro e vivendo em condomínios fechados, sair pelo acampamento de noite se torna um momento de exaltação. Eles geralmente se sentem motivados e desafiados pelos jogos noturnos mesmo tendo o conhecimento que existem adultos controlando as dinâmicas e o espaço o tempo todo.

Nesta última temporada de janeiro de 2018, aconteceu um novo jogo noturno. Eu estava responsável pela programação dos acampantes mais velhos, e muitos deles eram veteranos. Isso dificulta fazer surgir um sentimento de desafio, sentimento este que eles relatam gostar e cobram durante as conversas informais com a monitoria. Então foi decidido juntamente à coordenação que haveriam monitores que poderiam “sequestrar” um integrante da equipe e arrastá-lo para o lago. Essa atitude envolveria duas quebras de regras e rotina do acampamento: entrar no lago pela noite e sem o colete salva-vidas. Imaginamos que isso faria com que os adolescentes se sentissem desafiados e motivados a jogar. Entretanto, ao final muitos reclamavam, dizendo que o jogo havia “passado dos limites” e que não gostaram de se sujar e serem molhados. Percebi que há um limite neste sentimento de “aventura” para os adolescentes. Querem se sentir desafiados, mas dentro

de um limite em que não se sintam sujeitados às atitudes das quais lhe tirem um conforto mínimo.

A última programação da noite depende da faixa etária e do dia de temporada. Varia entre campismo, onde eles montam barracas e passam a noite perto da fogueira; boate, em que o refeitório se transforma com luzes, fumaça e música alta; “noite do cinema”, em que eles levam colchões para o refeitório e assistem a um filme; e por fim “*over time*”, quando são autorizados a ficarem conversando fora do quarto até mais tarde.

Ao fim de todas as atividades, geralmente por volta da meia noite e meia, todos vão para o quarto e se arrumam para irem dormir. Colocam pijamas, escovam os dentes e vão para as suas camas. As camas são todas beliches e em cada quarto ficam no mínimo seis acampantes podendo chegar até vinte e quatro. Esta é uma realidade muito diferente para a maioria, pois é provável que em suas casas os acampantes tenham além de sua própria cama, o seu próprio quarto. Elias (1990) coloca que contemporaneamente na sociedade ocidental, desde cedo as crianças são treinadas para o isolamento dos demais, trazendo hábitos e experiências provenientes destes costumes.

Só se lembrarmos como parecia natural na Idade Média que estranhos, crianças e adultos compartilhassem a mesma cama é que poderemos compreender que mudanças nos relacionamentos interpessoais se manifestam em nossa maneira de viver. E reconhecer como está longe de axiomático que a cama e o corpo devam formar essas zonas de perigo psicológicas, como acontece na fase mais recente da civilização (Elias, 1990, p. 163).

A citação acima dá a ideia aproximada de como dormir, torna-se, aos poucos, uma situação mais íntima e privada. É separada da maioria das demais relações sociais. Para Elias (1990), essas “zonas de perigo psicológicas” as quais se refere o autor, se manifestam na contemporaneidade quando o corpo é colocado em uma situação de desconforto. Este desconforto causado está vinculado ao papel que o corpo assume durante o processo civilizatório e costumes criados ao longo do desenvolvimento dos padrões de comportamento sociais. Estes padrões foram atrelados à ideia de privacidade em determinados comportamentos pessoais, sendo isolados da sociedade em uma esfera particular dentro de seus quartos, banheiros, casas.

No caso dos acampantes, se em suas casas o controle parece absoluto, no acampamento ele se torna um problema. Esta divisão dos espaços com seus pares traz proximidade dos corpos, rompendo fronteiras do pessoal e do coletivo. Fazendo assim

com que haja uma contradição dos quartos coletivos e do controle individual sobre os acampantes, sendo necessário a estipulação de regras e combinados (tratados mais detalhadamente no capítulo 2.1.). É por meio destes combinados firmados através de diálogos entre os monitores e os acampantes que ordens e valores tidos em casa são suspensos durante a temporada para que seja compartilhado o mesmo espaço privado. Assim, a convivência e os comportamentos são regularizados, evitando desconfortos e confrontos entre os corpos. Isto se dá através do ajustamento das regras e da rotina existentes no acampamento.

Acompanhando o dia a dia do Corujas percebi que a repetição da rotina causa um ajustamento dos acampantes a ela. Se nos primeiros dias um acampante queria tomar banho antes do horário, com o passar da temporada ele se ajusta ao cronograma. O mesmo condicionamento acontece inclusive para comportamentos fisiológicos. Caso o acampante não sinta fome no horário de alguma refeição, ele ainda assim deve comer. Com o tempo o corpo dele se adapta e ele sente fome nos horários marcados para o café da manhã, almoço, lanche e janta. Os horários de ir dormir e acordar também obedecem a mesma regra. Acampantes acostumados a irem dormir mais cedo ou mais tarde, ou acordarem antes ou depois do planejado, aos poucos vão se enquadrando na programação. Os corpos vão sendo disciplinados segundo os horários do cronograma da rotina do Corujas.

A rotina é uma prática primordial neste processo de disciplinarização dos corpos. É através dela que os acampantes compreendem e aprendem onde devem estar em cada horário do dia, evitando problemas de logística para a instituição e frustração de suas vontades. Assim, há um condicionamento dos corpos e emoções que obedece ao relógio do acampamento. Os pais e responsáveis das crianças e adolescentes conhecem a proposta do acampamento e parece que a buscam também em função disto.

## 2.3 AS RELAÇÕES

Todas as relações sociais se iniciam, se passam e se apreendem através do corpo (Nascimento et al., 2012). O corpo é o suporte material, o operador de todas as práticas sociais e de todas as trocas entre os atores. É por meio do corpo que o sujeito simboliza a

tonalidade de sua relação com o mundo. Esta relação é determinada por construções de representações sociais que atribuem ao corpo uma posição determinada no seio do simbolismo geral da sociedade (Le Breton, 2016).

As relações sociais caracterizam-se pela produção dos sentimentos de diferença e de pertencimento, por meio de fronteiras materiais ou simbólicas que funcionam como elementos definidores e demarcadores. Estes elementos dão a noção das semelhanças e diferenças que constroem a relação entre “eu” e o “nós”, e do “nós” com os “outros” (Ennes e Marcon, 2014).

Estes demarcadores das relações sociais são inerentes ao corpo. As relações podem ser mais ou menos facilitadas a depender da percepção do corpo pelos seus pares proveniente destes demarcadores. Dentro do Corujas isso se observa nas relações entre os acampantes, nas quais símbolos corporais são interpretados pelos pares proporcionando vantagens e desvantagens na inserção do grupo (Lima, 2013).

Estes símbolos têm relação com a idade, com o sexo, com a etnia, como também com os códigos de vestimenta, de fala e comportamentais, e com a posição social do indivíduo dentro do acampamento. O posicionamento dos sujeitos dentro de uma estrutura social é sempre relacional, de tal modo que nos percebemos enquanto alteridade. Dessa forma, o corpo só adquire sentido com o olhar do outro (Le Breton, 2016).

Os acampantes e os monitores percebem os outros e a si mesmos dentro de uma estrutura específica que proporciona um convívio intenso durante uma semana. Uma temporada de férias implica em vinte quatro horas por dia durante sete dias de “confinamento”, como brincam os próprios funcionários. As relações são intensas, dinâmicas e complexas permeadas por formas sutis de poder. Enquanto os monitores estão a trabalho (e por mais que se divirtam, chegam exaustos ao fim de uma temporada), os acampantes estão de férias e querem aproveitar ao máximo os momentos no acampamento.

O trabalho é fisicamente e mentalmente cansativo tanto para os coordenadores quanto para os monitores. Mesmo sendo um trabalho aparentemente descontraído, a convivência com os acampantes e com os demais colegas de trabalho se desgasta. Presenciei a monitora Érica chorando por conta do cansaço e por se sentir sobrecarregada



pelo trabalho. Érica estava dividindo as responsabilidades de um dos quartos com Aline. Aparentemente Aline não estava cumprindo com as obrigações da monitoria, causando desavenças entre as duas monitoras e com as acampantes do quarto. A situação chegou a um ponto que teve que haver uma intervenção da coordenação para abrandar o caso.

Aline se portava de maneira considerada antiética para o acampamento. Filmava as acampantes sem autorização, se recusava a fazer tarefas simples do quarto, não ajudava nos jogos durante o dia. Com isso, Érica ficou sobrecarregada pelo trabalho e chegou a falar em ir embora em meio a temporada por conta do estresse. Segundo ela, só não o fez porque havia marcado o compromisso com o acampamento de estar presente no Corujas por toda a semana.

Isso demonstra que, para além das disputas de poder dos monitores para os acampantes, também existem disputas entre os próprios monitores. Similares com as relações de poder entre os acampantes, os monitores também estabelecem um “status social” dentro do contexto do Corujas pelo tempo de vivência no acampamento. Saber os jogos, conhecer os acampantes, entender as “resenhas” (a serem tratadas no próximo capítulo 3.1), são fatores que são vistos no acampamento enquanto símbolos de poder.

No entanto, diferentemente dos acampantes, esta relação de poder é institucionalizada pelo próprio acampamento. O Corujas enquanto empresa tem um plano de carreira para os funcionários da equipe da monitoria. O plano de carreira baseia-se pelo tempo de vivência do monitor dentro do acampamento, subindo na hierarquia da monitoria conforme faz um maior número de trabalhos no Corujas. Desta forma, a própria empresa reforça esta relação, onde uns monitores têm maior autonomia e poder de escolhas e decisões do que outros.

Todavia, dentro da equipe de monitores existem os ex-acampantes: monitores que iam ao acampamento quando mais novos enquanto acampantes, e após terem chegado a idade limite (17 anos) aceita pelo acampamento para se inscrever em uma temporada de férias, se candidatam para trabalharem na monitoria. Essa relação pode vir a causar um atrito com os monitores mais experientes por conta de que o critério básico de tempo de vivência no acampamento usado pela hierarquia da empresa é colocado em discussão. A depender com quantos anos o ex-acampante começou a frequentar o acampamento, por vezes ele tem um maior número de temporadas em que participou do que muitos

monitores escalados para o trabalho. A situação causa intrigas e disputas de poder sobre “quem sabe mais sobre o Corujas”. Frases como, “mas sempre foi assim”, e “na minha época” são usadas como demonstração de poder sobre aquele espaço em discussões sobre procedimentos característicos do acampamento. Essa complexidade de relações faz com que existam atritos e desavenças entre os funcionários da monitoria, havendo uma disputa também por quem é mais querido e quem tem mais autoridade com os acampantes.

Em uma ocasião na qual as regras de um jogo foram modificadas pela coordenação a fim de adaptá-lo para aquela situação em específico, Bela, uma ex-acampante questionou a decisão da coordenação. Acostumada com a sua antiga relação como cliente da empresa, se sentiu no direito de reclamar do jogo, dizendo que a coordenação o havia estragado. Bela argumentou que o jogo em sua época não era assim, e que não tinha gostado. Entretanto expliquei a ela, exercendo meu poder enquanto coordenadora, de que agora ela tinha se tornado monitora, e que ela teria que acatar as decisões da coordenação independente de seus gostos. Bela não tinha entendido de que a relação dela com o Corujas havia mudado, de contratante da empresa ela havia se tornado contratada, transformando todas suas dinâmicas de relação com as pessoas daquele espaço.

Entre os acampantes, por sua vez, se manifestam as mais diversas relações. Relações de carinho e afeto, relações de intolerância um com o outro, relações de interdependência um com o outro. Caio e Joaquim têm uma relação curiosa. Tanto Caio quanto Joaquim vão às temporadas do Corujas há muito tempo, e desde a primeira temporada em que trabalhei no acampamento estão presentes. Joaquim é um adolescente autista, e por conta disso muitas vezes ele é deixado de lado, principalmente em divisões de equipe. Caio é um acampante que sempre se posiciona para que Joaquim fique na equipe junto com ele. Caio alega que gosta de jogar com Joaquim por sua lógica ser diferente.

Joaquim tem 15 anos de idade. Por conta de sempre ir às temporadas, muitos acampantes já o conhecem. Diferentemente dos pares de sua idade, anda constantemente usando apenas uma sunga e uma toalha. Não à leva enrolada ao corpo, ele sempre a coloca em cima de um dos ombros e fica mordendo uma de suas beiradas. Joaquim xinga e esbraveja bastante, mas ao contrário do que é feito com seus colegas, ele não é

constantemente reprimido. Seu diagnóstico possibilita uma maior liberdade e tolerância de seus pares e da monitoria quanto ao seu comportamento. Diversas vezes ele é autorizado a não participar de uma atividade, ou a ficar na enfermaria mesmo não sentindo nenhum tipo de dor ou tendo algum machucado. Criou laços com Fabiana, a enfermeira, que o autoriza ficar conversando deitado na maca.

Joaquim tem uma relação amistosa com a maioria dos acampantes, mas percebo Caio como um dos que o trata com maior consideração. Caio igualmente ao Joaquim tem 15 anos e frequenta o acampamento desde muito novo, ainda quando era criança. Ele tem o porte bem magro e usa um cabelo comprido até os ombros e franja. Acredito que tanto fisicamente quanto socialmente, Caio se encontra em um momento de transição: a adolescência.

Quem o conhece fora do acampamento se impressiona com sua postura na temporada, dizendo que em outros espaços, para além do Corujas, ele é acanhado e tímido. Eu apenas o conheço ali dentro, onde ele é apelidado de “A Lenda”. Caio é conhecido desta maneira majoritariamente por jogar e conhecer o espaço do acampamento muito bem. Não demonstra essa introspecção relatada pelos colegas e monitores que já se relacionaram com ele em outras ocasiões.

Isso reflete como as regras de status dentro do acampamento mudam em comparação aos das escolas onde eles estudam, dos condomínios ou de outros centros de convívio. No Corujas, geralmente, os acampantes que têm mais amigos, que são os mais populares, são os adolescentes que vão há mais tempo no acampamento. São os que já conhecem o espaço, os monitores e a programação. Mesmo essas relações tendo interferência da imagem corporal destes acampantes, percebo que ela pode ser superada pelo critério de tempo de vivência do acampamento, assim como nos monitores.

Com isso, mesmo Caio tendo uma aparência não correspondente aos padrões de beleza da adolescência, ele ainda é apelidado como “A Lenda” no Corujas. Sua presença é disputada para fazer parte das equipes nos jogos, em que ele se coloca enquanto líder, e também recebe apoio concomitante de seus pares para essa tarefa.

Presenciei um fim de jogo noturno que tinha uma pista final, mas que nenhuma das três equipes conseguia solucionar. Joaquim se aproximou e escutou Caio repetindo a pista: “*os 22 homens que nunca cansam*”. Enquanto os outros debatiam se era na sala da

monitoria ou no campo de futebol, Joaquim disse prontamente: “Totó!<sup>14</sup>”. Caio deu um abraço em Joaquim exclamando: “Te amo cara!”. E saíram correndo até o salão de jogos, onde encontraram o objeto que dava a vitória no jogo.

Neste exemplo de Joaquim e Caio coloco algumas considerações: ambos têm a mesma idade e partilham deste status de tempo de vivência dentro do Corujas. No entanto, enquanto Caio é valorizado pelos demais, Joaquim parece ser apenas tolerado. Acredito que isto tenha relação direta à participação das atividades do Corujas. Enquanto Caio é participativo e se posiciona, Joaquim por várias vezes se ausenta demonstrando falta de interesse. Em adição a isto, a personalidade dos dois é muito distinta. Joaquim ainda tem trejeitos considerados infantis pelos seus pares, enquanto Caio se posiciona dentro das expectativas sociais de um adolescente.

Lorena da mesma forma é acampante do Corujas há muito tempo. Inclusive, é uma das maiores veteranas, com 17 anos. Dentro das regras do acampamento isso a faz ser tratada como “estourante”, ou seja, é a sua última temporada enquanto acampante. A partir da temporada seguinte, por conta de sua idade, ela só poderá participar enquanto monitora. Nesta situação, ela assumiria responsabilidades pelos acampantes que até o momento são seus pares. Havendo assim uma mudança na relação que até então era horizontal, para uma relação hierárquica de monitora para com os acampantes.

Lorena criou uma relação muito próxima com Yandra. Yandra tinha 6 anos de idade e era uma das acampantes mais novas da temporada. Era tratada pelos acampantes e pela monitoria como a “mascote”, e começou a receber mais atenção por conta de sua idade e seu tamanho. Yandra tinha uma personalidade amigável e era participativa nas atividades. Não sei exatamente como começou a relação entre Yandra e Lorena, mas lembro de perceber de repente Yandra junto de Lorena há todo momento em que os acampantes não estavam divididos pelas faixas etárias. As duas criaram uma relação de carinho e cumplicidade que não se via frequentemente no Corujas. É raro que acampantes que não se conheçam anteriormente criem vínculos quando não compartilham do mesmo grupo de idade.

---

14 Jogo de mesa também conhecido como Pebolim em algumas regiões do Brasil.

Era temporada de inverno, e nessas temporadas acontecem os “correios elegantes”. Com os “correios elegantes” os acampantes podem escrever recados uns para os outros e colocar em uma caixa que fica em cima do balcão do refeitório. Eles são lidos pelos coordenadores no microfone durante o horário do jantar e entregues aos seus destinatários. Todo esse procedimento para se manter um controle sobre os recados anônimos que podem ser enviados com mensagens, que a coordenação não considera adequados. Com esse sistema, quando a coordenação julga a mensagem inapropriada ela simplesmente o ignora e o descarta, não lendo e não expondo seu conteúdo aos demais acampantes. Diante disso, se mantêm um controle sobre o que pode ser dito de um acampante para o outro dentro do acampamento, a ser julgado pelos adultos responsáveis daquele espaço.

Diariamente haviam recados carinhosos de Yandra para Lorena. Lorena dava risada e reforçava os laços de afeto entre as duas. Os demais acampantes e monitores achavam graça e começaram a brincar com a situação dizendo que Lorena havia “adotado” Yandra como filha e que Yandra havia “adotado” Lorena como mãe.

Estas relações entre as faixas etárias, ou mais especificamente, entre crianças e adolescentes no acampamento se dá de forma curiosa. Muitas vezes quando os adolescentes se veem nesta relação dentro do acampamento, eles já se colocam enquanto “cuidadores” dos mais novos. Acredito que por estarem em uma idade mais próxima da adultez, e perceber a criança sem o auxílio presente dos pais, se sentem responsáveis por este cuidado.

Margareth Mead (2001), em seu livro sobre a adolescência em Samoa, discorre como as meninas mais velhas são responsáveis pelos cuidados das crianças mais novas. Mas no caso relatado por Mead as meninas são culturalmente colocadas sob essa função, a exercendo como parte de suas obrigações. No caso do Corujas, Lorena se coloca nesta posição de maneira espontânea e sem ser pedido por ninguém para que ela o faça. Isso reflete uma sociedade adultocêntrica onde os adolescentes partem do pressuposto que as crianças necessitam ser cuidadas e orientadas, e que os adultos possuem as capacidades necessárias para tal. Dessa forma, sempre existe uma dinâmica em que os mais velhos da relação teriam maior autonomia para a tomada de decisões, e os mais novos na relação

seriam subordinados a elas. Estas relações demonstram como não é necessário ser adulto para reproduzir este modelo de comportamento nas suas relações (Duarte, 2012).

Da mesma maneira que existem especificidades das relações entre monitores, e das relações entre os acampantes, também há as particularidades das relações dos monitores para com os acampantes.

Em uma das temporadas de janeiro de 2015, havia um monitor cujo apelido era “Johnny Bravo”. O monitor havia sido acampante e participava de concursos de beleza. Era um monitor dentro dos padrões de beleza atuais e chamava muito a atenção das acampantes. A coordenação estava preocupada pela possibilidade de as acampantes criarem uma intenção além da relação monitor e acampante com Johnny. Foi solicitado para ele ser o mais discreto possível em suas atitudes, de forma que evitasse o contato físico com as acampantes. Essa orientação dada à Johnny foi instruída a diversos outros monitores, tanto homens, quanto mulheres. Espera-se que através do distanciamento dos corpos se tenha um maior controle sobre suas emoções.

Com o monitor Silvio a coordenação agiu da mesma forma, porém não com a mesma antecedência. Com Johnny já era esperado pelos coordenadores que poderia acontecer algum deslumbramento por parte de alguma acampante, porém com Silvio não houve esta consideração. Provavelmente porque enquanto Johnny é branco, loiro, olhos claros e com o corpo atlético, Silvio tem o perfil oposto. Negro, de cabelos e olhos escuros, e acima do peso. Talvez por conta dele não atender padrões sociais de beleza, a coordenação imaginou que um monitor fora destes padrões não traria problemas por contas de envolvimento com as acampantes.

A coordenação reparou que a interação de Silvio com algumas acampantes durante a temporada e fugiam dos padrões de postura dos demais monitores, que era orientado pela empresa, com abraços frequentes sempre no mesmo grupo de adolescentes, quando se encontravam em áreas comuns. Eram meninas de 12 e 13 anos que estavam sempre juntas e dividiam o mesmo dormitório. Talvez a interação podia não se configurar em nenhuma intenção amorosa, porém a coordenação julgou necessário intervir. Foi conversado com o monitor Silvio para que ele ficasse atento ao seu próprio comportamento, evitando contato físico com as meninas. Silvio pareceu não compreender muito bem o pedido, alegando não saber como romper com a relação que havia sido

construída até então. Com isso indiquei, enquanto coordenadora, que quando ele percebesse demonstrações de afeto que envolvessem o corpo, que se afastasse das meninas alegando estar ocupado ou ter que realizar alguma outra tarefa. O monitor indicou que havia entendido as orientações e seguiu para dar continuidade ao seu trabalho.

Apenas mais tarde, perto da hora de dormir, vi as meninas com as quais Silvio tinha esta relação de maior afinidade, chorando. A psicóloga Frida as acompanhava no momento e não me preocupei. Entretanto, a monitora responsável do quarto me contou em seguida de que as meninas estavam chorando por conta de uma conversa que tinham tido com Silvio. Silvio aparentando não saber lidar com a situação, pediu diretamente às meninas para que elas se afastassem, relatando de que havia sido chamado a atenção pela coordenação por conta de sua proximidade com elas. As meninas escutando o pedido do monitor, interpretaram aquilo como se dependesse delas o emprego de Silvio. Se sentiram injustiçadas e xingaram os membros da coordenação para a psicóloga do acampamento, dizendo que os coordenadores não compreendiam a relação de carinho e afeto que havia sido construída entre eles.

Com a grande comoção que todo o mal entendimento causou, Silvio se sentiu envergonhado. O monitor sabia que a coordenação iria tomar consciência de que ele não havia seguido com a orientação dada por conta da reação causada nas meninas. O episódio tomou proporções muito mais complexas do que a coordenação esperava. Os coordenadores imaginavam que a mudança de comportamento pedida ao monitor não seria explicitada às acampantes. Seria uma informação sigilosa daqueles que comandam os adolescentes, controlando seus corpos e emoções. No momento de que este controle foi revelado às adolescentes, foi necessário que se contornasse e amenizasse as emoções, de forma a apaziguar situação.

É nesse jogo, nessa troca de relações permitidas e não permitidas que funcionam as dinâmicas do acampamento. Por conta de serem muitos monitores e todos muito próximos em sua faixa etária, acontecem flertes, intrigas e “panelinhas”, da mesma forma que acontecem com os acampantes. Com comportamentos reprimidos nos acampantes pelos monitores, mas muitas vezes também reproduzidos por eles, cria-se uma relação contraditória entre o que se diz e o que se faz, como muitas das relações adultocêntricas.

O controle dos corpos e das emoções é presente nas relações dos adultos para com os adolescentes no acampamento. Mas há também uma resposta a este controle com subversões a ele, recriando as dinâmicas e reivindicando autonomia no espaço. Os adolescentes sabem que também têm suas relações de poder entre eles e com os monitores, nas quais podem negociá-lo e exercê-lo. No próximo capítulo trato de três situações em que a autonomia dos corpos e emoções e de seus significados são reivindicados pelos adolescentes.



### CAPÍTULO III

#### NEGOCIAÇÕES E DISPUTAS PELA DISCIPLINA DO CORPO

Neste capítulo irei destacar três termos nativos que exemplificam esta negociação e disputa pela disciplina do corpo. A proposta deste capítulo é através destes termos trazer exemplos mais claros para serem discutidos e embasados a partir desta análise etnográfica.

O primeiro subcapítulo, “As resenhas” traz elementos das conversas informais dos acampantes e das brincadeiras que surgem entre eles durante a temporada. Entre eles o termo “resenha” é bastante utilizado, servindo para definir uma brincadeira ou apenas ficar conversando sobre assuntos leves. Nessas “resenhas” vão surgindo jargões que são repetidos e que se tornam parte da “identidade” da temporada. As “resenhas” surgem de forma espontânea pelos próprios acampantes, sendo um elemento etnográfico rico para análise antropológica. É o modo que eles têm de falar de si e de uns sobre os outros, o que me permite, de certo modo, acessar a linguagem, as expressões corporais e os modos comunicativos utilizados entre eles.

No segundo subcapítulo tratarei do termo “*crush*” e suas variantes. *Crush* é um termo que os acampantes usam para dizer sobre quem eles têm interesse afetivo, quem acham bonito ou por quem sentem algo especial, de maneira amorosa. Geralmente se trata de uma paixão ou admiração intensa por uma pessoa que pode ou não ter a consciência deste sentimento. Além do termo *crush* também analiso o termo “shippo”, uma expressão usada por eles quando um terceiro quer juntar um casal. Ou seja, quando há uma torcida para que aconteça de um determinado casal se unir. O termo assim como o *crush* também pode ser utilizado por eles para se referirem a casais fictícios de séries, novelas, filmes, livros, etc.

Através destas expressões que fazem alusão à esfera afetiva e amorosa e à sexualidade dos adolescentes, busca-se compreender de que forma eles negociam com a monitoria, ou até mesmo burlam o controle dos monitores, para se envolverem além do permitido no acampamento, aproveitando do momento de estarem longe dos pais e da escola e juntos com os amigos, para expressarem afetos e formas de se entender no mundo.

Por fim, no último subcapítulo trato do fenômeno “*Fit Dance*”. Observo a aderência dos acampantes ao *Fit Dance* no Corujas desde meu primeiro trabalho no acampamento. *Fit Dance* é um canal no *YouTube*, muito famoso, que libera coreografias das músicas que estão sendo mais tocadas nas rádios. É um canal acessado por grande parte do público adolescente que frequenta o acampamento. Geralmente nas noites de boate tocam as mesmas músicas, independentemente da faixa etária. As músicas que eles mais pedem que sejam tocadas no acampamento são as músicas do “*Fit Dance*”. Percebendo os corpos dançando todos iguais nas noites que tem boate no acampamento, notei que existe um valor atrelado ao corpo hábil e sensual e que saber a coreografia do canal é um sinal de status e de inserção social entre os acampantes. Desta forma, as noites de boate se tornaram um contexto interessante para analisar as diferentes formas de entendimento sobre o corpo e a interação entre os acampantes.

Com estes três enfoques etnográficos espero compreender, a partir do diálogo com as percepções dos acampantes, como eles experimentam e constroem suas noções sobre corpo e implicações tais noções tem para eles. Também me interessa entender como eles reproduzem e contrapõe os sentidos adultos, o controle do acampamento sobre o corpo e o que ele significa nas relações de poder.

### 3.1 AS RESENHAS

A expressão “resenha” é escutada frequentemente em conversas no acampamento. Porém, quando pergunto aos acampantes o seu significado escuto as mais variadas respostas, inclusive: “sei o que é, mas não sei explicar”. Um dos monitores tenta esclarecer: “É uma conversa, mas nunca uma conversa séria, é uma conversa descontraída. É jogar conversa fora para dar risada, para brincar”. Ele exemplifica: “por isso que também pode significar uma brincadeira. ‘Tipo’ quando você fala: ‘pô, você não sabe da resenha’...”. Outro monitor complementa: “Para mim é um momento de conversa e descontração entre amigos, entre um grupo de pessoas”. Os exemplos dele já são outros: “por ter esse caráter de descontração, se alguém está ‘resenhando com a sua cara’ ou fazendo a resenha com você, quer dizer que tão te ‘zuando’, né? Mas quando eu falo que uma coisa é ‘sem resenha’ é que eu ‘tô’ falando sério”.

Em resumo, “resenha” refere-se a uma brincadeira. Serve para especificar uma determinada situação ou assunto que vira uma piada interna. Ou seja, faz referência à códigos próprios do grupo, e assim se torna uma “resenha”. Trata-se de uma expressão subjetiva, ao passo que é dependente do contexto e do tom em que a palavra é utilizada.

Pensando nessas sutilidades na interpretação do termo, me recordo do texto de Geertz (1973) sobre a descrição densa e sua discussão sobre as piscadelas. Para identificar as diferenças entre as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações das piscadelas, os ensaios das imitações das piscadelas e dos tiques nervosos, é necessário um olhar apurado do etnógrafo com objetivo de entender todas as possibilidades de significado social daquela piscadela. Ou seja, só a partir da intimidade com seu campo, que o antropólogo é capaz de perceber, interpretar e descrever essas diferenças sutis nos códigos de seu objeto de pesquisa.

Nesse sentido, o termo “resenha” tem suas nuances e deve ser interpretado com atenção ao conjunto de circunstâncias daquela situação. As “resenhas” que são características do acampamento, isto é, as brincadeiras que têm seus significados atrelados a acontecimentos que se deram dentro do Corujas, surgem de forma espontânea pelos próprios acampantes. São “resenhas” diretamente dependentes da situação que ocorria no momento quando foram criadas, sendo vinculadas a experiências próprias do Corujas.

Nessas “resenhas” vão surgindo jargões que são repetidos e que se tornam parte da “identidade” da temporada. Essas “resenhas” que são criadas e perpetuadas durante a estadia dos acampantes demonstram o entrosamento que existe entre os participantes daquele universo. Assim, as brincadeiras, as fofocas, e as “resenhas”, ajudam a criarem laços e um sentimento de pertencimento entre eles.

Para Ennes e Marcon (2014), é possível dizer que o pertencimento e a alteridade são produzidos por meio de relações de poder, a partir do contexto e das relações sociais dos quais os atores estão envolvidos. Saber ou não uma “resenha” implica diretamente nas relações de poder dentro do acampamento e no sentimento de pertencimento dos acampantes. Como dito anteriormente, ter conhecimento sobre a programação, conhecer os monitores, e compreender as “resenhas”, são vistos como status e como critérios para inserção dentro do grupo. Sendo assim, as “resenhas” são práticas que produzem

significados envolvendo relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído (Ennes e Marcon, 2014).

Uma das “resenhas” mais frequentes durante a temporada de janeiro de 2018 foi a “resenha pegou ar”. Esta “resenha” surgiu de um áudio enviado em grupos do aplicativo do *WhatsApp*. É uma música no ritmo de pagode baiano em que o vocalista canta: “Ah! Pegou ar! Pegou ar! Ficou nervoso! Nervosinho...!”. Foi um áudio muito difundido nos grupos de *WhatsApp* tendo atingido também os monitores e os acampantes em um período próximo ao da temporada. Assim, todos conheciam a música antes de chegarem ao acampamento.

Mesmo na ausência de um grupo de *WhatsApp* (já que todos estavam sem os seus celulares), o áudio era cantado. Interessante perceber que mesmo sem os seus celulares, o mundo digital ainda faz parte da vivência dos acampantes no dia a dia. Referências à *YouTubers*<sup>15</sup>, *Instagram*<sup>16</sup> e *WhatsApp* são feitos corriqueiramente nos diálogos entre eles. Feixa (2014), em seu livro sobre a juventude na era digital, trata a geração contemporânea enquanto uma sociedade em rede. O mundo digital se torna uma referência para além do seu uso, e por mais que eles estejam “desconectados” durante aquela semana em que estão no acampamento, as referências deste mundo digital ainda são compartilhadas.

Assim, quando algum acampante ou monitor não gostava de alguma brincadeira, ou ficava nervoso por algum motivo que os demais considerassem bobagem, alguém começava o coro: “Ah! Pegou ar! Pegou ar...!”. E os demais seguiam com o restante da música. Geralmente todos caíam na risada, inclusive a pessoa que estava sendo atacada pela cantoria dos demais.

Entretanto, não era apenas o “Pegou ar” que todos cantavam em coro em momentos específicos. Havia outra música que sempre era cantada quando alguém derrubava algo, quebrava alguma coisa, tropeçava, ou qualquer situação nesse sentido. Sempre que algum acidente, algo inesperado acontecia e era identificado pelos demais, quem percebia o deslize começava a cantar: “Ritmo! Ritmo! Ritmo!”.

---

15 “*YouTubers*” são celebridades da internet que ganharam popularidade pelos seus vídeos compartilhados no site do *YouTube*.

16 *Instagram* é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos.

“Ritmo” faz alusão a uma música que é cantada no acampamento como tantas outras músicas recreativas. Existe uma gama variada de músicas utilizadas na recreação para diversos fins. Pode ser uma música cantada para chamar a atenção dos acampantes, para entrosá-los ou para ensiná-los algum conteúdo pedagógico. Uma música utilizada para o entrosamento dos acampantes é a “Ritmo”. Ela é cantada em roda e segue alguns gestuais que colocarei abaixo entre parênteses para representar melhor como é a sua dinâmica:

Ritmo! Ritmo! Ritmo! Agora vamos conhecer um animal particular (todos batem palmas juntos).

Uma garra aqui (nesse momento se coloca a mão no ombro do colega da direita).

Uma garra lá (passando a mão esquerda sobre o ombro do colega da esquerda).

Uma garra aqui! Aqui! Aqui (todos pulam juntos para a direita)!

Uma garra lá! Lá! Lá (todos pulam juntos para a esquerda)!

Todavia, o gestual não acompanha a “resenha”, sendo apenas a música cantada pelos acampantes e monitores. Lucas percebeu a dinâmica envolvida entre algo ser quebrado e a reação dos acampantes. Derrubou alguns copos por distração ao longo da temporada, porém começou a se divertir com o desenrolar da sua ação. Assim, começou a quebrar copos propositalmente porque gostava de escutar a cantoria dos colegas. Manipulava de acordo com a sua vontade uma reação dos acampantes que geralmente é derivada de um comportamento espontâneo, chamando a atenção para si.

Lucas tinha diagnóstico de autismo. Quando os monitores perceberam que os copos caindo de sua mão não se tratavam mais de um acidente, começaram a adverti-lo. Lucas se retraía e simulava uma introspecção característica de seu diagnóstico. Contudo, eu e outros monitores identificamos como ele usava de sua condição para não ser repreendido, encenando e manipulando a equipe para escapar de uma possível bronca.

Não sei dizer quando ou porquê essa “resenha” começou. Acredito que algum monitor espontaneamente, após algo cair no chão no refeitório durante uma refeição, começou a cantar a música e foi acompanhado pelos demais. Desde então essa “resenha” acontece em todas as temporadas pelo menos a dois anos.

Outra música característica do Corujas que também virou “resenha” foi a música “*TOP*”. Um dia eu estava conversando com os acampantes de 13 a 17 anos e eles usavam a expressão “*top*” com frequência para identificar quando algo era muito bom. Eu reclamei:

- Gente, “*top*” não! Essa expressão “*top*” é muito horrível” – eu disse, brincando.

A partir daí se tornou uma “resenha” falar que tudo era “*top*” na intenção de me provocar. No dia seguinte quando fui fazer a inspeção de rotina dos quartos, o dormitório em que estavam os meninos da conversa do dia anterior haviam feito uma música nova:

T! O! P! *Top*!

T! O! P! *Top*!

A Cris é *top*, muito *top*!

Só falta gostar de falar *top*!

O nosso quarto é muito *top*!

Só falta ter um *laptop*!

A vida é *top*, muito *top*!

“Topzera”! “Toppersson”! “Topware”! “Topzona”! “*Top power*”!

Comecei a rir e parabeneizei o grupo pela criatividade. O que eu não esperava é que a música virasse mais uma “resenha”, com o refrão sendo cantado sempre que acontecia algo que agradava muito os acampantes. Desde então, após alguma apresentação que os demais acreditavam ser muito boa, um jogo que ao final é muito bem aceito, ou outra atitude que tenha grande aprovação, um acampante ou monitor começava a cantar e o restante se juntava: “T! O! P! *Top*! T! O! P! *Top*!”. A música virou “resenha” sendo espontaneamente lembrada nas temporadas nos últimos dois anos.

Em contrapartida todos cantam “Conga” quando alguém fez algo que foi desaprovado pelo restante do grupo. A “Conga” é cantada em tom jocoso para que uma pessoa dance enquanto os outros cantam:

Ei (nome da pessoa), eu quero ver se você sabe dançar a Conga!

Uma mão vai na cabeça a outra na cintura!

Dá uma rodadinha e Conga!

No momento que se diz a palavra “Conga” a pessoa deve descer com o quadril até o chão, finalizando a “prenda<sup>17</sup>”. A “Conga” é cantada quando alguém fala algo que seja desaprovado pelo restante, quando chega atrasado, ou erra qualquer comando em algum jogo. Ou seja, tem relação com uma dívida, é um pagamento em forma de castigo que é cobrado pelo restante do grupo.

Entretanto, Juliana e Renata uma vez se aproximaram de mim no refeitório e pediram para que eu cantasse a “Conga” para elas dançarem. Não entendi a proposta, já que normalmente os acampantes veem a tarefa como um castigo. Depois percebi de que elas queriam dançar a “Conga” na frente dos demais em uma intenção de chamar a atenção do grupo. Juliana e Renata se utilizaram da “Conga” para interesses próprios contrariando a percepção dos demais sobre ela. Assim, fazem uma releitura e a colocam enquanto vantajosa ressignificando essa “resenha”.

As “resenhas” são ações ou comportamentos que não têm a necessidade de serem explicadas ou de fazerem sentido fora do terreno do acampamento. Elas são internalizadas pelos monitores e pelos acampantes, de tal forma que uma ação ou um acontecimento é vinculado a outra ação. Provavelmente por isso, é uma prática que passa de uma temporada para outra enquanto código daquele determinado grupo, naquele determinado espaço. É um sinal de pertencimento, no qual os acampantes gostam de demonstrar que já passaram, por ali, já vivenciaram outras temporadas, e que dominam o Corujas e seus códigos.

O sentimento da diferença e do pertencimento são produzidos em situações ou contextos em que indivíduos orientam suas ações a partir de outros indivíduos com os quais mantêm relações de disputas mediadas por normas. Este sentimento é associado a elementos simbólicos e marcadores sociais como os sinais corporais, as formas de agir, de falar, de vestir, entre outras, evidenciadas enquanto substâncias particulares de seus grupos sociais. Estes marcadores são socialmente construídos e permanentemente ressignificados nos processos de identificação (Ennes e Marcon, 2014).

---

17 “Pagar uma prenda” (ou “pagar um mico”) significa cumprir uma tarefa. Normalmente as “prendas” são punições curtas e divertidas atreladas à uma falha ou derrota do participante em atividades e jogos.

O contexto e a situação são elementos da construção de marcadores simbólicos. Estas marcações sociais e simbólicas são as formas elementares de expressão das relações sociais de poder e de disputa (Ennes e Marcon, 2014). Como por exemplo neste caso, o contexto é o Corujas, onde a situação é a quebra de expectativa sobre o comportamento do colega e o marcador simbólico é o “saber a resenha”, no qual esta é a expressão da relação de poder dentro do acampamento.

Expondo as dinâmicas e os momentos em que estas “resenhas” acontecem, ou quando estas músicas são cantadas, percebe-se os códigos criados entre os acampantes e as estreitas relações formadas por eles durante uma temporada de férias. Com exceção da “resenha *top*”, a diferença dos momentos em que são cantados “Pegou ar”, “Ritmo” e “Conga” são muito sutis e somente compreendidas em sua totalidade pelos acampantes que já frequentam o Corujas há algum tempo. Outras “resenhas” já passaram, e aos poucos foram esquecidas e deixaram de ser cantadas. Porém, a maioria das “resenhas” comentadas “expõe” o outro de alguma forma. Geralmente de uma forma divertida, mas provocativa, faz graça com uma situação que envolve o corpo e o comportamento do colega.

É por meio desta troca com seus pares que o corpo do adolescente adquire sentido, sendo o reconhecimento de si próprio e do seu corpo dependente do olhar do outro. Seu corpo é o instrumento de sua relação com o mundo, sendo através dele que se operam suas práticas sociais e sua ação simbólica em seus espaços de convívio (Le Breton, 2016).

Há no imaginário dos acampantes, gestos, posturas, hábitos, vícios e expressões, que reconhecem o sujeito como membro de um grupo (Novaes, 2006). Através destes códigos corporais os adolescentes se reconhecem como parte daquele espaço. O corpo durante a adolescência tem uma posição de destaque, passando a ser símbolo de inserção no grupo, através de símbolos e códigos específicos do contexto do adolescente.

Este corpo que é visto, que é evidente, e que é valorizado enquanto símbolo e capital em nossa sociedade, – em especial na fase da adolescência – é constantemente olhado e vigiado para moldar-se aos padrões de comportamentos dispostos e adquiridos durante o processo civilizatório. Quando este corpo submerso neste contexto de



expectativas demonstra algum comportamento fora do esperado durante a temporada, ele é denunciado pelos demais por meio das “resenhas”.

Os acampantes ficam em constante policiamento do próprio comportamento e do comportamento dos demais, sendo eles também parte da vigia da disciplinarização dos corpos (Foucault, 2014). Na adolescência, quando existe a necessidade de fazer parte do grupo, e de agradar aos seus pares, há uma pressão exercida reciprocamente dos adolescentes um sobre os outros. Com isso, se forma um controle social eficaz para inculcar hábitos e mecanismos de controle dos corpos e das emoções (Elias, 1990).

Dessa maneira, rede de relações que se forma com seus grupos de pares funciona como agentes de socialização e como mecanismos de controle próprios por meio de suas preferências e seus intercâmbios, tendendo à uma homogeneização de símbolos e comportamentos (Urresti, 2011). As “resenhas” demonstram como esta rede de relações tende a homogeneizar comportamentos e reações dentro de um contexto em que os símbolos são compartilhados. Assim, os comportamentos dos adolescentes vão sendo moldados com referência no comportamento de seus pares.

Na perspectiva de Mauss (1934), há uma imitação prestigiosa elaborada por meio da observação das pessoas que são vistas como bem-sucedidas em seu convívio, caracterizando seus atos corporais. É através desta mimese que os indivíduos incorporam atos e comportamentos que tem êxito e sucesso em seus espaços de convívio. No momento em que a maioria canta alguma “resenha”, um acampante novato no Corujas não compreende a relação do gesto com a música, mas tende a copiar seus pares com o propósito de se sentir aceito e parte daquele grupo. Estas “resenhas” demonstram como os acampantes agem de forma intencionada para se sentirem pertencentes ao coletivo, mesmo que reproduzindo gestos e comportamento que não têm total compreensão.

As relações de poder envoltas no saber das “resenhas”, na apropriação delas e de sua reprodução, demonstram como os códigos compartilhados específicos daquele espaço tem um maior valor e evidenciam os critérios de inserção. Para Ennes e Marcon (2014) a marcação social e simbólica são as formas elementares de expressão das relações sociais de poder e disputa no que diz respeito aos modos com as identidades e diferenças se estabelecem entre os grupos sociais. Estes códigos compreendidos apenas dentro do Corujas e entre os acampantes e monitores são disputados nas relações do acampamento.

As “resenhas” viabilizam uma alternância na liderança e na visibilidade dos corpos no acampamento, abrindo espaço para que um acampante dê início a um comando para o grupo. Este papel é tradicionalmente marcado pela monitoria, que estabelece formalmente todos os comandos durante o dia, sejam eles de jogos e atividades nos ambientes de convivência, ou de rotinas de higiene e descanso dentro dos dormitórios. Com isso, se cria uma oportunidade de autoafirmação de poder destes acampantes através de uma ação que geralmente diz respeito aos monitores. Cria-se uma situação de liderança daqueles corpos invertida da configuração habitual do dia a dia.

Em consequência disto, surge uma fissura na hierarquia adultocêntrica base das relações do acampamento. Mesmo que para esta prática muitas vezes haja o consentimento da monitoria, nos casos em que ela não existe ainda assim a “resenha” irá acontecer, pois é um código compartilhado por todos ali presentes. Uma circunstância em que um acampante se utiliza do seu conhecimento daquele espaço e de seus códigos internos para tomar a frente do grupo, mesmo que por um período breve. Com o saber das “resenhas” sendo visto como poder dentro do Corujas, quando a distribuição deste poder se altera, ele também modifica a dinâmica das relações.

São estas relações produzidas em contextos de disputas de poder que permitem perceber as circunstâncias em que ocorrem uma situação de respeito à liberdade e autonomia ou uma coerção social (Ennes e Marcon, 2014). Foucault (2014) argumenta que o poder se manifesta em rede, com os indivíduos podendo exercer ou sofrer a sua ação. Com isso, há uma rede de relações dinâmica na qual todos podem deter saberes e poderes em casos mais ou menos relevantes ou frequentes naquele contexto.

Ou seja, as “resenhas” abrem um campo de disputas entre os acampantes na vigilância de uns com os outros na possibilidade de expor o colega. Como também na manifestação de saber e dominar os códigos do espaço demonstrando poder. Ainda, o adolescente pode subverter um poder estrutural adultocêntrico em que assume uma postura de liderança e comando sobre os monitores e os demais acampantes.

Em resumo, as “resenhas” representam o acampamento em suas formas de expressão aparentemente mais simples: a da brincadeira, da reprodução e do pertencimento, porém repletas de significados sociais.

### 3.2 OS CRUSHS

*Crush* é um termo que os acampantes usam para se referir as pessoas sobre quais eles têm algum interesse afetivo. Geralmente se trata de uma paixão ou admiração intensa por uma pessoa que não sabe deste sentimento. É comum escutar durante a temporada “quem é o *crush* de quem?”. Eles conversam sobre isso com alguma frequência, e mesmo acampantes de 8 e 9 anos já dizem ter um *crush*.

*Crush* vem da expressão da língua inglesa “*crush on you*” e significa “ter uma ‘queda’ por você”, demonstrando um interesse amoroso afetivo. Na língua portuguesa é usada com sentido e intenção similares, com a ressalva de que a expressão *crush* é utilizada como substantivo. Por exemplo: “Ele(a) é o meu *crush*”.

Os *crushs* são comentados em tom de segredo e fofoca, a não ser que seja o caso de um *crush* inatingível, como o fato de ser alguém famoso(a), que não se conhece pessoalmente. Nisso eles compartilham abertamente quem são seus *crushs* das séries, dos filmes e das novelas que assistem, dos músicos das bandas que escutam, e dos livros que leem. Nessa idade principalmente é comum olharmos para pessoas que estão em evidência na mídia e admirá-los de uma forma fantasiosa, criando uma paixão platônica. O termo *crush* também faz alusão a este tipo de sentimento.

Me parece que a intenção com o *crush* de meninos e meninas é diferente. Enquanto as meninas geralmente fantasiam com relacionamentos amorosos com seus *crushs*, os meninos fantasiam mais sobre uma experiência sexual com as suas. É provável que isso venha de uma construção patriarcal e sexista em que é ensinado para as meninas a importância de um relacionamento amoroso enquanto é ensinado para os meninos a importância de sua sexualidade.

Existem os *crushs* proibidos no acampamento, como o é no caso de um monitor ou monitor(a) ser o *crush* de um ou uma acampante. Esse é um caso de um *crush* que não é bem visto por todos e geralmente compartilhado em segredo entre os amigos mais próximos. Estes amigos muitas vezes constituem a primeira ampliação da rede de relações em que os adolescentes ingressam. São grupos de pares em que se forma redes afetivas que representam espaços de autonomia, busca da independência e circulação de

informação da vida cotidiana. Junto com seus pares se tomam as primeiras conversas sobre sexo, amor e amizade (Urresti, 2011).

Às vezes o acampante, seja menino ou menina, confia a um monitor mais próximo sobre sua paixão platônica por outro monitor. Nesses casos é reprimido imediatamente e o monitor que é o *crush* do adolescente é avisado para ficar atento e se afastar sutilmente daquele acampante.

Na temporada de janeiro de 2017 fui abordada por Ágata no refeitório:

- Não acredito que você colocou o monitor mais gato de staff! - se referindo à Bernardo, funcionário que foi contratado não para estar junto dos acampantes, mas como staff, para ajudar na logística e organização das atividades.

Respondi brincando e reprimindo a insinuação de Ágata:

- Bernardo? Esse aí tem idade para ser o seu avô! – desconversei.

Pode-se dizer que Bernardo era o *crush* de Ágata. Como não queria me aprofundar no assunto e muito menos responder a mais perguntas sai de perto logo. Porém, Ágata voltou no ano seguinte e me perguntou:

- Cris, cadê aquele monitor gato que ficou no staff na temporada do ano passado?

Mais uma vez me colocando em uma situação desconfortável de repressão sobre a demonstração de uma afeição proibida dentro da empresa.

Os *crushs* são frequentemente reprimidos pela monitoria independentemente de haver diferenças na idade ou não. Entretanto como os acampantes conhecem as regras do acampamento (e da sociedade em geral), sabem que a sua afetividade amorosa é repreendida. Mas se por um lado o Corujas os repreende, há uma disputa no acampamento pelos próprios adolescentes na reivindicação por sua autonomia. Da mesma forma em que sabem que existem comportamentos sexuais que são negados para a sua idade, os acampantes entram em conflito com as autoridades da empresa e disputam espaço para se comportarem da maneira como querem.

A sexualidade que geralmente manifesta-se com maior vigor na adolescência, é tratada pelos adultos como um comportamento que deve ser reprimido e controlado neste momento de transição. A adolescência é uma etapa transitória marcada pelo corpo em transformação e representa um período de maturidade que se apresenta como conflitiva e problemática (Urresti, 2011).

Com o processo civilizatório das emoções, há uma restrição do comportamento sexual específica dependente da faixa etária do indivíduo. Uma regulação dos impulsos sexuais associando-os com sentimentos de vergonha e embaraço, medo e culpa. Este comedimento leva a uma modelagem social que torna automático o comportamento desejável, condicionando os corpos a uma aceitação de determinado padrão de conduta (Elias, 1990).

Mauss (1934) afirma que “temos um conjunto de atitudes permitidas ou não, naturais ou não” (p. 218) diretamente relacionadas ao sexo e à idade dos corpos. Os acampantes fogem da vigia dos monitores para agirem da maneira que lhes agrada, transgredindo o conjunto de atitudes permitidas pela estrutura adultocêntrica do acampamento. Os adolescentes aproveitam de momentos que estão desvigiados e mudam de comportamento caso alguém da monitoria se aproxime.

Geraldo e Ayla tinham onze anos e eram *crushs* um do outro. Geraldo demonstrava problemas com autoridade e já tinha fama pelo seu mau comportamento dentro do acampamento. Ayla por sua vez, apesar dos seus onze anos, parecia mais velha. Alta, com o corpo já desenvolvido, chamava a atenção e era a *crush* de muitos acampantes. Escutei algumas fofocas de que um estava “a fim” do outro. O que já fazia com que os monitores ficassem vigilantes para não permitir que nada de fato acontecesse.

Um dia ao final do jantar Geraldo e Ayla estavam juntos um do lado do outro, falando bem de perto (ou pelo menos mais perto do que a coordenação achou que deveriam). O coordenador Arthur foi intervir. Quando Arthur se aproximou os amigos já acusaram:

- Parou, parou... Arthur na área!

Geraldo se virou para Arthur e logo respondeu:

- Relaxa tio! Não “tá” acontecendo nada!

Geraldo já se antecipou, pois já sabia que haveria uma repressão pelo seu comportamento relacionado à Ayla. Arthur não chegou a falar nada, sua simples presença já foi o suficiente para mudar a atitude dos adolescentes.

Segundo alguns autores, a adolescência é a idade do descobrimento da arbitrariedade do mundo social – o mundo dos adultos. Os adolescentes entram em confrontação com este mundo imposto, criando conflitos geracionais consequentes das

novas maneiras de lidar com a sua sexualidade e com o seu corpo, acarretando em seu reposicionamento no meio social (Urresti, 2011).

As instituições que trabalham com este público se tornam reguladores da sexualidade juntamente com a família com a preocupação de condicioná-los a um padrão social através do controle do comportamento desses adolescentes (Elias, 1990). Contudo, é também nesta fase que os adolescentes vão passando da dependência familiar, em termos de valores, gostos e preferências, a uma autonomia pessoal mais ampla, gerando crises pessoais e familiares e conflitos com as instituições (Urresti, 2011)

Todavia, este condicionamento de um determinado comportamento pode se dar tanto pela repressão quanto pela motivação da sexualidade. Em uma ocasião o monitor responsável do quarto encontrou revistas eróticas nas coisas de Júnior. Quando questionado, Júnior contou de que sua mãe que as havia entregado. Desconfiamos e ligamos para a mãe para conversar. A mãe confirmou que tinha sido ela mesma que as havia comprado, mostrando como também existe uma obrigatoriedade de corresponder a uma expectativa de sexualidade, ou uma abertura maior para lidar com o assunto, nos casos masculinos.

Leonardo também demonstrava esta confirmação na expectativa de uma determinada manifestação de sexualidade do seu colega Geraldo. Leonardo e Geraldo eram muito amigos, e Leonardo sabendo de seu interesse por Ayla, torcia para que os dois “ficassem”, ou seja, se beijassem. Neste caso Leonardo estava “shipping” Ayla com Geraldo, ou “Gerayla”. O “shippar” acontece quando um terceiro quer juntar um casal, torcendo para que se unam amorosamente. Ou seja, o “shippar” manifesta a intenção de uma pessoa em ver um casal se relacionando afetivamente. O termo assim como o crush também pode ser utilizado para casais fictícios de séries, novelas, filmes, livros, etc.

O verbo shippar é derivado de “shippo”, neologismo que se originou a partir do inglês *relationship*, que quer dizer "relacionamento", na tradução para o português. Assim, shippar funciona como um verbo na língua portuguesa, fazendo com que shippo seja a forma conjugada na 1ª pessoa do singular. Por exemplo: "Eu shippo Geraldol e Ayla", ou “Eu shippo ‘Anabriel’”. Sendo a formação de um novo nome constituído a partir dos nomes individuais de cada uma das pessoas envolvidas outra característica do “shippar”.

Na última noite da temporada acontece uma boate de encerramento com todos os acampantes e monitores. Eu estava do lado de fora conversando com o gerente quando fui interrompida por duas meninas que lançarem a pergunta berrando:

- Cris! Cris! Cris! Você “shippa” Humberto e Clara?

- Ahn?

- Se você “shippa” Humberto e Clara?

- Se eu o que...?

- “Shiiipaaa”!

Eu demorei algum tempo até entender e lembrar da expressão que eu mesma havia aprendido há pouco tempo. Quando finalmente me dei conta do que se tratava, falei para elas pararem de fofocar sobre a vida alheia e “irem cuidar da vida delas”.

Elas ainda continuaram:

- Casal “Clarerto”!

Humberto e Clara eram os monitores mais novos de idade daquela temporada. É comum os acampantes ficarem formando casais entre os monitores, imaginando quem namora quem, quem já “ficou” com quem. Fazem constantes perguntas e tem curiosidade sobre nossa vida pessoal. É aconselhado pela empresa para que os funcionários, principalmente os monitores, que mantenham o máximo de descrição possível sobre a vida pessoal com os acampantes. Inclusive é proibido passar qualquer tipo de contato pessoal. Entretanto, é comum voltar para casa depois de uma temporada e ver o pedido de autorização de acampantes nas redes sociais. Esse distanciamento entre a vida pública e privada fica cada vez mais difícil de acontecer na era digital.

Por fim, os acampantes também se referem à vida amorosa de terceiros usando a gíria “OTP”. “OTP” é a sigla para “*One True Pairing*” (“Um Par Verdadeiro”, na tradução para o português). Se trata de uma gíria usada para se referir a casais que você torce para ficarem juntos, semelhante ao “shippar”. A diferença é que o “OTP” se trata de um casal favorito e muito pouco provável de acontecer. Geralmente se refere à casais da ficção em que cada um é de um filme ou livro diferente, ou que a união dos dois não faria o menor sentido na trama, sendo impossível de acontecer mesmo neste contexto fantasioso. Também pode ser usado para pessoas reais formando casais perfeitos ao olhar

de quem os elege, mas que nem sequer se conhecem ou que se encontram em situações na qual seu relacionamento é inviável.

É curioso perceber como um comportamento proibido e teoricamente banido do acampamento é tão presente nos termos das conversas dos acampantes. Os adolescentes que frequentam o espaço não deixam de conversar, almejar e até mesmo ter estes comportamentos amorosos e afetivos por conta da proibição. Pelo contrário, eles buscam formas de subverter o controle dos corpos e das emoções, procurando brechas para transgredir as regras do Corujas desafiando a disciplina constantemente reforçada pela rotina.

Por vezes, o sistema disciplinar não consegue dominar todos os possíveis efeitos de contrapoder que dela nascem e que formam resistências. As transgressões de ordem pessoal a regras institucionais são resposta ao poder de dominação destes corpos. E por mais que a distribuição dos acampantes e o posicionamento dos monitores durante as atividades se busque concentrar o máximo de vantagens e neutralizar os inconvenientes, o sistema disciplinar pode vir a encontrar problemas a resolver, para os quais a economia do poder não estava suficientemente aparelhada (Foucault, 2014).

Em meio a esse quadro, fica evidente as disputas sobre o corpo e o agir dos acampantes. Há uma negociação constante dos monitores com os acampantes para que estes não burlam as regras e ao mesmo tempo não se sintam reprimidos. Também há a negociação dos acampantes com os monitores para que sejam liberados, mesmo que de forma discreta, a satisfazerem as suas vontades.

Os monitores vigiam as atitudes dos acampantes, e caso escutem ou vejam algo que indique algum impulso de contato físico amoroso, logo sinalizam aos demais da monitoria para que todos fiquem atentos para que nada aconteça. Contudo, os acampantes se articulam para fugir da vigia dos monitores (e ocasionalmente com um consentimento velado do monitor), para que aconteça, por exemplo, um beijo escondido.

Muitas vezes esse beijo escondido entre os *crushs* do acampamento acontece no varal. O varal para pendurar as roupas fica atrás dos dormitórios tanto das meninas quanto dos meninos. Com o tempo os adolescentes foram percebendo que quando alegavam que iam ao varal pendurar as suas roupas, o monitor sempre liberava a saída do



acampante do quarto. Decorrente desta percepção, não demorou para que os adolescentes começassem a marcar encontros no varal.

Assim, o varal tornou-se estratégico para as subversões dos acampantes. Ao final do dia os adolescentes marcavam de se encontrar escondidos dos monitores para “ficar”. O território, que ficou conhecido pelos acampantes como ponto de encontro, se tornou uma forma para se referir a um casal que esteja se relacionando ou com expectativas de se relacionar amorosamente dentro do acampamento. Frases como “foram pro varal?” ou “eles se encontraram no varal?” remete a um entendimento que houve um encontro em que o casal se beijou.

O varal se tornou um código utilizado dentro do acampamento onde se sabe o que se quer dizer sem ser dito. Um código útil, que também pode ser negado caso alguém comprometedor escute, argumentando ingenuidade sobre existir outra forma de utilização do local, além de estender as roupas molhadas. Este espaço criado e codificado caracteriza uma subversão consequente da disputa da sexualidade entre os adolescentes e a supervisão da equipe de monitores, que representam a instituição adulta.

Este varal era tão geograficamente estratégico que com a ampliação dos dormitórios no acampamento, o novo chalé da coordenação foi posicionado logo atrás do varal, garantindo a sua visualização. Os acampantes agora terão que pensar em novas estratégias para subverter a vigia dos monitores.

O varal, inclusive, não era ponto de fuga apenas para os acampantes, como também para os monitores. Onde após os acampantes terem ido dormir, iam para o varal em busca de transgredirem as mesmas regras que eles faziam valer durante o dia. Em vista disso, a divergência da sexualidade dos monitores para a sexualidade dos acampantes é menor entre o que é abertamente permitido e o que ocorre por trás da cena. Ocorre assim, uma discrepância entre as regras e as práticas quando o assunto é corpo, controle e sexualidade, mesmo que publicamente prevaleçam os princípios de controle (Elias, 1990).

Com estas subversões relacionadas à sexualidade, os adolescentes negociam os sentidos sobre o corpo com o acampamento. Diversas vezes em conversas informais os funcionários envolvidos no trabalho com os adolescentes relatam surpresa com os envolvimento afetivos e amorosos que acontecem com os acampantes desta faixa etária.

Alegam que são muitos novos para terem estes comportamentos e que devem ser reprimidos pelos adultos representantes das instituições e seus familiares.

Os acampantes que demonstram este tipo de comportamento do qual é visto em nossa sociedade como um comportamento adequado somente aos adultos, são comentados entre a monitoria como muito “para frente”. Este comentário, como já referido anteriormente, sinaliza de que o acampante já incorporou muito do que é o universo adulto (principalmente o da esfera sexual), comparativamente com os outros acampantes de sua idade. Porém, com tantos casos de adolescentes expressando por meio de conversas com seus pares o interesse em passar por essas experiências amorosas e sexuais, coloco como questionamento se o comportamento se trata de uma apropriação da vida adulta, ou de outros modos de viver o afeto na adolescência.

O processo histórico civilizatório que se deu através das relações de poder de uma sociedade adultocêntrica, ditou os corpos e comportamentos apropriados condicionando-os a atitudes adequadas para cada faixa etária. Portanto, causam incômodo e desconforto aos adultos situações em que percebem comportamentos que estão fora destes padrões sociais estabelecidos em seus imaginários.

Nessa estrutura hierárquica as relações são tensionadas entre as classes de idade, havendo uma opressão de adultos sobre os adolescentes. Remete a um controle social das relações de domínio, em que a educação e as decisões sobre os comportamentos dos adolescentes são responsabilidade dos adultos (Duarte, 2012).

Dessa forma, dificilmente uma reivindicação de uma classe de idade oprimida historicamente, por um comportamento não condizente a uma norma de valores construída socialmente, terá a credibilidade para ser ouvida por aqueles que regem os corpos. Seria necessário encontrar fissuras frequentes nesta estrutura para que as subversões criadas e os comportamentos de transgressão fossem repetidos de tal forma que além de incorporados pelos adolescentes fossem aceitos pelos adultos. Com isso, cria-se um conflito nas relações de poder.

É importante salientar também de que a adultização acontece em outros comportamentos além dos relacionados à sexualidade. As maneiras adultas de se vestir, de pensar e de agir são valorizadas em nossa sociedade e constantemente imitadas pelas demais faixas etárias. Cada vez mais cedo, adolescentes têm absorvido códigos

comportamentais dos adultos, sendo encarado ou como parte do processo de maturação, ou como um “atropelamento” das fases de vida, a depender do interlocutor e do comportamento em questão. Todavia, insistentemente apenas comportamentos - considerados adultos - ligados à sexualidade são reprimidos, enquanto comportamentos relacionados à outras esferas são incentivados e bem-vistos.

No acampamento os comportamentos de acampantes que são interpretados como a frente de sua faixa etária pelos adultos, são códigos que trazem maior aceitação e liderança entre os seus pares. É por meio destes códigos e de sua sexualidade que os acampantes também se auto afirmam diante dos demais. O comportamento relacionado à sexualidade destes acampantes é, então, ambíguo: do mesmo modo que traz aceitação pelos seus pares, é reprimido pelos monitores. É entre esta dialética de comportamentos possíveis que os acampantes encontram formas de subverter o controle e produzir outros sentidos sobre o corpo.

### 3.3 FIT DANCE

Nas noites de boate geralmente sempre tocam as mesmas músicas no acampamento. Isso porque as músicas que eles mais pedem para ouvir e dançar são as do “*Fit Dance*”. Ao contrário do que eu imaginei – na primeira vez em que eu escutei a pergunta em forma de pedido “não tem *Fit Dance*?” - *Fit Dance* não se trata de uma banda ou um grupo musical. *Fit Dance* é um canal famoso do *YouTube*<sup>18</sup> que libera coreografias das músicas que mais estão tocando nas rádios. Sem entrar na questão de porquê algumas músicas fazem mais sucesso do que outras, esse canal é acessado por grande parte do público adolescente que frequenta o acampamento.

Mais uma vez suas referências de produtos culturais consumidos fora do Corujas são reproduzidos dentro daquele espaço. As músicas, que a maioria conhece e sabe a coreografia por meio do canal, ganham o caráter de uma experiência compartilhada. Códigos específicos do meio de convívio e da geração dos acampantes que são requeridos aos monitores. Pela proximidade de idade, frequentemente os monitores compreendem as referências por também fazerem parte de seu universo cultural.

---

18 Canais de *YouTube* são páginas pessoais ou empresariais vinculadas ao site em que os responsáveis por aquele canal podem produzir conteúdos diversos e divulgá-los em formato de vídeos pelo *YouTube*.

Isso demonstra como mesmo o Corujas sendo uma empresa pensada por adultos, os adolescentes carregam consigo para dentro do acampamento elementos próprios de sua classe de idade. Por mais que os adultos que gerenciam o espaço não consumam ou até mesmo não concordem com aqueles produtos da indústria cultural e outros símbolos compartilhados pelos adolescentes, existe uma demanda por eles. Diante disso, se formam as disputas e negociações dos signos que irão prevalecer naquele espaço.

A adolescência se produz entre as instituições próprias do mundo adulto, como a família, a escola e os meios de comunicação, como também se constrói em instituições do mundo jovem, em seus grupos de pares com o intercâmbio virtual e das culturas juvenis. Neste sentido os consumos culturais dos adolescentes oferecem um repertório de símbolos que permitem a apropriação pessoal e a identificação pelo grupo, pois funcionam como interpeladoras ativas de um processo de construção das identidades (Urresti, 2011).

Esta construção está correlacionada à uma identificação com o grupo que se convive, colocando o indivíduo para além de um ser único, mas também como um ser inserido no coletivo (Leon, 2004). Nas relações dos adolescentes dentro do acampamento fica perceptível que geralmente há uma necessidade de ser aceito pelos seus pares. Noto que existem símbolos de identidade que são estimados para a inserção no grupo entre os acampantes, dentre os quais a habilidade na dança, mais especificamente as coreografias do *Fit Dance* para músicas de funk são valorizadas.

Os produtos de consumo são usados ativamente para afirmar prestígio, status e pertença a grupos sociais específicos. A temporada de férias vendida pelo Corujas é um produto de lazer, da mesma forma que as coreografias dançadas pelos bailarinos do *Fit Dance* em seu canal. Essa identificação que acontece com os adolescentes e seus pares durante a boate no Corujas diz respeito a um compartilhamento de um consumo de signos em comum.

Para Magnani (2002) os signos que presidem o uso do tempo livre por intermédio dessas formas de lazer, representam uma oportunidade de encontro. Estes signos estabelecem e exercitam regras de reconhecimento entre os pares. Os adolescentes que dançam e compartilham do gosto pela música funk se reconhecem como portadores de um mesmo símbolo. O compartilhamento desses símbolos garante uma rede de

sociabilidade que remete a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes.

Com efeito, é por meio de suas roupas, das falas, da postura corporal e das preferências musicais que os adolescentes demonstram pertencimento a um determinado espaço social. Este espaço se trata de um território marcado para a construção e o fortalecimento de laços. É um ponto de encontro de iguais, que são exercitados uso de códigos comuns e a apreciação de símbolos escolhidos como marcador das diferenças (Magnani, 2002).

Estes marcadores de diferença são símbolos escolhidos de uma cultura juvenil produzida e consumida hegemonicamente. Entretanto, se tratando do consumo do canal *Fit Dance* pelos acampantes, se trata de um produto adulto consumido pelos adolescentes do acampamento.

O termo “cultura juvenil” nos direciona aos aspectos culturais da juventude. A cultura não é estática e nem única entre os jovens. Pelo contrário, ela se transforma e se modifica cada vez mais rápido com diversas influências em um mundo predominado pelo digital (Feixa, 2014), e o *Fit Dance* é exemplo disso. No entanto, se interpretarmos o canal *Fit Dance* em si, ele pode ser considerado como parte de uma cultura dominante. Uma cultura que se auto representa enquanto cultura única, tentando definir e conter todas as outras culturas impondo suas visões de mundo. Ao menos que estas culturas sejam desafiadas, elas estabelecem como as mais naturais, as mais abrangentes, e como culturas hegemônicas (Clarke et al., 2003).

Todavia, se analisarmos a apropriação e reprodução das coreografias como símbolos de valor estabelecidos por aqueles adolescentes, podemos considerar aquela demonstração do corpo habilidoso como produto de uma subcultura, em disputa com a cultura dominante. Tendo em vista que a cultura dominante não aprova o corpo e o comportamento do adolescente sexualizado, pode-se olhar pela perspectiva de uma outra configuração cultural que não é subordinada ao comando da dominante. Ela irá entrar em atrito com ela, procurar modificar, negociar, resistir ou ainda se sobrepor à sua hegemonia (Clarke et al., 2003).

Assim, as boates são tomadas pelas danças e coreografias do canal, se tornando inclusive um símbolo de status entre eles de quem sabe dançar a coreografia. Percebendo

os corpos dançando todos iguais nas noites de boate no acampamento, notei que existe um valor atrelado aos corpos habilidosos e sensuais. Saber a coreografia do *Fit Dance* é um símbolo de status e de inserção social entre os acampantes.

O canal se popularizou tanto que muitas academias começaram a oferecer aulas de *Fit Dance*, ensinando as coreografias do canal. Inclusive uma das monitoras do Corujas é professora de *Fit Dance* em uma dessas academias. Bianca foi acampante, e atingindo a idade máxima permitida para frequentar o acampamento enquanto tal, se tornou monitora. Atualmente trabalha paralelamente como professora de *Fit Dance* e recreadora no Corujas, levando muitos de seus alunos para ao acampamento.

Ainda, existe um outro canal no *YouTube* chamado *Fit Dance Kids*, vinculado ao *Fit Dance*. Neste outro canal as músicas coreografadas são as consideradas adequadas pelos gerenciadores do canal para a idade dos dançarinos. Porém, os adolescentes que consomem o canal acessam o portal *Fit Dance*, ou seja, o adulto, visto como hegemônico já que não é necessário especificá-lo.

Para se ter uma noção da abrangência do *Fit Dance* entre os frequentadores do Corujas, dois dançarinos do *Fit Dance Kids* foram convidados gratuitamente para a temporada de férias em troca da divulgação do acampamento em suas redes sociais. Esta imagem dos dançarinos vinculada ao acampamento busca um status pela sua presença na temporada e atinge a grande quantidade de seguidores que eles têm em seu canal. Apesar de os dançarinos não se valerem de sua fama durante a temporada de férias, com um deles inclusive se recusando a dançar diversas vezes quando pedido pelos monitores e acampantes.

O departamento de marketing do Corujas acredita que essa divulgação via *digital influencers*<sup>19</sup> seja efetiva na busca de um maior número de inscritos na temporada de férias. Não sabemos ao certo qual o resultado desta estratégia, mas em nenhum momento percebi os acampantes oriundos do *Fit Dance Kids* serem tratados como celebridades por outros acampantes.

O saber dançar pagode, funk e axé de acordo com um padrão de movimento, é muito valorizado e imbricado na cultura dos corpos entre os adolescentes que frequentam

---

<sup>19</sup> *Digital Influencers* são pessoas que se comunicam através de redes sociais e têm grande influência sobre padrões de consumo e comportamento.

o Corujas. A grande maioria deles dançam e as coreografias são frequentemente com movimentos sensuais. O passo de dança “sarrada no ar”, por exemplo, é feito em diversas vezes no decorrer do dia mesmo em momentos em que não está tocando música. A “sarrada no ar” é um movimento feito com o quadril, jogando-o para frente enquanto as mãos em paralelo vão em direção à genitália no sentido contrário. É um passo de funk com referências ao ato sexual e se popularizou através dos *Mcs*<sup>20</sup>. Acredito que os adolescentes têm a percepção desta referência à cópula que o passo de dança traz, e os usam como forma de auto-afirmação por dois códigos prováveis: o de conhecer um passo de funk que está famoso mostrando que sabe dançar; ou de demonstrar aos colegas de que tem o conhecimento do ato sexual e a intenção de realizá-lo.

Tanto o corpo que dança quanto o corpo sexualizado são valorados pelos seus pares. Determinados corpos e determinadas habilidades com o corpo podem definir hierarquias entre os acampantes, lugares de empoderamento perante si e os adultos. Noto que para os adolescentes o corpo é descoberto como meio de sedução, como objeto de posse, cuidado e ornamentação. Enquanto que para as crianças o corpo é visto muito mais como instrumento, como meio de jogar, brincar e se locomover. Há uma transição sutil de um para o outro, assim como a utilização dos termos “criança” e “adolescente” para se referir a um indivíduo quando considerada suas dimensões sociais.

Essa transição da infância para a adolescência, e da adolescência para a idade adulta, é notada pela maneira que os adolescentes se percebem, expondo através de falas e comportamentos suas transformações constatadas a partir do corpo.

O corpo é o nosso primeiro instrumento e é o operador de todas nossas práticas sociais. Ele ocupa contemporaneamente um novo espaço de importância na sociedade ocidental. Há no imaginário cultural, gestos, posturas, hábitos, vícios e expressões, que reconhecem o sujeito como membro de um grupo social (Novaes, 2006). Para Novaes (2006) o corpo da moda surge como um dos maiores símbolos deste tipo de inserção.

Cada adolescente, em seu universo pessoal e segundo sua posição social, reúne signos que o mercado de bens de consumo, das mídias, da publicidade e das atitudes de atores de sua categoria social lhe oferecem. Sendo assim, o corpo não é mais um destino

---

20 MCs (com a pronúncia “emicis”) significa Mestre de Cerimônias. O acrônimo é usado pelos cantores de música funk.

ao qual abandonamos, ele é um objeto que fabricamos à nossa maneira. O corpo funciona então como uma superfície de projeção onde o adolescente por meio de construções e representações sociais, age simbolicamente sobre o mundo que o cerca (Le Breton, 2016).

Essa ação é vinculada à ação de seus pares. O adolescente vendo seus pares dançarem e tendo a admiração dos demais, faz uma “imitação prestigiosa” daquele comportamento em que ele percebe obter sucesso em seu meio (Mauss, 1934). O historiador Elias (1990) descreve como ao longo da civilização surge uma tendência cada vez maior das pessoas de se observarem e observarem aos demais, moldando seu comportamento embasando-se no comportamento de outrem. Desta forma, há um condicionamento e uma padronização dos corpos dos adolescentes característicos do seu meio de convívio.

Esse corpo que se padroniza, se modela, se treina e se torna hábil, se transforma em objeto de poder (Foucault, 2014). Ele se manifesta por um dançar coreografado nas noites de boate do Corujas, faz contraponto com os corpos que se declaram não habilidosos na dança, e se recusam a participar. Há outros, entretanto, que participam, mas a sua maneira, com danças próprias ou até mesmo ridicularizando a si mesmos, fazendo também uma crítica indireta aos outros que dançam todos iguais.

Vinão faz parte dos que dançam ao seu modo. Sempre muito participativo não tem a vergonha de se expor. Obeso, faz da sua barriga a sua identidade, fazendo questão de tirar a camiseta nas apresentações artística do acampamento em que aparece. Em uma ocasião desenhou a letra “V”, inicial de seu nome, em volta de seu umbigo. Para Ennes e Marcon (2014) nos processos identitários os atores estabelecem relações de disputa no poder de nomear, autoneamar-se e aceitar ou resistir à nomeação imposta pelo outro. Vinão faz questão de ser chamado pelo apelido ao invés de Vinícius. Ele não parece se incomodar com a exposição, inclusive parece que gosta dela e de chamar a atenção.

Léia, uma das acampantes mais veteranas também diz abertamente que não sabe dançar e inventa passos não convencionais para quem quiser se juntar a ela. Seu passo “símbolo do infinito” em que é feito o símbolo do infinito com o quadril sem movimentar os pés no chão, atraía várias acampantes a fazerem a dança junto com ela ao invés de



reproduzir a coreografia do *Fit Dance*. Dançavam dando risada e convidavam outros para fazerem o “símbolo do infinito” junto.

Léia e Vinão são só dois exemplos de acampantes que fazem uma “contracultura” ao *Fit Dance* e não deixam de dançar por não saberem a coreografia da maioria. Mas é perceptível que muitos se acanham e preferem não dançar por não se sentirem habilidosos o suficiente.

Marina tem 11 anos e diferentemente dos seus pares que estão compartilhando o quarto com ela, apresenta uma atitude mais ingênua e tem um comportamento relacionado a um universo infantil. Em uma apresentação de seu quarto, Marina perguntou para mim se era obrigatória participar da dança que as meninas tinham montado. Respondi que gostaria muito que ela dançasse, mas que era uma escolha dela. Ela respirou aliviada e se sentou no mesmo momento, deixando claro a sua opção. Tive a impressão que pelo fato de seu corpo não corresponder a uma expectativa padronizada de beleza, e se sentir diferente do restante das outras garotas, Marina optou por não se expor.

Gilda, por sua vez, dançou com as colegas, mas a monitora Luiza me contou que logo depois a acampante saiu correndo do refeitório e se trancou no banheiro, dizendo que iam “gastar” com a cara dela. A expressão “gastar” significa zombar, rir da pessoa. Gilda, assim como Marina, demonstra comportamentos relacionados a um sentimento de vergonha ao próprio corpo. Um corpo não aceito em um momento de transição onde “fazer parte” é tão importante quanto na adolescência, se traduz em um medo da exposição e de serem ridicularizadas pelos seus pares.

A boate é um momento privilegiado para que ocorra uma autoafirmação diante do grupo através do corpo habilidoso, como também um momento que pode não ser apreciado por quem não se percebe auto eficaz para a dança, ou até mesmo não tem afinidade com a prática. Mas geralmente é um dos acontecimentos mais esperado na temporada pelos acampantes, onde eles se observam e se exibem para os seus pares, demonstrando e vendo corpos habilidosos e sexualizados.

Entretanto, qual a minha surpresa quando em uma das boates dos adolescentes de 13 a 17 anos, eles pedem para diminuir o som porque preferem ficar conversando. Começam a pedir para tocar músicas de bandas como Abba, Queen e The Beatles ao invés do sempre pedido *Fit Dance*. No dia seguinte brinquei com eles que deveria propor

bingo e dominó como atividade noturna, por conta de ser um grupo que não correspondia às “expectativas de sua idade”. Eles adoraram a ideia, brincamos que poderia ter a “Noite do Bailinho da Terceira Idade” na programação deles, mas nunca chegou a acontecer de verdade. Contudo, foi um episódio único em meio a tantas boates em tantas temporadas.

Este caso demonstra como existe um entendimento estereotipado na recreação, e nos produtos de lazer em geral, sobre as fases de vida. Percebo o ocorrido como uma transgressão quanto às expectativas sobre “o que é ser adolescente” pelos próprios adolescentes. Em um contexto em que é esperado que eles consumam as coreografias e músicas tocadas no canal do *Fit Dance*, e que queiram paquerar e se exprimir sexualmente, eles decidem por quebrar esse estereótipo. Fazem graça e colocam suas relações sob uma outra dinâmica.

No entanto, mesmo tendo adolescentes que não aderem à alguns modismos como os seus pares, o *Fit Dance* se trata de uma linguagem em comum para aqueles adolescentes. Mesmo com alguns se recusando a dançar e a participar daquela manifestação cultural, eles compreendem seus códigos. Desta forma, o *Fit Dance* pode ser considerado enquanto uma linguagem desta geração.

O *Fit Dance* como outras manifestações da linguagem da geração atual, mostra como esta é marcada por um fetiche da exposição dos corpos. Mas não se trata de todos ou qualquer corpo, mas um corpo específico: um corpo habilidoso, saudável, belo, descolado e feliz. Estes corpos circulam tanto presencialmente no cotidiano destes adolescentes quanto virtualmente, sendo uma geração que tem como característica estar constantemente conectada. Mesmo os acampantes não tendo acesso aos seus celulares, nota-se que eles estão frequentemente trazendo elementos do virtual para o real, havendo uma conexão fluida entre as ações diárias e a internet. Se trata de uma linguagem compartilhada construída tanto nos diálogos presenciais quanto nos aplicativos.

O Corujas assim como o *Fit Dance* possui um canal no *YouTube*, uma página do *Facebook* e uma conta no *Instagram*, buscando uma proximidade com o seu público alvo. As duas empresas têm em comum os adolescentes enquanto consumidores. Apesar de existir uma distância entre os dois produtos, a reprodução adultocêntrica acontece em ambas, nas quais não há uma participação dos jovens na formulação do produto, sendo apenas apresentado para consumo.

No entanto, existem disputas de poder e transgressões relacionadas às danças do *Fit Dance* por vários ângulos: por aqueles que demonstram um corpo sexualizado mesmo os adultos acreditando ser um comportamento inadequado; pelos adolescentes que dançam de sua forma demonstrando não se importarem de não seguir os corpos dos demais; por aqueles que se recusam a dançar por acreditar terem outras atividades mais interessantes. Portanto, a noite da boate se mostra como mais um momento de negociação de poder sobre os significados dos corpos dos adolescentes acampantes do Corujas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento desta pesquisa observei sete temporadas de férias do Corujas. Interessava-me compreender as negociações e disputas de poder sobre o corpo entre os adolescentes e seus monitores em acampamentos educativos de lazer. Procurei entender quais são os motivos que levavam ao questionamento e ao embate, e quais os significados que os adolescentes frequentadores deste espaço dão ao corpo e como eles vivenciam estes entendimentos.

No primeiro capítulo desta dissertação contextualizei o acampamento educativo em que foi feito o campo etnográfico, relatando a história do surgimento destas instituições até chegarem ao Brasil, e discutindo a sua proposta social na atualidade. Em seguida explanei sobre os adolescentes que frequentam este acampamento. A adolescência foi tratada enquanto construção social e como um momento de transição de vida, em que conflitos específicos relacionados ao corpo são característicos desta fase. A partir disso trouxe o aporte teórico para demonstrar a perspectiva antropológica que me interessava utilizar para a análise das relações de poder. Com isso, abordei definições das ciências sociais de corpo e poder e discuti suas relações dentro do contexto das temporadas de férias no Corujas.

No segundo capítulo foram apresentadas as relações interpessoais que acontecem no acampamento, demonstrando como são construídas e vivenciadas em meio a um sistema disciplinar e uma rotina intensa. As regras do acampamento regem os comportamentos dos adolescentes, enquanto a rotina é uma prática primordial para a disciplinarização dos corpos. Assim, verifiquei no Corujas uma estrutura hierárquica adultocêntrica que estabelece uma rotina bem definida, com um sistema de regras e punições combinadas às relações de poder para que os corpos e emoções sejam controlados.

Por fim, após contextualizar e caracterizar o campo nos capítulos anteriores, no terceiro e último capítulo destaco três elementos do comportamento destes adolescentes: as “resenhas”, os “*crushs*” e o “*Fit Dance*”. Procurei demonstrar por meio destes, como que os acampantes transgridem as regras e a rotina disputando as relações de poder

dentro do acampamento e quais as negociações e embates dos acampantes com os monitores, e dos acampantes com eles mesmos.

As disputas sobre o corpo nestas instituições de lazer demonstraram operar na vida destes adolescentes de forma a reforçar o condicionamento de padrões sociais de comportamento. São adolescentes que, em sua maioria, frequentam escolas particulares, moram em condomínios fechados, e têm centros de convívio onde são monitorados todo o tempo, ou seja, são acostumados com espaços em que a vigia adulta é constante. Porém, eles criam estratégias para burlarem essa vigia, transgredindo as expectativas de comportamento para a sua faixa etária. Buscam por meio de subversões agirem de acordo com as demandas de seus corpos e emoções, reivindicando a expressão de sua autonomia e de sua sexualidade, aspectos dos quais são frequentemente ignorados ou negados em sua fase de vida.

Os adolescentes se utilizam de atividades e do espaço do acampamento para se colocar enquanto protagonistas, negociando as vozes de comando na rotina disciplinar do Corujas. O jogo Viuvinha, as “resenhas”, e o varal, são exemplos destas releituras em que os adolescentes estipulam significados distintos dos originais impostos pela instituição, se comportando de uma maneira mais próxima aos seus interesses e vontades. Dessa maneira, demonstram ter seus códigos próprios de interação agindo de forma estratégica nas relações hierárquicas e entre eles mesmos. Muitas vezes através de seus discursos e atos demonstravam ter a percepção de quando estavam sendo controlados e que compreendiam as relações de poder que haviam entre eles e os monitores. Negociavam e exerciam este poder manipulando as percepções dos monitores e de seus pares sobre suas atitudes e intenções. Portanto, as relações de poder do acampamento se constroem em meio a um campo de negociações em que se forma uma rede de afetividade na qual se intercalam momentos de horizontalidade e hierarquia.

Compreendo o impacto dessas experiências em acampamentos educativos nos adolescentes de forma ambígua. Enquanto que podem ser vistas como experiências positivas por trabalharem valores da sociedade civilizada, e estimularem comportamentos vistos como importantes em nossa contemporaneidade, também pode-se questionar a forma e o porquê destes valores serem abordados e a autonomia dada para estes acampantes. Da mesma maneira em que os pais e a instituição procuram moldar estes

adolescentes de forma a contemplar aspectos bem vistos em seus contextos sociais, eles ignoram ou reprimem comportamentos reivindicados por eles.

Os modelos colocados pelos adultos enquanto ideais na adolescência frequentemente não respeitam a integridade do indivíduo. Há um reforço de padrões de comportamento dentro do acampamento por meio de um modelo de “acampante ideal”, sendo aquele que não questiona as hierarquias e aceita as propostas feitas pelos monitores. São adolescentes que muitas vezes se ajustam às regras do acampamento e confiam no produto vendido pelo Corujas, o colocando como um “lugar mágico” em que se sentem acolhidos.

Portanto, mesmo que evidenciada uma estrutura hierárquica e disciplinadora atuante no acampamento, as vivências não são apenas negativas para estes adolescentes, elas também trazem benefícios sendo na maioria das vezes interpretadas como positivas. Geralmente são benefícios correlacionados a um sucesso dentro dos moldes da sociedade atual – que também se apresenta enquanto adultocêntrica. O acampamento não é isolado das relações convencionais que ocorrem diariamente nos meios de convívio dos monitores e dos adolescentes que frequentam o Corujas, é um fragmento de uma realidade que reflete um tipo de sociedade.

Percebo esta pesquisa como um meio para representar estes adolescentes e suas reivindicações dentro de uma instituição e sociedade adultocêntricas. O embate e a disputa de significados e comportamentos são constantes dentro destes espaços onde o adolescente busca sua autonomia nas relações em que ela é regulada. Dessa forma, os adolescentes se colocam e se reivindicam enquanto indivíduos integrais com as suas percepções e convicções de mundo, e não enquanto indivíduos em construção para a fase adulta a serem moldados conforme padrões sociais.

Acredito que as análises destas disputas de poder têm uma relevância por demonstrarem a partir das dinâmicas das relações humanas um entendimento de uma estrutura social. Demonstro uma forma de compreensão das estruturas adultocêntricas e da disciplinarização dos corpos através de produtos de lazer. Compreendo como um novo olhar para essas instituições que normalmente são pesquisadas por profissionais da área da educação e da educação física com outro enfoque. Isso pode causar desconforto nos gerentes e proprietários destes espaços por nunca os terem analisado por este viés, como

também, podem não concordar com minha argumentação. Velho (1981) afirma que o etnógrafo quando estuda o que está próximo à sua própria sociedade, expõe-se a um possível confronto com representantes dos universos que foram investigados, e que estes podem discordar das interpretações de sua pesquisa.

Espero que as reflexões que surgiram a partir desta dissertação sejam úteis para pensar na adolescência de outras perspectivas assim como nas instituições adultocêntricas e suas percepções sobre elas. Existem poucos estudos antropológicos e sociológicos que analisam a concepção da adolescência e estas propostas institucionais de lazer, se fazendo necessário produzir mais pesquisas para entender como funcionam estas instituições, como que elas definem os adolescentes, e para quem e o que seus serviços são destinados. Seria interessante explorar estas relações também pelo viés dos marcadores sociais de gênero e etnia em pesquisas futuras, podendo render ainda mais análises relevantes para discussão.

## REFERÊNCIAS

ABAE. **Associação brasileira de acampamentos educativos**. Disponível em: <http://www.abae.org.br> Acesso em: 10 set. 2017

ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. São Paulo, Editora Zahar, 1988.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Fatos e mitos. 4ª edição. Tradução de Sérgio Milliet. Difusão Europeia do Livro. São Paulo. 1970.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. 1ª ed. São Paulo, Edusp; Porto Alegre, Zouk. 2007.

BRACHT, Valter. **A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista**. Revista Brasileira de Ciência do Esporte 7(1) 62-88, 1986. Disponível em: <https://sitealanrocha.files.wordpress.com/2009/07/a-crianca-que-pratica-esporte.pdf>

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990.

BRASIL. **Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas**. Lei nº 12.852/2013. Brasília, Senado Federal, 2013.

CHAMLIAM, L. A. **Políticas públicas de educação e a formação para o conviver: o acantonamento como uma boa saída da escola**. Dissertação de mestrado. Universidade da Cidade de São Paulo, 2005.



CLARKE, John; HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony; ROBERTS, Brian. **Subcultures, cultures and class: a theoretical overview**. The Centre for Contemporary Cultural Studies, Universidade de Birmingham. Taylor & Francis e-Library, 2003.

CLIFFORD, James. **Sobre a autoridade etnográfica**. In: A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Ciências Sociais passo a passo 57. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DUARTE, Claudio Quapper. **Sociedades adultocéntricas: sobre sus orígenes y reproducción**. Última década nº36, cidpa valparaíso, julio 2012, pp. 99-125.

DUBAR, Claude. **Agente, ator, sujeito, autor: do semelhante ao mesmo**. In: Desigualdade e Diversidade: Revista de Ciências Sociais da Puc-Rio, no. 3, julho\dezembro, 2008.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. Editora Perspectiva. São Paulo, 1976.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes**; tradução: Ruy Jungmann; revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ENNER, Marcelo Alario. MARCON, Frank. **Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder**. Sociologias, Porto Alegre, ano 16, no 35, jan/abr 2014, p. 274-305.

FEIXA, Carles. **Generación XX. Teorías sobre la juventud en la era contemporánea**. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud. Vol. 4, Nº. 2:..., 2006.

FEIXA, Carles. **De la generación @ a la #generación: la juventud en la era digital**. Ned Ediciones, Barcelona, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete, 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. *A Interpretação das Culturas*, 1973. P. 13 – 41.

GOLDENBERG, Mirian. **Gênero e corpo na cultura brasileira**. *Psic. Clin.*, Rio De Janeiro, Vol.17, N.2, P.65 – 80, 2005a.

GOLDENBERG, Mirian. **Dominação masculina e saúde: usos do corpo em jovens das camadas médias urbanas**. *Ciênc. saúde coletiva*. vol.10, n.1, pp.91-96. 2005b.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LEON, Oscar Dávila. **Adolescencia y juventude: de las nociones a los abordajes**. Última Década, nº21, Cidpa Valparaíso, dezembro 2004, PP. 83-104. Disponível em <[https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-22362004000200004](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362004000200004)>. Acesso em: 15 de ago. de 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Tradução de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Nacional, 1976.

LIMA, Marisa Mello de. **Do corpo sob o olhar de Bourdieu ao corpo contemporâneo**. Corpo e práticas corporais: entre os conceitos e a realidade. IV Seminário Nacional Corpo e Cultura. Goiânia, GO. 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 17, n. 49 - São Paulo, junho de 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudo do Lazer: uma introdução**. Campinas SP, Autores associados 2002.

MARGULIS, Mario e URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. pags. 13 a 30, en el libro Mario Margulis (ed): **La juventud es más que una palabra**, Ed. Biblos, Buenos Aires, 1996.

MAUSS, Marcel. **As Técnicas Corporais**. Revista Sociologia e Antropologia, 1934. P. 211 – 233.

MEAD, Margaret. **Coming of age in Samoa**. A Psychological Study of Primitive Youth for Western Civilisation. Perennial Classics. 2001.

NASCIMENTO, C. M., PRÓCHNO, C. C. S. C.; SILVA, L. C. A. **O corpo da mulher contemporânea em revista Fractal, Rev. Psicol.** Rio de Janeiro, vol.24 no.2, Mai/Aug. 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Editora Unesp. 2ª edição, 2000.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude: alguns contributos**. Análise Social, vol. XXV (105-106), 1990. (1.º, 2.º), 139-165.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares. **O papel do monitor de acampamentos como educador**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, 2011.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares; CARNICELLI-FILHO, Sandro. **Outdoor Activities in Brazilian Educational Camps**. Routledge International Handbook of Outdoor Studies. Editado por Barbara Humberstone, Heather Prince, Karla A. Henderson. Routledge, 2015.

PIRES, Flávia F. **O que as crianças podem fazer pela antropologia?** Horizontes Antropológicos (UFRGS. Impresso), v. 34, 2010. p. 137-157.

ROCHA, Everardo. P. Guimarães. **Magia e Capitalismo: um estudo antropológico da publicidade**. Editora Brasiliense, Brasília, 1990.

ROSALES, Marta Vilas. **Cultura material e consumo: uma introdução**. Celta Editora, 1ª ed. Lisboa, 2009.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press. 1989.

SILVA, Renata Laudaes. **Atividades recreativas em acampamento de férias**. In G. M. Schwartz (Ed.) Atividades recreativas (pp. 72-93). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

URRESTI, Marcelo. **Adolescentes, jóvenes y socialización: entre resistencias, tensiones y emergências**. Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades. Juarez Dayrell, Maria Ignez Costa Moreira, Márcia Stengel (Orgs). Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

VELHO, Gilberto. **Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas**. In, Individualismo e cultura. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

VIEIRA, J. A.; **A identidade da mulher na modernidade**. *Delta*, vol.21 no.spe São Paulo 2005.

VIVOLO-FILHO, M. A. **Acampamentos no Brasil: aspectos históricos e importância social**. Dissertação de MBA. Universidade de São Paulo, 2003.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify. 2010. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/sergepahaut/a-invencaodaculturaroywagner>>. Acesso em: 01 de dez. de 2017.

WEISHEIMER, Nilson. Sociologia da Juventude. Cap. 1 **A construção social da juventude**. Org. Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Curitiba: Ibplex, 2009. 216p.:il.